Diário de Lisboa

ANO 55.º/18 924 4$00

SEXTA-FEIRA 21 NOVEMBRO 1975

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

C.R. MANTÉM A AMBIGUIDADE

"GUERRILHA" CONTINUA COPCON COMO FICA?

• Vasco Lourenço no comando da Região Militar de Lisboa
• Governo que não governa é... "repreendido"
• Provável remodelação do VI • A.M.I. extinto

Embora não tenha sido divulgado até ao fim da manhã qualquer comunicado oficial relativo à reunião do C.R., que decorreu entre as 16 horas de ontem e as 5 da madrugada de hoje, fontes próximas daquele órgão político-militar referem ter sido deliberado, nomeadamente, a entrega do comando da Região Militar de Lisboa ao capitão Vasco Lourenço, a neutralização do Regimento da Polícia Militar, a dissolução do A.M.I., a retirada de Lisboa das Escolas Práticas de Administração Militar e de Serviço de Material e a concessão de mais 90 dias à Assembleia Constituinte para conclusão dos seus trabalhos.

Acerca do Governo e do seu «lock-out» (greve patronal) o C.R. entendeu dar-lhe uma repreensão seguida de remodelação... ignorando-se entretanto qual o alcance da «remodelação»!

. Quanto ao general Otelo caber-lhe-ia o comando do Copcon, limitado apenas aos regimentos de comandos e pára-quedistas e à força de Fuzileiros do Continente. Recorde-se que Morais e Silva havia decidido licenciar os pára-quedistas e que os comandos continuam, por sua vez, sob o comando do coronel Jaime Neves.

Embora na prática o A..M.I. não tivesse grande hipótese de funcionamento, círculos próximos da esquerda militar consideram positiva a sua extinção pública e sublinham que o Copcon manterá a sua operacionalidade a nível nacional podendo intervir, caso seja necessário, em qualquer região do País.

Em contacto, por outro lado, esta manhã com porta-vozes da E.P.A.M., da P.M. e do Regimento dos Pára-quedistas, foi-nos frisado que tais unidades não vergarão face a quaisquer manobras de teor reaccionário no sentido da sua neutralização.

A confirmarem-se entretanto as decisões do C.R., e respectivo cumprimento, a direita civil e militar veria satisfeitas, no essencial, as suas exigências pois a entrega do comando da Região Militar de Lisboa a Vasco Lourenço dá-lhe (teoricamente) aquilo que Pinheiro de Azevedo, após significativo diálogo com os jornalistas à saída ontem de Belém, diria sobre as condições mínimas exigidas a Costa Gomes: «reforço da autoridade militar em Lisboa e alguns pontos fulcrais».

Relativamente ainda ao «lock-out» governamental sabe-se de uma reunião da manhã de ontem em casa de Mário Soares de todos os membros do VI Governo afectos ao P.S. A fonte que nos deu a informação sugere que tal encontro teve como objectivo preparar a decisão do Governo como forma de chantagem e pressão sobre Costa Gomes e para reforço da posição dos «nove» na reunião do C.R.

Recorda-se por outro lado a informação do correspondente do «Pueblo» em Lisboa, Raul del Pozo que indica, a propósito do golpe denunciado há dias pela Comissão Revolucionária do Norte: «Há certos indícios — refere o jornalista espanhol — de que o golpe estava em marcha e que tanto a Igreja como o Partido Socialista, o Partido Popular Democrático como o C.D.S., os grupos direitistas protegidos por interesses internacionais como a maior parte do Exército do Norte não estariam alheios à intentona. Teria sido, ou ainda poderá ser um típico pronunciamento militar com o argumento de defender as liberdades e os órgãos de soberania democrática».

ENTRETANTO...

O POVO EXIGE EM BELÉM SOLUÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Páy. 5

Últimas

O COMUNICADO

Ao fim da manhã foi distribuido, pela Direcção-Geral da Informação, o seguinte comunicado sobre a reunião do Conselho da Revolução, que decorreu entre as 16 horas de ontem e as 5 da manhã de hoje, no Forte de S. Julião da Barra:

1.º — O C. R. estudou atentamente a actual crise política, reconhecendo a sua gravidade e os grandes inconvenientes que poderá trazer para a estabilização e desenvolvimento do País e da Revolução, se não for rapidamente resolvida.

2.º — No âmbito de uma estratégia global para resolução da crise resolveu recomendar que se encetem imediatamente negociações com os partidos políticos, de forma a encontrar-se uma plataforma de equilíbrio para satisfazer as justas preocupações das classes trabalhadoras e que poderá envolver convenientes remodelações no Governo.

3.º — Quanto ao Sexto Governo, reconhecendo embora as dificuldades que se têm levantado ao seu exercício e reprovando certas formas de luta de que tem sido alvo, reprovou igualmente a sua atitude de suspensão de actividades que considerou não consentânea com as suas responsabilidades para com o País, e decidiu que, por intermédio do Primeiro-Ministro, se consiga que retome o seu exercício normal até resolução da crise actual.

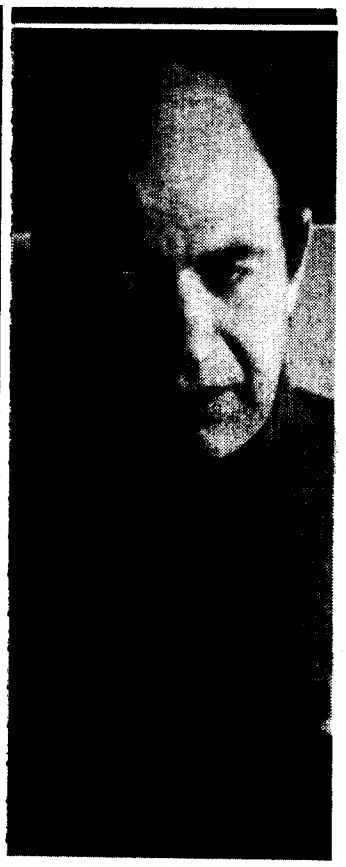
4.º — Sobre a projectada reestruturação dos comandos militares foi decidido nomear, com a concordância do chefe do Estado-Maior do Exército, e do comandante do Copcon, o capitão Vasco Lourenço para comandante da Região Militar de Lisboa, o qual, para o efeito, é graduado em brigadeiro.

O comando do Copcon continua entregue ao general Otelo Saraiva de Carvalho que além do comando operacional das regiões militares e das unidades atribuidas pelos três ramos das Forças Armadas, verá aumentadas as suas atribuições na direcção superior do projecto de Aliança Povo/M. F. A.

No mesmo âmbito foi decidido dissolver imediatamente o A. M. I.

5.º — O C. R. decidiu ainda que, para concretização imediata e ordenada da primeira fase do projecto da Aliança Povo/M. F. A., se nomeie uma comissão dependente da quinta divisão do E. M. G. F. A. para elaborar a regulamentação e instituição das organizações populares unitárias de base, a nível local.

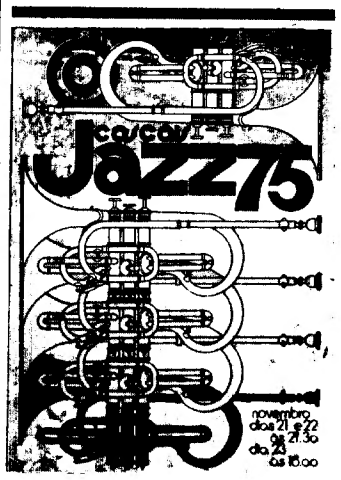
6.º — O C. R. apreciou também um pedido do presidente da Assembleia Constituinte para prorrogação do prazo de elaboração e aprovação da constituição e aprovou uma lei constitucional e um decreto que permitem a porrogação desse prazo por mais 90 dias.



CORREIA JESUÍNO NO "DL"

"Do País real"

na pág. 3



CASCAIS JAZZ-75 COMEÇA HOJE

NOVA C.A. DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Pág. 20

2.ª EDIÇÃO

Nacional

ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

A ordem do dia também fez "lock out"?

. .Ontem, foi dia de mais uma originalidade. Deputados preocupadíssimos tiveram que abandonar o hemiciclo cerca das 17 horas, pois não tinham nada a discutir. Não havia articulado de discussão possível. De aprovação. A comissão ainda não tivera tempo. Mas estejam descansados: terça-feira apresenta. Eu sei que vai atrasar os trabalhos da Constituinte. Mas os deputados da comissão encarregada de apresentar matéria de discussão não tiveram tempo nenhum, nenhum.

. .É certo que falou Sottomayor Cardia «antes da ordem do dia» que não houve ordem do dia. Teria havido ordem? Teria havido dia? Na Constituinte tudo é possível.

. .Falou. O VI Governo tem de governar. Mesmo que «lock out» seja «lock out» e governar seja governar. É preciso que o M. F. A. dê cumprimento à palavra de honra do sr. Presidente. Palavras de Sottomayor Cardia. O P. C. esteve presente mas abandonou o hemiciclo. De protesto. O M. D. P./C. D. E., idem. Nas galerias havia assistência.

. .Em Belém, à altura, manifestantes (muitos).

. .Mas Sottomayor Cardia, insistia. Está-se a servir a contra-revolução. Afinal, quem são esses S.U.V.'s? Sottomayor Cardia também faz muitas perguntas.

. .Que a não-constituinte esteve chata, monótona, apenas cortada pela intervenção de Américo Duarte a declarar alto e bom som que o VI Governo já está morto e que o partido de Álvaro Cunhal tem sido um falso partido comunista, repito: a chateza e a monotonia foram as tónicas de uma constituinte sem poder constituir (que não havia quê). Ontem, exactamente ontem, tão animado pelo golpe de ficção do VI Governo que se suspende como essa raridade zoológica, a preguiça (de cabeça para baixo), de uma manifestação vigorosa da cintura industrial de Lisboa, da reunião longa do Conselho Superior da Revolução e da morte de Franco, «o noivo da morte», exactamente ontem, a Assembleia Constituinte não tinha trabalho para trabalhar. A ordem do dia fez também «lock out»?

. .E não dizemos mais. Eça de Queirós não terá possibilidades (é pena) de ler o «Diário das Sessões». Mas, a sério: ontem houve mesmo Assembleia e Constituinte?

R. R.

Jornalista abandona "O Comércio do Porto"

A jornalista Helena Policarpo abandonou «O Comércio do Porto». Trata-se de uma demissão e é uma atitude que se pretexta na orientação política que o jornal vem seguindo ultimamente — claramente favorável aos interesses das forças de direita, no entendimento mais comum.

«A quem servimos e quem encobrimos?» — pergunta entretanto Helena Policarpo, numa carta escrita e dirigida aos trabalhadores do matutino portuense. A carta responde: «Lançámos a campanha de descrédito sobre certas figuras do M.F.A. só a partir de determinada altura, ou seja quando as forças militares se dividiram publicamente e ganhou a facção com ideologia igual ou semelhante aos que orientam este jornal. Começou então a «dança» de Vasco Gonçalves (e ainda não parou), do Corvacho, da 5.ª Divisão, do Rosa Coutinho, do Otelo e agora do Fabião e de todos aqueles que não pertencem ao grupo dos «nove»... e aqui está patente a «independência de qualquer agrupamento político ou coligação de organizações» e mais ainda a não utilização de «linguagem ou crítica ultrajante». Supõe-se que a jornalista se refere ao estatuto editorial do «Comércio do Porto».

Noutro passo, escreve Helena Policarpo: «Hoje o jornal é o porta-voz de todas as forças conservadoras e de direita».

Adiada reunião da Informação

. .Devido a motivos imprevistos, ficou adiada para a próxima segunda-feira, às 21.30, a reunião de representantes de comissões de trabalhadores dos órgãos de Informação, a qual, como noticiámos, teria lugar ontem nas instalações da E. N. P.-«Diário de Notícias».

Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António Santos Labisa)

PINHEIRO DE AZEVEDO AO TELEJORNAL

"O general Otelo não me interessa coisa nenhuma!"

Pinheiro de Azevedo também esteve em Belém, ontem, mas... de manhã. Com ele estiveram os ministros, do auto-suspenso VI, Vítor Alves e Pinheiro Farinha, respectivamente da Educação e da Justiça. O Telejornal entrevistou o Primeiro do VI. A conversa foi assim:

Jornalista — O sr. Presidente vem a Belém para dar um prazo ao general Costa Gomes para resolver o assunto?

Pinheiro de Azevedo — Questões dessa natureza, o sr. Presidente da República não as vai resolver sobre o joelho e, naturalmente, que eu não venho dar um «ultimatum» à Presidência da República. Até porque continuo a ser muito amigo do general Costa Gomes. Ele, portanto terá que pensar como vai resolver a crise provocada pelo VI Governo.

Jornalista — Sr. Primeiro-Ministro, já agora, como é que se poderá interpretar a presença nesta reunião do major Vítor Alves e do sr. ministro da Justiça?

P.A. — Apenas porque foram eleitos ontem pelo Conselho de Ministros, para me acompanharem.

Jornalista — O sr. Primeiro-Ministro disse que estava farto de brincadeiras...

P.A. — Brincadeiras, hã?! Estou sequestrado já duas vezes, já chega, não gosto de ser sequestrado é uma coisa que me «chateia».

Jornalista — Está convocada uma manifestação de trabalhadores para as 15 horas aqui em frente ao Palácio de Belém...

P.A. — O sr. Presidente da República falou-me, disso, dizendo que estava convocada uma manifestação. Eu julgo que é de apoio ao sr. Presidente da República, contra o VI Governo. É o costume deles...

Jornalista — Isto passa pela manipulação do sr. general Otelo Saraiva de Carvalho...?

P.A. — Não tem nada que ver. O general Otelo de Carvalho não me interessa coisa nenhuma, homem! O sr. general Otelo de Carvalho pessoalmente não me interessa nada.

Jornalista — E como comandante do Copcon?

P.A. — Também não. Não me interessa nada. Acho que é uma pessoa que tem o seu lugar na Revolução, a quem eu devo muito, sou amigo dele, mas não resolve coisa nenhuma. O general Otelo Saraiva de Carvalho não resolve coisa nenhuma.

Jornalista — Assim, os contactos iniciados esta manhã prolongar-se-ão pela tarde?

P.A. — Com o general Costa Gomes? Pois é natural que sim e até depois de amanhã. Eu acho que isto não é fácil de resolver, é difícil. Vocês já viram agora o Governo suspender a sua actividade? É, realmente, fora do normal, é uma situação muito difícil.

Jornalista — Sr. almirante, podia dizer-me alguma coisa sobre a situação militar no País, neste momento. Tem algumas informações?

P. A. — Tanto quanto eu sei, continua na mesma: primeiro fazem-se plenários e depois é que se cumprem as ordens...

Jornalista — O Conselho de Ministros não voltará a reunir, portanto, enquanto não houver uma decisão do Presidente da República?

P. A. — Pois não, pois não...

Jornalista — O sr. primeiro-ministro está solidário com o plenário do Conselho de Ministros?

P. A. — Eu estou.

Jornalista — Houve algum problema particular que levasse o Governo a tomar esta posição?

P. A. — Não. Isto veio ao espírito à medida que a análise vai decorrendo. Não houve nada de particular. Estas coisas brotam naturalmente na sequência das análises profundas que se fazem à situação político-militar.

Jornalista — A suspensão não estava prevista pois não?

P. A. — Não estava prevista, não. Estava previsto que o Governo ia tomar uma atitude. Qual? Essa saíu da análise, não havia nenhum plano preconcebido. Saiu naturalmente da análise. Até houve, julgo, um analista, que chegou quase à mesma conclusão que nós, e ninguém lhe passou informações.

Jornalista — Houve, ontem à tarde algum facto em particular que vos levasse a tomar esta posição?

P.A. — Ontem à tarde? Eu sou muito fraco, como sabem. Vocês podem fazer as perguntas todas... Ontem à tarde? Não, não me recordo assim nada que me irritasse...

Jornalista — Seria a manifestação dos padeiros, seria...

P.A. — Não, não, essa dos padeiros, concerteza... Sim, talvez... Olhe, e daí talvez. Talvez a frequência das manifestações tivesse, no subconsciente dos ministros, levantado esse problema. Tem razão, olhe não me lembrava da dos padeiros...

Jornalista — E na informação? Qualquer coisa da informação...

P.A. — Não, Não, o problema da informação é um problema muito delicado, muito sério, tem que ser visto com muito cuidado. Para ele não há soluções fáceis, é um problema muito complexo.

Jornalista — O sr. Primeiro-Ministro disse, outro dia, que era de admitir uma restruturação global, quando...

P. A. — É continuo convencido disso, e só vou nisso mesmo em situações estratégico-globais e acho que, realmente, é necessário, se não demitirem o VI Governo (que é uma outra hipótese, provável), se não o demitirem, pois assumem a responsabilidade do acto que fazem para passar à história quem é que realmente é responsável pela demissão do VI Governo; se, portanto, não demitirem o VI Governo e se preencherem as condições que o VI Governo entende mínimas para poder governar, para sair de situações ridículas em que nos encontramos, pois uma das hipóteses mais importante é a reestruturação do VI Governo. Mas, com estratégia global, nada de mexer em peões, que peões só servem para cobrir as peças grandes.

Jornalista — Naturalmente que nessa reestruturação global assumiu uma especial relevância algumas das pastas...

P. A. — Pois é, pois é, a começar por aquelas que realmente toda a gente acha que são as mais difíceis, que é a do Trabalho, que está sempre na ribalta e a Comunicação Social. Mas eu não vou sacrificar ministros só porque é esse o ponto quente de uma «distribuição». Lá porque é difícil o Trabalho não vou sacrificar as pessoas, nem daí resultava coisa nenhuma. Isto não melhora por uma pessoa, melhora por uma estratégia global de distribuição das pastas pelos partidos. Melhora com as posições militares e estratégia total. Com isso concordo.

Jornalista — Acaba de falar da distribuição de pastas pelos partidos. Acha que havendo uma reformulação do VI Governo, haverá partidos de facto a terem maior número de pastas em detrimento de outros...

P. A. — Bom, seria um equilíbrio razoável que numa reestruturação houvesse melhor distribuição das pastas pelos partidos que eu entendo que constituem a base social na qual se apoia o VI Governo. Era um desejo feliz. Mas é capaz de ser apenas um desejo. Eu agora vou almoçar, pá.

Jornalista — Quais são as condições mínimas do governo.

P. A. — Ah, isso desculpe, não faz parte do compromisso entre mim e o sr. Presidente da República. Passa concerteza pela força militar em Lisboa e nalguns pontos fulcrais. ...Não, não há prazos limites, isto não é um «ultimatum» nenhum.

Os trabalhadores repudiam o "silêncio" da Emissora Nacional

. .Ontem, os manifestantes de Belém repudiaram a «censura interna» e o «boicote» que a Emissora Nacional levou a cabo relativamente a «várias moções de sindicatos e da Intersindical, bem como inúmeros telegramas e moções de comissões de trabalhadores e de moradores sobre a situação política actual do nosso país», conforme denunciaram, em comunicado, os trabalhadores da E. N.

. .Os jornais da manhã noticiaram e continuam os boatos de que a E. N. por ordem do major João de Figueiredo — representante da direcção por incumbência do VI Governo Provisório — seria transferida para o Porto de onde as emissões passariam a ser controladas. Esta manhã contactámos com a secretária da administração e com o Departamento de Relações Públicas para averiguar a verdade dos factos. A primeira fonte não estava a par do assunto, e a segunda declarou-nos, a título pessoal, que, de facto, tinha circulado a hipótese de transferência para o Norte do País mas, de momento, isso estava completamente fora de causa.

. .Em Belém, os manifestantes elegeram uma comissão constituída por elementos do Secretariado Provisório das Comissões de Trabalhadores da Cintura Industrial de Lisboa, da Intersindical e dos Sindicatos da Construção Civil e dos Metalúrgicos que apresentou à administração da E. N. e seu repúdio pelo «silêncio» feito sobre a manifestação de Belém. O comunicado dos trabalhadores da E. N. a que já nos referimos afirma: «Nem mesmo o recurso ao art.º 66, da Lei de Imprensa, como pretexto para actos de censura, servirá de desculpa perante todos os trabalhadores que desejam a Emissora Nacional ao serviço das classes trabalhadoras.»

CAMARA DE LISBOA:

EXIGIDO AO M.A.I. QUE DÊ POSSE ATÉ SEGUNDA-FEIRA À NOVA C.A.

. Reunidos em plenário, os órgãos de vontade popular e os membros eleitos para o Conselho Municipal, aprovaram uma moção em que exigem ao Ministério da Administração Interna que «dê posse à nova comissão administrativa da Câmara de Lisboa até à próxima segunda-feira». Dessa comissão, nomeada pelo governador civil de Lisboa, para exercer a gestão provisória dos interesses do Município, fazem parte, o coronel de engenharia Lino José Góis Ferreira e os inspectores superior administrativo Manuel António Madeira, e de 1.ª classe Tubaldo Vargues. O primeiro presidirá à comissão e os segundos exercerão as funções de vice-presidentes.

Nesse plenário foi constituído um «comité» de luta, formado por elementos já eleitos do Conselho Municipal que «dinamizará o processo de eleição dos conselheiros nas zonas que ainda o não tenham efectuado».

COIMBRA: SAUDAÇÃO AO M. P. L. A.

COIMBRA, 21 — Em reunião da comissão administrativa da Câmara Municipal de Coimbra, foi aprovada por maioria uma proposta de saudação do M. P. L. A., como legítimo representante do povo de Angola, e de congratulação com a independência desta ex-colónia portuguesa. A proposta, apresentada pelo vogal Licínio Costa, foi aprovada por maioria, não tendo, no entanto, comparecido à sessão os vogais afectos ao P. S. e ao P. P. D.

A GESTÃO DOS BENS CONGELADOS

. Um decreto-lei do Conselho da Revolução publicado na folha oficial, determina que a gestão dos bens congelados pertencentes a indivíduos implicados no golpe contra-revolucionário de 11 de Março compete à Direcção de Administração e Finanças do Estado-Maior-General das Forças Armadas. A referida direcção poderá se assim o entender, propor a atribuição aos familiares dos titulares, de uma parte ou da totalidade dos bens ou respectivos rendimentos.

post scriptum

O dia da bomba

Dia Mundial ou Nacional da Paz, da Mãe, da Criança, da Juventude, da Árvore, etc.

Para premiar aqueles que, durante um ano, se distinguem dos demais mortais por inventos, obras ou actos, em prol da Paz e do Progresso dos Povos, todos os anos são atrbuídos, com maior ou menor justiça, os Prémios Nobel.

Comemora-se ou exalta-se assim o respeito e a dedicação pelo ser humano, cá neste velho e conturbado planeta a que chamamos Terra e que de terra e outras coisas (melhores ou piores) é constituído.

No entanto, há alguns dias, por motivo dum acontecimento que a todos nós marcou e chamou a atenção, pelo seu elevado significado, houve quem ficasse a magicar que nessa coisa de dias disto e daquilo e de prémios para isto e para aquilo, havia uma grande lacuna.

— Pois então, ainda não toparam que nos falta comemorar mais um diazinho, nada mais nada menos do que o explosivo dia... da Bomba??!!

Evidentemente que está em oposição ao acima enunciado, mas no contexto filosófico da defesa dos valores da mui exaltada (e carunchosa) Civilização Ocidental, não deixa de ter o seu alto significado e inegável (des)mérito e não menos (in)oportunidade.

Mas sinceramente, que tal acham a comemoração do Dia Mundial da Bomba?

Até se poderia escolher o dia 7 de Novembro (o tal em que a Rádio Renascença «foi ao ar» e deixou de «ir para o ar») para celebrar a bomba do ano, atribuindo-se ao bombista que, nos últimos 365 ou 366 dias, mais nos fizesse vibrar (de indignação) com o melhor estoiro em prol da ora promulgada e prometedora Batalha da Destruição, que, segundo fontes dignas de todo o crédito, será contraposta à Batalha da Produção, eliminando-se assim os requícios do pernicioso «gonçalvismo», que tanta polémica suscitou.

Talvez se pudesse mesmo conseguir o prestimoso patrocínio do nosso consagrado e bombástico Conselho da «Revolução»!...

Ramígio e Campos — AGUEDA

Não à política de direita

A resposta firme e enérgica dos trabalhadores à política de direita do VI Governo, no passado domingo, foi a prova inequívoca que a classe operária não permitirá o avanço da burguesia.

Foi pena o sr. Primeiro-Ministro ter adoecido e não assistir àquela jornada de trabalho, para ver a diferença entre aqueles que o aclamam e os que não avalizam a sua política de direita. No passado domingo não eram aquelas pessoas «bem», a tresandar perfumes caros, que lá estavam, mas sim operários e camponeses, «o Povo», no verdadeiro sentido da palavra.

Aquele em que se notam as mãos calejadas, os rostos queimados pelo Sol, gente que tudo produz, para uma burguesia que, com a sede da exploração, não tolera que este povo seja livre.

Como se viu, foi uma lição de disciplina revolucionária, não foram necessários «amis» para que tudo corresse em ordem. Que os senhores militares tirem a lição que a classe operária vos deu e a disciplina terrorista jamais terá lugar neste País.

Para terminar, senhor almirante e agora que certamente sabe que não tem o apoio da classe operária nem dos camponeses, restam-lhe dois caminhos: ou modifica a sua política de direita, integrando todos os progressistas traiçoeiramente afastados nas costas do povo; ou demite-se, com todo o seu elenco, para dar lugar a um governo popular, que resolva os problemas nacionais de maneira política e não à bomba, como fizeram na Rádio Renascença.

Mário Queirós Pinto — Lisboa

Os responsáveis pela bancarrota

Somos empregados de uma instituição de Crédito em Coimbra.

Estamos saturados de afirmações que responsáveis do Governo têm feito na TV e outros órgãos de Informação, sobre a situação financeira do País.

Esses senhores, em vez de esclarecerem, só visam trazer confusão e, o que é mais grave, o pânico.

Todos os dias temos clientes aos nossos balcões perguntando, alguns angustiados, o que acontece ao seu dinheiro, se vier uma bancarrota.

Ora, não seria preferível que esses senhores, que de socialistas parecem só ter o nome, em vez de falarem 5 minutos em bancarrota e 20 em propaganda eleitoral — gastando ilegalmente o tempo de antena que todos nós pagamos — elucidassem o público sobre a necessidade de continuarem a canalizar as suas poupanças para a Banca, para que esta tenha liquidez suficiente para novos investimentos, para auxílio à pequena e média empresa, etc?

Se a poupança não afluír à Banca, cada vez serão menores as possibilidades desta auxiliar as empresas necessitadas e toda a economia nacional. Com tal política, sim, caminharemos a passos largos para a bancarrota!

Um grupo de trabalhadores bancários — Coimbra

DO PAÍS REAL

JORGE CORREIA JESUÍNO

Marx escreveu que a filosofia até então se limitara a compreender o mundo mas que a tarefa que doravante se impunha era transformá-lo. Ocorre-me por outro lado Kurt Lewin que afirmou que o melhor processo de compreender o funcionamento de uma dada realidade consiste em tentar modificá-la. Pensamentos aparentemente desligados dada a disparidade dos autores mas que todavia não me parece despropositado aproximar. Isto tendo em conta a realidade portuguesa que vivemos, a necessidade e o embaraço tanto em compreendê-la como em modificá-la. O nó do problema residirá talvez na própria transformação. Ou melhor, na própria vontade de transformação.

Se há algo que com mais insistência se sublinhe nos tempos que correm será sem dúvida o conceito do País real. Por todo o lado ouvimos essa reclamação exigente, esse grito de alarme, preventivo e cauteloso, mas também pretensamente revolucionário no seu desejo de não confundir o mundo real — o melhor dos mundos possíveis, com qualquer utopia voluntarista.

Quando oiço, porém, falar ou vejo escrito esse apelo ao país real, ao mundo real, às conjunturas que fatalmente condicionam, e toda a parafernália de argumentação que a acompanha não posso deixar de sentir um vago sentimento de desconfiança que me segreda, por detrás das costas, a estratégia epistemológica aristotélica de parar o real para melhor o compreender. Ou, dito por outros termos, voltemos as costas a Marx e à sua urgência em transformar para além do compreender. Mas não estará a própria compreensão do real condicionada pela sua transformação? Há quantos séculos não morreu Aristóteles?

Por muito abstracta e longínqua que esta reflexão pareça ela tem a ver com o nosso quotidiano, com o quotidiano da nossa Revolução. Invoca-se o País real a fim de o manter exactamente na mesma. A compreensão do país real que não seja desde logo um acto transformador é mistificatória na sua própria essência. Diria pois que a compreensão não precede, ela acompanha o acto revolucionário que altera as estruturas. É nas revoluções que os povos melhor se conhecem a si próprios precisamente porque aí a taxa de mudança adquire velocidade suficiente para que a dialéctica concreta entre factores subjectivos e condições objectivas se torne transparente e inteligível. O mito do país real esboroaça-se até porque o país real, que nunca é um dado, muito menos o será quando sujeito à rápida mutação revolucionária já latente na sua estrutura interna. Proporia pois que afastassemos esse fantasma paralisante do país real enquanto pretexto para evitar a verdadeira compreensão. A compreensão do país real passa pela sua transformação, pela sua transformação revolucionária. Implica riscos, saltos no desconhecido, mas isso não significa aventureirismo tipo Icaro que deixe queimar as suas frágeis asas. O país real, enquanto melhor dos mundos possíveis, já em Leibniz, para uma leitura mais audaz, não é o real **hic et nunc** estático e imutável, mas perspectiva de vanguarda que a todo o momento se altera e se transforma. É certo que o real contém uma opacidade irredutível e ignorá-lo é regressar ao idealismo hegeliano da total transparência do ser. A nossa tese, porém, é que essa opacidade diminui em momentos de transformação acelerada como é o caso dos momentos revolucionários e isso justamente porque a própria dinâmica multiplica as relações de inteligibilidade e sensibiliza baixando os limiares mínimos. Voltamos de novo a Marx e a Kurt Lewin. Não há que compreender o mundo, há que o transformar, mas só o transformando seremos verdadeiramente capazes de o compreender.

Lisboa, 18/XI/75

RICOS NA ESCÓCIA OU POBRES NA GRÃ-BRETANHA

JEAN WETZ

. Há já alguns anos que os partidos políticos britânicos se sentem ameaçados pelo desenvolvimento do nacionalismo na Escócia e no País de Gales. Para conciliar as boas graças dos eleitores dessas regiões, prometeram-lhes uma extensão dos poderes provinciais. Os trabalhistas, no seu último manifesto eleitoral, preconizaram, sem o mínimo equívoco, a criação na Escócia de uma assembleia dotada de poderes executivos muito amplos, ficando em princípio o controlo das finanças e da economia, nas mãos do Parlamento de Westminster.

Se as promessas feitas aos galeses vão menos longe, é que os nacionalistas do Plaid cymru não têm a mesma audiência dos seus homólogos escoceses.

Nas eleições legislativas de Outubro de 1974, o Partido Nacionalista escocês (Scottish National Party S. N. P.) progrediu substancialmente em relação ao escrutínio do passado mês de Fevereiro: obteve, com efeito, 30,4 por cento das vozes contra 21,9 por cento, e onze eleitos em lugar de sete. Em Westminster, o S. N. P. só constitui um perigo menor, e o Labour ainda conta com quarenta e um deputados escoceses, mas, em trinta e seis das circunscrições mantidas pelos trabalhistas, os nacionalistas chegaram em segunda posição. Bastava uma mudança de 4 a 5 por cento dos votos para que o Partido Nacionalista ameaçasse gravemente os trabalhistas, na Escócia. A opinião mais geral é que, se o gabinete Wilson tentasse de qualquer modo não cumprir as promessas feitas, muitos eleitores escoceses que ainda votam pelo Labour desertariam em massa da causa; e o partido sofreria muito com isso. Com efeito, os trabalhistas precisaram sempre muito da sua representação escocesa e galesa para ter maioria em Westminster.

As considerações eleitorais ainda intervêm de outro modo. Na hora actual, a Escócia é altamente representada na Câmara dos Comuns. Tem aí setenta e um eleitos, enquanto que a população só deveria dar-lhe direito a cinquenta e sete deputados. O mesmo acontece com o País de Gales que só deveria dispor de trinta e um lugares e que tem trinta e seis. Se devem ser instaladas assembleias parlamentares em Edimburgo e Cardiff, os deputados ingleses não deixarão de exigir, em contrapartida, que a representação da Escócia e do País de Gales seja reduzida em Westminster, o que enfraqueceria perigosamente o Labour.

Resta por fim definir o modo de escrutínio pelo qual a assembleia escocesa e a galesa serão eleitas. Uma comissão eleita por «lord» Kilbrando estudou este problema. Ela pronunciou-se em Outubro de 1973 a favor de um sistema de representação proporcional. Esta solução impediria decerto os partidos nacionalistas — em todo o caso no actual estado de opinião — de obter a maioria absoluta que teriam possibilidades de conquistar rapidamente com eleições de escrutínio uninominal à primeira volta. Mas nem os trabalhistas nem os conservadores podem encarar a hipótese de deixar instituir na Escócia e no País de Gales um novo sistema eleitoral, quando no conjunto do reino eles se agarram desesperadamente à manutenção do sistema de escrutínio uninominal que corta o caminho aos liberais.

Os partidos políticos estão hesitantes e divididos. É certo que os conservadores também tinham prometido a criação de uma assembleia escocesa e de uma assembleia galesa. Mas essa promessa, muito mais vaga que a do Labour, fora feita no tempo de Heath.

Hoje ainda parece que a senhora Thatcher deseja voltar atrás para que os conservadores voltem a encontrar o seu carácter de partido «unionista».

O sentimento mais difundido entre os «tories» é o de que o Governo Wilson vai ceder demasiado terreno aos nacionalistas, e que a devolução dos poderes de Westminster a Edimburgo e a Cardiff, depressa criará, o desmembramento do Reino Unido.

O próprio gabinete trabalhista está dividido. Talvez um pouco tarde o ministro do Interior Jenkins, o chanceler Healey, e o secretário dos Negócios Estrangeiros, Callaghan, tentam, ao que parece, refrear um movimento que os inquieta.

Os liberais sentem-se muito mais à vontade. Eles preconizaram, muito antes dos outros, a descentralização, e encaram hoje um autêntico sistema federal. Para mais, contam que a representação proporcional na Escócia só poderia favorecer uma mudança do sistema eleitoral na Inglaterra, o que asseguraria o renascimento do seu partido.

Muitos escoceses e galeses tiveram sempre a sensação de ser *governados de longe* e de viver à imagem da ociedade de abundância inglesa. Até aos últimos anos, não viam a possibilidade de romper os elos com Londres. A descoberta de petróleo no mar do Norte fê-los tomar consciência da sua força. Segundo uma sondagem recente, 65 por cento dos escoveses desejam que os seus recursos petrolíferos sejam controlados pela Escócia. Se este sonho parece absurdo aos outros cidadãos do Reino Unido, os habitantes de Glasgow e de Aberdeen consideram-se proprietários de um «ouro negro» que acusam os ingleses de lhes «roubar»...

A escolha que eles propõem aos concidadãos resume-se num «slogan» muito simples: *Rico na Escócia ou pobre na Grã-Bretanha...*

Le Monde

Nacional

quarteto

inauguração
ESTREIA
HOJE À NOITE

4 SALAS FILMES

SALA 1

provem-me Sou uma delícia!

UM FILME DOCE
SWEET MOVIE

CAROLE LAURE · PIERRE CLEMENTI
SAMI FREY

um filme de **DUŠAN MAKAVEJEV**

* INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS
ESTE FILME CONTÉM CENAS EVENTUALMENTE CHOCANTES

FILMES OCIDENTE

SALA 2

* FESTIVAL DE ATLANTA E.U. - O melhor filme
* FESTIVAL DE CANNES - Prémio especial do júri
Prémio da crítica
* FESTIVAL DE BELGRADO - O melhor filme

um filme de DALTON TRUMBO
Timothy Bottoms * Jason Robards
Donald Sutherland * Diane Varsi

E DERAM-LHE UMA ESPINGARDA... JOHNNY GOT HIS GUN

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

IMPERIAL FILMES

SALA 3

um filme de PAOLO e VITTORIO TAVIANI

S. Miguel tinha um galo

SAN MICHELE AVEVA UN GALLO

GIULIO BROGI

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

DOPERFILME

SALA 4

AMOR EM TONS ERÓTICOS
ÄLSKANDE PAR

um filme de MAI ZETTERLING
HARRIET ANDERSSON * GUNNEL LINDBLOM

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

MUNDIAL FILMES

SALAS 1 e 2 às 21 e 23 horas — SALAS 3 e 4 às 21.15 horas

NÃO HÁ LUGARES MARCADOS

COMISSÕES DE MORADORES

A RESPOSTA À REACÇÃO ESTÁ NO PODER POPULAR

«A resposta à reacção, a barreira ao regresso do fascismo, não está na manipulação das massas trabalhadoras, no terrorismo e no apelo às minorias eleitorais. Essa resposta está no Poder Popular, no reforço e alargamento das suas estruturas, no apelo na definição e comprometimento revolucionário da sua actuação e objectos», afirma um comunicado da Comissão de Moradores de S. João de Deus.

O ponto de ruptura em que a situação político-militar se encontra explica-se ainda de acordo como o comunicado, pela «agudização da luta de classes, natural em qualquer processo revolucionário, e pelo limite extremo a que chegou o VI Governo, burguês e reaccionário, por pressão dos elementos fascistas a soldo do imperialismo».

Face à nova crise governamental que atravessamos, a Comissão de Moradores de S. João de Deus, apela para o «reforço da unidade das forças progressistas, contra o inimigo comum, para a vigilância e para a firmeza revolucionárias, únicas armas capazes de derrotar os traidores do povo, única via para a vitória da Revolução».

Por sua vez, a Comissão de Moradores e a Comissão Administrativa da Freguesia da Madalena, divulgaram uma moção em que se «repudiam todas as provocações irresponsáveis de alguns trabalhadores manipulados pela reacção». É igualmente manifesto o repúdio contra todo «o saneamento à esquerda exigindo-se a readmissão de Caldeira Rodrigues e a institucionalização do Conselho Municipal.»

CENTRO POPULAR DE CULTURA EM ABRANTES

Em Abrantes, realiza-se, amanhã, um plenário de moradores, para discussão e aprovação dos Estatutos do Centro Popular de Cultura. A reunião terá lugar, às 21,30.

Os Estatutos constam de três pontos referentes aos «princípios», «Gestão» e «colaboradores» do Centro Popular de Cultura de Abrantes. O objectivo principal será «desenvolver uma actividade sócio-cultural ao serviço do Povo do Concelho de Abrantes». Continuando a citar os estatutos, o Centro «reger-se-á pelo método da democracia interna segundo o princípio: toda a palavra para o Povo».

O Centro Popular de Cultura exercerá a sua actividade em estreita colaboração com as comissões de Trabalhadores, Moradores, Soldados e Colectividades Populares, (Artísticas, Desportivas e Culturais) e ainda estabelecimentos de ensino. A gestão do Centro está, segundo os estatutos, a cargo de uma Comissão «integrada por cidadãos de reconhecida idoneidade política, que dêem provas de querer servir o Povo e eleita em Plenário da População convocada para o efeito». A sua acção está sujeita à crítica trimestral do Plenário da População.

No que se refere à colaboração, o Centro está aberto a todos os que garantirem o seu auxílio com carácter de continuidade. «Os grupos de colaboradores poderão fazer-se representar nas reuniões de Comissões de Gestão, por um elemento, que terá direito de voto», afirma-se no texto dos Estatutos.

Em Aljustrel, a Comuna Cultural apoia a «justa luta dos Pára-quedistas, Praças, Sargentos, e Oficiais progressistas ao colocarem-se ao lado dos explorados e oprimidos deste País contra a burguesia».

PRÓXIMAS REUNIÕES

O Conselho Executivo Provisório da Assembleia Popular do Concelho de Loures, reunirá, no próximo dia 23, com a seguinte ordem de trabalhos: «Relatório das conferências e dos problemas resolvidos a nível do Concelho; Informação sobre o estado actual das organizações populares por freguesia, discussão de propostas para a organização popular do concelho apresentada por Assembleias Populares de Freguesia ou pelo Conselho Executivo Provisório.

A Comissão de Moradores da Freguesia de S. Miguel realiza um plenário, amanhã, às 21 e 30, no Beco das Cruzes n.º 9, com o bojectivo de divulgar os trabalhos já realizados e o plano das futuras realizações a levar a cabo com a colaboração de todos os moradores.

No Barreiro, amanhã, às 21, terá lugar um plenário, no auditório da Escola Preparatória de Avelar Brotero. A convocação é feita pelos Moradores do Bairro da Liberdade e tem por objectivo a defesa do espaço que naquela zona é conhecido pela designação de «O Buraco». A comissão defende, intransigentemente, a utilização desta área para a criação de um espaço verde, não permitindo a sua utilização para construção civil.

Aliás, esta decisão da C. M., já foi reconhecida pelo Ministério do Equipamento Social e Ambiente, porém, a última palavra cabe à vontade soberana do povo. Entretanto, o folheto da convocação lembra que «Nem só de ferro e cimento vive o homem!».

PUB

JOGOS FLORAIS FERROVIÁRIOS

Os Caminhos de Ferro Portugueses vão, a exemplo de anos anteriores, promover a realização dos Jogos Florais Ferroviários.

O certame compreende as modalidades de conto, soneto e quadra e nele podem participar todos os ferroviários (do activo ou reformados), assim como as esposas e os filhos.

As respectivas produções devem ser remetidas ao Serviço de Actividades Sociais da C. P., na Calçada da Glória, n.º 12, em Lisboa, até ao próximo dia 15 de Dezembro.

CURSOS

Estão abertas as matrículas até 25/11/75 para os cursos de: Perfuração, Verificação. Sistemas: IBM e UNIVAC
Início dos cursos 26/11/75
As inscrições são limitadas

EXTERNATO CONTINENTAL
T. 364272-R. do Arsenal, 100-1.º

CIDADE MARGINAL

ASSASSINOS DE SOLDADO DETIDOS "A TEMPO"

A Polícia Judiciária deteve cinco indivíduos de raça cigana, que, na sequência dos interrogatórios, se confessaram como autores do assassinato (a tiros, de caçadeira) do soldado da Força Aérea, António Manuel Beltran Alves, de 22 anos, morto na noite de 11 de Outubro, quando, acompanhado da namorada, se encontrava estacionado na Estrada Marginal, nas proximidades de S. João do Estoril.

Os arguidos vinham, desde há meses, assaltando e roubando automóveis em parques ou em plena estrada e sempre à mão armada.

Recorde-se que algumas publicações entre as quais o semanário «Tempo», pelo facto da vítima pertencer à força de segurança do general Morais da Silva, chefe do Estado-Maior da Força Aérea, tentaram dar a este caso conotações nitidamente políticas, deixando antever nas entrelinhas a possibilidade de Beltran Alves ter sido abatido por forças de esquerda. Argumentação que as investigações agora concluídas, demonstraram, «a tempo», esgrimir com dados viciados...

TRAVADO À FORÇA DE EXTINTOR

O mecânico António Borda D'Água, de 23 anos tentou sair do parque subterrâneo de estacionamento dos Restauradores, tripulando um carro roubado. Mas o guarda de serviço apercebendo-se da manobra fez-lhe frente com um extintor, travando-o na sua vertiginosa corrida. O carro foi embater violentamente numa das barreiras ali existente e Borda D'Água que sofreu diversas escoriações pelo corpo teve de ir receber tratamento ao Hospital de S. José, antes de dar entrada nos calabouços do Governo Civil.

PROIBIDA A DETENÇÃO DE MOEDA ESTRANGEIRA

O Banco de Portugal publicou um aviso em que relembra a proibição completa de particulares serem detentores de moeda estrangeira, adquirida para fins de natureza turística, quando aquela não seja utilizada ao fim de trinta dias. Essas divisas, em moeda, não utilizadas devem ser revendidas às instituições cambiais.

Na nota que nos enviou, o Banco de Portugal relembra também que «a conjugação das diferentes disposições legais sobre matéria cambial, não permite a detenção por participantes de valores em moeda estrangeira, pelo que tais valores devem ser vendidos a um banco ou casa de câmbio até 31 de Dezembro do ano corrente, data a partir da qual se farão aplicar rigorosamente as sanções previstas para estes casos».

Nacional

O POVO EXIGIU A COSTA GOMES UM GOVERNO REVOLUCIONÁRIO

Às 14 horas, os primeiros grupos de trabalhadores começavam a chegar. Às 16 horas, eram já milhares. Chegavam de todos os pontos. A manifestação, convocada para Belém pelo Secretariado Provisório das intercomissões de Trabalhadores da Cintura Industrial de Lisboa, transformava-se na maior já realizada naquele local. A apoiá-la, a partir da sua própria convocação, estavam o P. C. P., o M. D. P. / C. D. E., a Intersindical e Comissões de Moradores de Lisboa.

Mobilizados contra «a chantagem do VI Governo», as massas trabalhadoras responderam energicamente, gritando um «já!», que não deixava margem para dúvidas, sempre que dos megafones se soltava a palavra de ordem: «Exigimos a demissão imediata do Governo».

Muitas dezenas de soldados e marinheiros aderiram à manifestação dos trabalhadores. Cerca das 17,50, porém, recolheriam aos respectivos quartéis depois de terem corrido rumores de movimentações militares no Norte e centro do País, as quais exigiam a prevenção de todas as unidades progressistas, dispostas a lutarem em defesa da Revolução. Regressariam, horas depois, quando o alarme se não concretizou, para, ao lado dos trabalhadores — sempre! — continuarem a expressar o seu repúdio, não apenas por um Governo, mas por qualquer opção de direita.

Aspecto da grande concentração popular em Belém

«SUSPENSÃO É DEMISSÃO»

Se a manobra chantagista da direita — o «lock out» do VI Governo — logrou iludir alguém, para os trabalhadores não restava sinal para dúvidas: «Suspensão é demissão», portanto «Pinheiro de Azevedo para a rua, que a casa não é tua». E cantava-se. E dançava-se. Eram momentos exaltantes que a RTP tardava em pôr em imagem, e dos quais estava também ausente a Emissora Nacional. O facto foi notado, comentado e protestado. Eram dezoito horas. Eram já muitos, muitos milhares de vozes protestando. Duas delegações partiram, mensageiras de que «o povo quer uma Informação ao serviço da Revolução». E a RTP e a E. N. compareceram.

UM BOCADO DE PORTUGAL...

Cerca das 19 horas, era já um bom bocado de Portugal que se deslocara, em corpo ou em espírito, até Belém. De Alpiarça, onze carros com camponeses convergiram sobre Lisboa. Do Alentejo, também, outros companheiros vinham de Santiago de Cacém e da Cooperativa «Estrela Vermelha». De muitos outros pontos do País — Santarém, Almeirim, Porto, Beja, Vendas Novas, Montemor, Benavente, Marinha Grande, Viana do Castelo... — choviam moções, mensagens, telegramas, de apoio a mais uma jornada de luta das classes trabalhadoras. Com elas, vinham também as notícias de que não era apenas em Lisboa que o povo saíra, mais uma vez, à rua para demonstrar o seu descontentamento por um Governo que o não serve: muitas outras manifestações decorriam àquela hora (20 mil manifestantes no Porto, 3500 em Viana do Castelo, 30 mil em Beja).

Vazio e silencioso, em Belém, ao princípio da noite de ontem, estava apenas o Palácio, pois o Conselho da Revolução, presidido pelo general Costa Gomes, escolhera o forte de S. Julião como local de reunião.

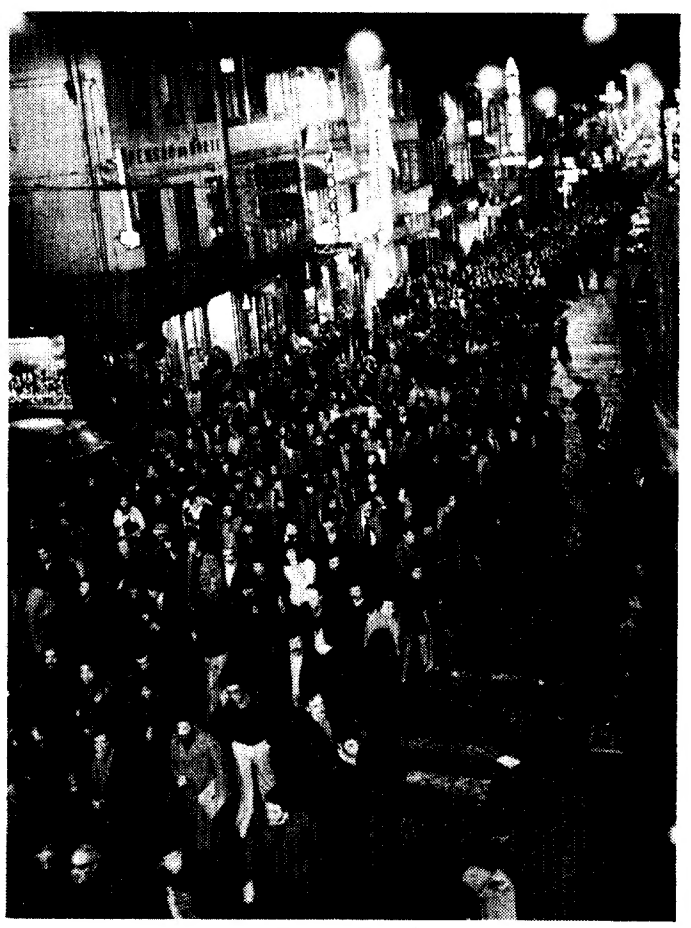
Para lá partiu uma terceira delegação, formada por elementos da Intersindical, do Secretariado Provisório de Trabalhadores e de Comissões de Moradores. Regressaria, cerca das 21,15, para anunciar que, «embora sujeito a muitas pressões em contrário», o Presidente da República se deslocaria a Belém, conforme vontade expressa dos manifestantes. Anunciava-se que, entre as pressões exercidas sobre Costa Gomes por elementos do próprio C. R., se contaria a alegação de que em Belém seria «vaiado e assobiado pela multidão» e acrescentava-se que «se não deveria esperar que com Costa Gomes viesse já a decisão que aos trabalhadores interessa», pelo que «o comício servia essencialmente de apoio às decisões necessárias para salvaguardar o processo». Na realidade, assim foi: Costa Gomes interrompera apenas a reunião do C. R. para se deslocar ao comício, regressando, depois, a S. Julião.

VITÓRIA, VITÓRIA

«Reaccionários, fora do Governo já», era a palavra de ordem gritada no momento em que o Presidenre Costa Gomes assomou à multidão. Foi então substituído pelas de «Vitória, Vitória», e «Aqui está o povo».

Por um elemento do Secretariado Provisório da Intercomissões de Trabalhadores da Cintura Industrial de Lisboa foi lida e posta à votação uma moção em que se destacava que a presença naquela manifestação tinha por finalidade

Continua na pág. 6



MANIFESTAÇÃO NO PORTO AO FIM DA TARDE

. «O VI Governo está moribundo, não tem conseguido governar e o que tem feito é caluniar e tomar medidas contrárias aos interesses dos trabalhadores» — afirmou ontem no Porto um elemento do P.C.P. durante uma manifestação convocada pela D.O.R.N. daquele partido, de apoio às lutas dos trabalhadores contra as medidas do VI Governo. A concentração verificou-se, a partir das 19 horas, na Praça Humberto Delgado, tendo aquele dirigente do P.C.P. afirmado ainda: «Estamos aqui no Porto para demonstrar ao Governo que não há Norte e Sul, que há apenas trabalhadores que são um povo em todo o lado e que estão dispostos a mostrar a este Governo que hoje é dia de luta em todo o País».

Apesar de convocada durante a tarde a manifestação reuniu alguns milhares de pessoas que desfilaram depois pelas ruas da cidade até ao Quartel General do Porto. Na Praça Humberto Delgado, foi ainda

Continua na pág. 6

PUB

DEPARTAMENTO DE FÍSICA
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Anuncia-se a abertura de 3 vagas para o lugar de assistente eventual devendo os requerimentos dos candidatos ser entregues na Secretaria do Departamento até ao dia 30 de Novembro de 1975.

O CONSELHO DIRECTIVO
DO DEPARTAMENTO DE FÍSICA

ESCLARECIMENTO
AO COMÉRCIO E PÚBLICO

MORAIS E CARVALHO, LD.ª, esclarece que os anúncios publicados nos jornais, foi provocado por uma acção de despejo, em que estas ficaram por fiadoras, encontrando-se tudo liquidado.

Lisboa, 20 de Novembro de 1975.

ATENÇÃO AO MONUMENTAL
CIRCO MEXICANO

INSTALADO
AV. DA REPÚBLICA
Junto à Feira Popular
HOJE, ÀS 21.45, HOJE

TAL COMO NA CIDADE DO PORTO

O POVO É QUEM MAIS ORDENA

POR ISSO AS LOTAÇÕES ESGOTADAS SÃO A PROVA DA CATEGORIA DO ESPECTÁCULO MÉXICO 75

LEÕES , TIGRES, CAVALOS, CHIMPANZÉS, CÃES AMESTRADOS, DUAS PARELHAS DE PALHAÇOS DUAS

E AINDA O MAIOR DA EUROPA

JOSÉ FREIXO

E SEU PATO DONALTIN

TODAS AS NOITES, ÀS 21.45 — QUINTAS E SÁBADOS, ÀS 16 HORAS — DOMINGOS, 3 ESPECTÁCULOS, ÀS 15, 18 E 21.45

Nacional

Manifestação em Belém

Continuação da pág. 5

«condenar vigorosamente a chantagem do VI Governo», que, ao suspender a sua actividade, pretendeu «reforçar o sector direitista nos órgãos de poder militar». Prosseguia, destacando que, tal como nas lutas do proletariado agrícola do Sul, dos metalúrgicos, da construção civil, dos soldados e oficiais revolucionários, a presente jornada visava «a defesa das conquistas espezinhadas», frisando que «a saída para a presente crise exige um Governo ao serviço da Revolução». «Estamos aqui para afirmar o nosso apoio aos que souberam resistir a chantagens e pressões reaccionárias, pondo-se exclusivamente ao serviço dos interesses do povo», precisava a moção antes de destacar que «a única alternativa é de esquerda, nunca de direita, nunca de repressão». E concluia: «Por esta alternativa, lutamos e lutaremos».

COSTA GOMES

O discurso proferido pelo Presidente da República, que se caracterizou por uma certa imprecisão, que haveria de ter efeitos desmobilizadores mais tarde, marcou, ao mesmo tempo, alguns pontos importantes, o primeiro dos quais se traduziu na clara distinção feita pelo general Costa Gomes entre o carácter daquela manifestação e «outras realizadas com intuitos pressionistas» e com as quais não estava de acordo por as mesmas «não servirem os interesses nacionais».

Prosseguindo, referiu que são muitos os que afirmam que o actual Presidente da República é «indeciso, titubeante e pouco brilhante». Sem discordar de nenhum dos dois últimos pontos, Costa Gomes rejeitou o primeiro, afirmando que «nunca hesitou nos momentos graves». Aludindo aos que referem a guerra civil como única alternativa para a saída do actual impasse político, recordou o que foram 13 anos e meio de guerra colonial injusta, com o seu cortejo de mortos e estropiados, e concluiu rejeitando totalmente qualquer resolução dos problemas presentes pelo recurso à confrontação armada entre portugueses.

Costa Gomes martelou, novamente, a tecla da estabilidade política «necessária para se governar de acordo com os objectivos da Revolução de 25 de Abril», realçando que, a 19 meses de revolução, a «terrível herança do fascismo» continua a pesar, não permitindo que o País esteja algum tempo sem Governo. «Precisamos de um período de unidade e de calma para nos recompormos e refazermos a nossa administração e o nosso sistema social» — disse, acrescentando: «Enquanto eu aqui estiver tudo farei para que as reformas que se façam sob a égide de qualquer Governo sejam sempre a favor de vós, povo trabalhador».

A intervenção do Presidente da República fechou com um apelo à unidade «nesta emergência em que são precisos todos os homens de boa vontade e que acreditam na Revolução e pugnam pelos interesses das classes trabalhadoras, para se fazer frente ao perigo cada vez maior da direita reaccionária». «Conto convosco e agradeço-vos a vossa coesão e vontade em se oporem a qualquer tentativa da direita fascista para perturbar as vitórias já alcançadas».

NOVAMENTE S. JULIÃO

Depois do general Costa Gomes se haver retirado, a fim de continuar a presidir à reunião do C. R. em S. Julião, a qual iria prosseguir por toda a madrugada, uma parte dos manifestantes retirou do local da concentração onde, mesmo assim, continuaram presentes muitos milhares de pessoas, determinadas a de ali «não arrancarem pé até o povo poder saber quem está no poder».

Elementos do M. D. P. / C. D. E., P. C. P., Secretariado Provisório dos Trabalhadores da Cintura Industrial de Lisboa e da Intersindical, expuseram, seguidamente, as respectivas posições face ao discurso do Presidente da República e à própria manifestação. Cerca das 2 horas da madrugada, foi decidido enviar nova delegação a S. Julião, expondo, mais uma vez, que os trabalhadores não aceitarão a presença de reaccionários no Governo e que entendem que «suspensão é demissão». Esta moção, aprovada por aclamação, foi entregue ao C. R. cerca das 3 horas da madrugada.

PINHEIRO DE AZEVEDO DISCUTIDO PELA MULTIDÃO

Imediata demissão do VI e formação de um Governo ao

Continua na pág. 7

PUB

É SÓ BRONCAS!
NO
ADÓQUE
grupo de teatro
(Ao Martim Moniz)
— Telef. 87 42 80 —
A.C.I. DOS CARECAS
HOJE, às 20,30 e 22,30 h.
ÊXITO DO NOVO NÚMERO
«O MANO-A-MANO DA T. V.»
VALE TUDO!
(Não acons. men. 18 anos)

MANIFESTAÇÃO NO PORTO

Continuação da pág. 5

feita referência à suspensão de actividades por parte do VI Governo que foi considerada como «chantagem política, pois pretende afastar dos seus postos militares que são homens progressistas». E acrescentou: «a essa manobra responderiam os trabalhadores um pouco por toda a parte». Entre outras foram gritadas palavras de ordem como «Reacção fora do Governo já» e «Governo ao serviço da Revolução» enquanto os nomes de Otelo, Corvacho e Vasco Gonçalves eram também gritados pelos manifestantes. Falou ainda o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos que leu uma moção aprovada por vários sindicatos que condenava a atitude do VI Governo como uma chantagem e exigia a constituição de um Governo ao serviço da Revolução. Em frente ao Quartel General, cujos portões não foram abertos para qualquer contacto com os milhares de trabalhadores ali reunidos, os manifestantes após serem proferidas algumas palavras corroborando as afirmações já feitas na Praça Humberto Delgado, dispersaram em boa ordem. Ainda aí foi feito um apelo para a vigilância dos trabalhadores nos sindicatos e nas sedes dos partidos.

PUB

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE LISBOA

MOÇÃO

Os Delegados Sindicais Metalúrgicos reunidos em 18 de Novembro, tendo conhecimento das tentativas da direita no sentido de afastar o General Otelo do Comando da Região Militar de Lisboa e/ou do Copcon a pretexto da sua promoção a Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas:

1. — Repudiam as manobras de bastidores que visam colocar nas garras da reacção o Comando da única região militar que tem à frente um militar de esquerda;
2. — Denunciar tal manobra como enquadrada na preparação do golpe fascista em germinação e do qual a classe operária e os trabalhadores em geral seriam as principais vítimas;
3. — Declaram que o General Otelo tem a confiança dos Metalúrgicos e da maior parte do proletariado — como ainda recentemente ficou demonstrado — para continuar à frente do Comando da Região Militar de Lisboa e do Copcon;
4. — Afirmam que a promoção oferecida ao General Otelo visa tirá-lo do contacto directo com os soldados e com o povo para depois ser afastado como já foi feito com outros oficiais revolucionários;
5. — Chamam os Metalúrgicos, a classe operária, todos os trabalhadores, os soldados, marinheiros, sargentos e oficiais progressistas a denunciarem todas as manobras de saneamento à esquerda mesmo disfarçado de promoção e a manterem-se unidos, vigilantes e preparados para esmagar qualquer tentativa de golpes reaccionários que continua de pé apesar de todos os desmentidos oficiais.

NÃO AO SANEAMENTO À ESQUERDA!
REACCIONÁRIOS FORA DOS QUARTÉIS!
REACCIONÁRIOS FORA DO GOVERNO!
EM FRENTE CONTRA O FASCISMO!
EM FRENTE CONTRA O CAPITAL!
EM FRENTE PELO SOCIALISMO!

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

Lisboa, 18 de Novembro de 1975.

OS DELEGADOS SINDICAIS REUNIDOS EM PLENÁRIO

PUB

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE LISBOA

MOÇÃO

Considerando que o povo de Angola apoia inequivocamente o MPLA, sua vanguarda revolucionária e garante da vitória sobre o imperialismo agressor;

Considerando que todas as ex-colónias já indepentes manifestaram a sua solidariedade internacionalista, apoiando a luta do Povo de Angola, sob a direcção do MPLA;

Considerando que a maioria das nações progressistas já reconheceram a independência do novo Estado de Angola sob a chefia do Presidente Agostinho Neto e do MPLA.

Delegados Sindicais metalúrgicos reunidos em Plenário, repudiam as manobras do Governo Provisório que mancham o processo de descolonização português e exigem do Governo e do Presidente da República o reconhecimento imediato do Estado soberano de Angola dirigido pelo glorioso MPLA.

Lisboa, 18 de Novembro de 1975.

DELEGADOS SINDICAIS REUNIDOS EM PLENÁRIO

PUB

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica do Distrito de Lisboa

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

De harmonia com o Artigo 34.º dos Estatutos, convoco todos os sócios do Sindicato para a Assembleia Geral Ordinária estabelecida nos Artigos 31.º alínea c) e 32.º dos Estatutos, a realizar no próximo dia 28 de Novembro, pelas 20.30 horas, nas instalações da Feira Internacional de Lisboa «FIL» (Pavilhão 5), **com entrada pela Rua D. Mécia Mouzinho de Albuquerque** (traseiras da FIL) com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Ponto Único: Apreciação e deliberação sobre o Orçamento Geral para o ano de 1976.

NOTA: É necessária a apresentação do cartão de sócio do Sindicato.

Lisboa, 12 de Novembro de 1975.

O Presidente da Mesa da Assembleia
Raul José Marques Nunes Manquinho

CUNHAL E O "LOCK OUT" DO VI

Manobra política de direita

. À sua chegada ontem à noite ao aeroporto de Lisboa, o secretário-geral do P.C.P., Álvaro Cunhal afirmou que o seu partido pretendia uma solução política para a actual crise governativa e não «uma solução de confronto».

Álvaro Cunhal interrompeu a sua viagem a vários países da Europa de Leste por causa da actual crise, resultante da suspensão de actividades do VI Governo Provisório, suspensão que classificou como uma forma de pressão para alcançar determinados resultados e apoiar uma política de direita.

Cunhal reafirmou também posições do seu partido, que defende o reforço das posições de esquerda a nível do Governo e órgãos de poder, bem como o afastamento do Partido Popular Democrático do futuro elenco governativo.

O secretário-geral do P.C.P. era aguardado no aeroporto pelos embaixadores da Hungria e da U.R.S.S. em Lisboa, bem como por alguns elementos do Comité Central e perto de duas centenas de militantes do P.C.P.

AINDA BERLIM

BERLIM ORIENTAL, 20 — (R) — O secretário-geral do Partido Comunista Português, Álvaro Cunhal, juntou-se hoje ao dirigente alemão oriental, Erich Honecker, na denúncia de Pequim e apelando para a unidade no movimento comunista.

A mensagem está contida no comunicado emitido pela agência noticiosa oficial A.D.N., no termo de uma visita de 30 horas, feita por Cunhal durante a sua actual digressão pela Europa Oriental.

Os dois partidos salientam a necessidade de «refutar decisivamente o curso anti-soviético e hostil à paz dos dirigentes de Pequim, curso que coincide com as políticas dos mais agressivos representantes da reacção imperialista e do anti-comunismo», acrescenta o comunicado.

Carga explosiva em Belém

. . Foi um sargento da Armada quem descobriu, cerca das 3 da manhã, a carga explosiva — dois quilos de gelatina explosiva colocada em dois cartuchos com cordão detonante de cinco metros — junto ao portão principal do Palácio de Belém, do lado da Praça do Império. Recorda-se que era aí que se aglomeravam muitos dos milhares de trabalhadores que ontem se manifestaram contra o «lock out» do VI Governo.

. . A carga explosiva foi entretanto despoletada por especialistas da P. S. P. Julga-se que terão sido activistas do E. L. P/M. D. L. P. os responsáveis pela colocação da carga.

MANIFESTAÇÃO EM BELÉM

Continuação da pág. 6

serviço dos trabalhadores — exigem sindicatos, soldados e organizações populares de base. Esse o espírito da manifestação de ontem, junto ao Palácio de Belém, desde as 15 horas de ontem até às horas adiantadas e frias da madrugada de hoje...

Conversa, muita conversa, troca de opiniões, os pontos nos «ii», palavras atiradas em todas as direcções com um único objectivo: pôr fim ao VI Governo.

Cantou-se «Grândola, Vila Morena» — e o «Venceremos» foi sempre uma tónica, um acto de coragem e de consciência cívica. Surgiam improvisos que a multidão agarrava e de quando em quando repetia. Este, por exemplo: «Queime-se o pinheiro, asse-se o carneiro!» E este também: «O povo tem razão, o bardamerda não!»

. Era unânime o ataque a Pinheiro de Azevedo. Pormenorizando, havia quem dissesse:

. «Como é que esse tipo quer o socialismo, se é administrador da Tecnolúrgica?»

. E foi explicado que, abrindo-se a Lista Amarela, que também dá pelo nome de Lista Classificada, se encontra aí, em certa página, um anúncio de grandes dimensões em que o almirante Pinheiro de Azevedo figura como administrador da Tecnolúrgica. Esse anúncio exibe todas as implicações da Tecnolúrgica com diversos bancos, empresas comerciais, etc.

«Ora como é que um tipo assim não há-de mandar à merda os operários, como sucedeu com os da construção civil?»

. Condenado foi também o A.M.I., Mário Soares, Sá Carneiro — e todas as forças reaccionárias (e fascistas como o E.L.P. e outras). Milhares e milhares de pessoas opunham-se (opuseram-se durante horas e horas) a um Governo impopular, um Governo que tem palavrões na boca e trotil nas mãos. Em suma: quando se gritava «Abaixo o VI Governo» queria dizer-se pura e simplesmente «Abaixo a reacção...»

Ora diga-nos

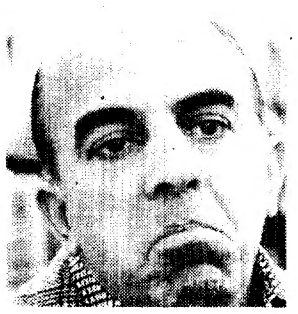
Um Norte reaccionário e um Sul revolucionário?

É corrente a afirmação de que o País está dividido em dois, e que o Norte e o Sul, em caso de guerra civil, se levantarão um contra o outro.

Nesta luta, o Norte faria de reaccionário e o Sul de revolucionário.

Estará isto certo? Serão reaccionários os camponenses do Norte e revolucionários os do Sul? Vivem, uns folgadamente enquanto os outros mourejam de sol a sol? Ou será que as ideias políticas lançadas, desde há muitos anos, no seio do povo são ervas daninhas que dizem defendê-lo para melhor o dividirem? Quem está errado — os que querem implantar um Alentejo em pleno Minho, ou os nortenhos que querem a terra dividida por todos, bocado a bocado, e adubos mais baratos?

. Quem está na verdade, os camponeses do Norte ou os políticos do Sul? Os que querem a revolução socialista, para já, ou os que dizem que primeiro devemos passar pela revolução democrática popular?



José Baião Simões, de 48 anos, é caixeiro-viajante e anda pelas duas partes:

O Norte é atrasado, ignorante. Acho que a malta do Sul é mais revolucionária. A meu ver corre-se mesmo o perigo do Norte e o Sul se engalfinharem aí um dia destes. Não vejo como é que isto pode ser resolvido.

Humberto Fernandes Oliveira, de 19 anos, estudante: Não aceito essa divisão. Há aqui qualquer coisa que não bate certo na política, porque uns sofrem tanto como os outros e nunca ouvi dizer que alguém gostasse de ser explorado. A meu ver os do Norte são tão revolucionários como os do Sul e precipitados são os partidos políticos revolucionários, que falando em nome do povo, não são capazes de juntar num mesmo caudal os operários, os camponeses e a pequena e a média burguesia do Norte e do Sul contra os imperialistas e os grandes exploradores do povo. Devia-se juntar 90 por cento do povo contra 10 por cento de vendidos ao estrangeiro. Mas o que se vê? Quem não tem determinadas ideias é logo tratado de fascista, divide-se o povo todo e assim a classe operária não pode vencer, porque fica sozinha.

Ana Fernandes, 17 anos, também estudante:

. Não acho bem que se chame reaccionários aos o Norte. Em todo o lado há de tudo, embora os camponeses do Norte estejam a ser mais manobrados por certos partidos fascistas. Mas se calhar a culpa também é dos chamados revolucionários que não são capazes de compreender as características do povo do Norte.

S. R.

PALÁCIO DA JUSTIÇA

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

3.ª VARA — 5.º PISO

2.ª SECÇÃO — PROC. N.º 4740

ANÚNCIO

Faz-se saber que no dia 4 de Dezembro p. f., pelas 14 e 15 horas, à porta do Tribunal Judicial desta vara, e nos autos de carta precatória, correndo termos pela respectiva 2.ª Secção, vinda da 2.ª Vara Cível do Porto, extraída dos autos de execução de sentença que Daniel Guedes Barbosa, Sucessores, move contra Indústrias de Cartonaem e Tipografia Cartotipo, Ld.ª, com sede em Casal da Fonte Porto Paiã, Odivelas dessa comarca, hão-de ser postos em 2.ª praça, para se arrematarem ao maior lanço oferecido acima de metade do valor indicado nos autos, três máquinas, sendo duas Offset, «Chif 24», modelos 1600 e 1800 e a outra, de impressão tiporáfica, marca «Nebiolo», das quais é depositário o sr. Luís Lúcio Ferreira, sócio-gerente da executada, residente na Praça de S. Tomé, n.º 10, porta 3, Pontinha, nesta cidade de Lisboa.

Lisboa, 8 de Novembro de 1975.

O Juiz-Corregedor adjunto

Mário Sereno Cura Mariano

O Escrivão de Direito

José António dos Reis Palma

Em ALCÁCER DO SAL o DIARIO DE LISBOA vende-se no CAFE SADO

MARIA VITÓRIA

TODOS OS DIAS Às 20,30 e 22,45

Não aconselhável a menores de 18 anos

FORÇA, FORÇA,

CAMARADA ZÉ!

SALVADOR

*

FLORBELA

*

SANTANA

e um grande elenco popular

Aos domingos e feriados:

«Matinée» às 16 horas

Às 2.as feiras:

Descanso da Companhia

COLISEU

EMPRESA RICARDO COVÕES (HERD.) — Telef. 36 19 97

Organização CONSTANTINO VARELA CfD

sob os auspícios da ASSOCIAÇÃO PORTUGAL - U. R. S. S.

HOJE, às 21.30 horas — SÓ ATÉ DOMINGO

(Não aconselhável a menores de 13 anos)

O ESPECTÁCULO MAIS ALEGRE DE LISBOA — ÊXITO

NOITES DE MOSCOVO

(CONJUNTO OFICIAL DA U. R. S. S.)

O PRIMEIRO ESPECTÁCULO LIGEIRO DE VARIEDADES DA UNIÃO SOVIÉTICA QUE SE APRESENTA EM PORTUGAL

AMANHÃ (Sábado) e Domingo: «MATINÉES» às 16 h.

À NOITE, às 21.30 horas

BILHETES À VENDA — PREÇOS POPULARES

PUB

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

Esta Empresa aceita propostas até às 17 horas, do dia 5 de Dezembro, na Secção de Compras, Avenida de Berlim-Olivais, para a compra de:

CONTADORES USADOS
SUCATAS DIVERSAS

e outros materiais, incluindo móveis e utensílios fora de uso, que poderão ser vistos nos Armazéns Av. Berlim e instalações na Rua das Amoreiras, 101.

Para mais esclarecimentos poderão dirigir-se à Secção de Compras.

Lisboa, 17 de Novembro de 1975.

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

O Presidente da Comissão de Fiscalização

Eng.º João Bau

Trabalho

JÁ EXISTE A INTERSINDICAL

Os técnicos de desenho da I. T. T.-RABOR, enviaram-nos um comunicado em que respondem a um apelo da Secção Regional do Norte do sindicato respectivo, afirmando «que já existe uma frente autêntica a nível nacional, ou seja a Intersindical nacional, que foi uma das grandes conquistas da classe trabalhadora». No apelo em causa, pedia-se a formação de uma «frente contra as super-potências, o social-fascismo e o fascismo».

Os técnicos de desenho daquela empresa denunciam, ainda, tal apelo como «manobra partidária, demagógica e confusionista», assinalando que «os trabalhadores conscientes não embarcarão em frentes regionais, pois isto seria dividir a classe e nós estamos unidos como prova a prática diária».

Mais á frente, afirma-se no mesmo comunicado que na «sua tomada de posição nitidamente tendenciosa, a direcção regional do Norte do Sindicato dos Técnicos de Desenho, não vê que não é um Governo como o VI que pode tomar medidas em defesa da independência nacional, das liberdades democráticas e melhoria das condições de vida dos trabalhadores».

Ficou assim decidido, por aquele grupo de técnicos, dar um voto de desconfiança à direcção da secção regional do Norte do Sindicato dos Técnicos de Desenho; apelar para todos os camaradas que se mantenham vigilantes, não se deixando embarcar em manobras divisionistas, venham elas de onde vierem; dar a mais ampla divulgação das suas tomadas de posição.

PUB

PRECISA-SE

Um licenciado em Economia pela Faculdade de Economia da Universidade de Lisboa ou pelo Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras ou ainda a licenciatura em Finanças pelo mesmo Instituto, para prestar serviço nos Serviços Municipalizados de Loures.

Resposta a este jornal o n.º 1619

PUB

C. P. — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

AVISO

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 9 de Dezembro de 1975, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração da cantina da estação de Aveiro.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 15 000$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

— Aveiro
— Serviço Comercial da Região Norte
PORTO (SÃO BENTO)
— Serviço Comercial da Região Centro
LISBOA (SANTA APOLÓNIA)
— Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA-2

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, Estação de Santa Apolónia, 1.º andar - LISBOA-2, acrescentando-se àquele endereço, no invólucro, o seguinte:

«Proposta para a exploração da cantina da estação de Aveiro».

COSTA MARTINS AO "ALAVANCA"

SÓ O SALÁRIO NADA NOS DIZ

- interessa, sim, elevar o poder de compra

«É com um certo desgosto que vejo não ter havido uma conveniente resposta por forma a permitir uma evolução do processo sem grandes reflexos negativos na economia em geral, bem como o necessário e conveniente aumento do nível de vida do povo, especialmente das classes mais desfavorecidas», declarou o capitão Costa Martins ao semanário «Alavanca», numa entrevista em exclusivo, publicada no seu último número.

«Os trabalhadores têm visto aumentar os seus salários, por um lado, mas, por outro, a inflação tem absorvido esses mesmos aumentos. O que interessa, fundamentalmente, é a elevação do poder de compra, porque o salário, em termos de número de escudos, nada nos diz», acrescentou Costa Martins, que foi ministro do Trabalho nos quatro governos provisórios a que presidiu o general Vasco Gonçalves.

O jovem capitão do 25 de Abril declarou não acreditar «na revitalização da economia, a não ser através de um planeamento a nível nacional que trace as grandes linhas económicas em que participem as pessoas mais directamente interessadas». Todavia, «os trabalhadores têm tido pouca oportunidade de participar na solução desses problemas, no-

meadamente através dos seus órgãos representativos, os sindicatos, comissões de trabalhadores ou Intersindical».

Costa Martins adianta que «o avanço revolucionário ainda não atingiu o ponto em que os trabalhadores participam activamente na resolução desses problemas».

Segundo afirmou, também, não basta melhorar a distribuição das riquezas produzidas, que «deverá processar-se de uma forma cada vez mais justa»: é preciso aumentar o produto nacional, condição indispensável para o aumento da riqueza.

No entanto, «quando se fala no aumento de produção, muita gente pensa, imediatamente e unicamente, em aumento de trabalho: número de horas, esforço, etc., esquecendo outros pontos de fundamental interesse, tais como a participação dos trabalhadores no planeamento económico, a ausência de uma reestruturação da economia de modo a tornar mais rentável as diversas unidades de produção e a organização dessa mesma economia por forma a dar a resposta às necessidades mais prementes do País» — acrescenta Costa Martins, depois de salientar que, «se a produção estagnar ou baixar, ninguém será beneficiado».

Abordando o problema do desemprego, o antigo ministro do Trabalho lembra que chegou a propor «a criação de um órgão de planeamento e coordenação, a nível de topo, em estreita colaboração com o Ministério do Trabalho, com as comissões de trabalhadores, os organismos sindicais e, ainda, representantes do sector privado». Mas «só através de um conveniente planeamento se poderá resolver o problema do desemprego», acrescenta Costa Martins.

O ministro do Trabalho dos Governos de Vasco Gonçalves declara, a terminar, que sempre esteve «e continuarei a estar ao lado dos trabalhadores e à sua disposição para a resolução de quaisquer problemas que estejam ao meu alcance, como cidadão ou militar, e terei bastante satisfação em participar na resolução desses mesmos problemas, ou na confraternização com os trabalhadores, onde e quando se proporcionar».

Nesta entrevista, publicada no número que assinala o reaparecimento do órgão da Intersindical, após um período de suspensão para reestruturação, Costa Martins pronuncia-se ainda, detalhadamente, sobre a sua actividade no Ministério do Trabalho, relações com os sindicatos e a Intersindical, tarefas do movimento sindical, investimentos estrangeiros, etc.

COVINA

TRABALHADORES EXIGEM ADMINISTRADOR DA SUA CONFIANÇA

. .O ministro das Finanças, dr. Salgado Zenha, recusa-se a nomear um elemento de confiança dos trabalhadores para o cargo vago na administração da Covina, empresa nacionalizada em Julho — revelou o Conselho de Defesa dos Trabalhadores da Covina, num encontro com os órgãos de Informação, ontem, onde se deu conta da disposição dos trabalhadores em adoptar «as devidas formas de luta, para que não seja permitida a entrada na empresa a quaisquer elementos impostos pelo VI Governo».

. .O processo de nomeação dos administradores da Covina iniciou-se logo após a nacionalização da empresa, datando o actual processo dos últimos dias de vigência do V Governo que, já demissionário, «não teve possibilidades de dar despacho ao assunto».

. .Posteriormente, o dr. Salgado Zenha viria a rejeitar os dois nomes sucessivamente indicados pelos trabalhadores para preencher o cargo vago: os drs. Virgílio Burgo Fernandes e Guilherme Espinha Ribeiro de Carvalho, que merecem a confiança do Conselho de Defesa dos Trabalhadores. Na sequência da reunião do Conselho de Ministros da passada sexta-feira, o ministro das Finanças teria imposto um prazo de 48 horas para que os trabalhadores se pronunciassem sobre os nomes por ele indicados.

«Estas atitudes denunciam, uma vez mais, a política que o VI Governo vem seguindo, não atendendo aos verdadeiros interesses dos trabalhadores nem respeitando a sua vontade», lê-se numa moção aprovada no plenário de trabalhadores da Covina, ontem realizado, onde se decidiu «que só tenha inclusão no elenco da administração um dos nomes indicados pelo C. D. T. e nunca aqueles que VI G. P. nos queira impor.»

. .A Covina é uma das raras empresas nacionalizadas não deficitárias, dispõe de um capital social de 400 mil contos e emprega 1200 trabalhadores, «o que, aliás, os vincula a encontrarem-se voltados para o futuro da economia nacional» — salientou-se no decorrer da conferência de Imprensa, realizada ontem à tarde.

METALOMECÂNICA PESADA OBJECTO DE COMUNICADO

. Do Ministério da Indústria e Tecnologia recebemos o seguinte comunicado referente à situação e planeamento no sector da metalomecânica pesada:

. «Realizou-se, no dia 17 de Novembro, uma reunião destinada ao lançamento de um Grupo de Trabalho visando a criação do futuro órgão de planeamento e controlo do sector básico da metalomecânica pesada.

«A esta reunião estiveram presentes o ministro da Indústria e Tecnologia e os secretários de Estado da Indústria Pesada e da Energia e Minas, representantes da Comissão Coordenadora de trabalhadores deste sector e representantes das administrações das empresas abrangidas.

«Tratou-se de prestar esclarecimentos sobre o despacho do M.I.T. criando o referido Grupo de Trabalho, bem como de apresentar alguns projectos industriais em curso para cuja realização contribuirá a metalomecânica pesada.

«As condições actuais prevalecentes no sector, das quais se destaca a existência de diversos projectos industriais em diferentes graus de adiantamento, impõe que, desde já, tais projectos sejam tratados em termos de planeamento sectorial e controlo de produção, ao mesmo nível, por parte dos trabalhadores. Importará sobretudo, assegurar o aproveitamento maximizado das capacidades de produção instaladas.

«Neste sentido, entendeu-se necessário promover de imediato o funcionamento de um dispositivo transitório que, através da Secretaria de Estado da Indústria Pesada, desencadeie as acções indispensáveis ao lançamento articulado dos projectos a desenvolver. Destas acções importa destacar as seguintes:

. « — Inventariação das cargas para o sector, decorrentes dos projectos em fase de próxima concretização;

. « — Inventariação das capacidades instaladas e disponíveis nas empresas do sector;

« — Desenvolvimento de contactos com as empresas do sector, as empresas clientes e organismos intervenientes, que preparem o adequado lançamento do órgão de planeamento e controlo do sector, logo que este se encontre instituído.

«Com este fim, foi assim decidido criar, para o desenvolvimento das acções anteriormente mencionadas, o referido Grupo de Trabalho, que será constituído por dois representantes do M.I.T. e vários técnicos provenientes das empresas do sector.

«Este Grupo de Trabalho deverá na sua actuação promover contactos com os órgãos representativos dos trabalhadores do sector, no âmbito de promover, de imediato, forma de intervenção daqueles ao nível do planeamento do sector, até que sejam adoptadas formas institucionalizadas.»

Trabalho

"GREVE" DO GOVERNO MOVIMENTA TRABALHADORES

Paralisações de trabalho e reuniões de emergência assinalaram o dia de ontem em numerosas empresas da cintura industrial de Lisboa, cujos trabalhadores se dirigiram, massivamente, a Belém, exigindo a constituição de um governo popular.

Moções aprovadas em plenários e reuniões de comissões de trabalhadores de diversas empresas dão-nos conta do seu empenho nas tarefas políticas que o actual momento exige e mostram a sua firme intenção de pronunciarem a última palavra sobre o assunto.

Na CUF, «face à recusa do VI Governo em governar», os trabalhadores reuniram em plenário extraordinário, decidindo, por aclamação:

. «1 — Repudiar este acto antidemocrático que, no entender dos trabalhadores, mais não é do que forçar o sr. Presidente da República a tomar medidas repressivas contra o povo trabalhador.

«2 — Apelam a todos os trabalhadores para se unirem nesta luta contra as forças reaccionárias e conservadoras.

«3 — Exigem do sr. Presidente da República que tome medidas imediatas, inclusive a demissão do VI Governo, e substituí-lo por um Governo verdadeiramente revolucionário.

«4 — Caso estas medidas não sejam tomadas e se mantenha a chantagem do VI Governo, reservam-se os trabalhadores da CUF o direito de avançarem com outras formas de luta.»

. À nossa redacção têm chegado inúmeros testemunhos da actividade dos trabalhadores de diversas empresas e sectores, exigindo, muitos deles, que a suspensão do Governo se converta em demissão. Enviaram-nos moções sobre o assunto, designadamente: trabalhadores da Auto Monumental do Areeiro; da Sores, Sociedade de Refinadores de Santa Iria; da Fábrica Militar de Braço de Prata; comissão de trabalhadores do núcleo de produção do Instituto Português de Cinema; trabalhadores da firma Rocha Amado e Latino; da fábrica número um da Sociedade Central de Cervejas; comissão de trabalhadores da Processa, etc.

Em muitas delas se exprime um inequívoco apoio ao Secretariado Provisório das Comissões de Trabalhadores da Cintura Industrial de Lisboa, ao convocar a concentração em Belém.

ESCRITÓRIOS: VAZIO POLÍTICO FAVORECE O FASCISMO

Também as direcções sindicais já começaram a pronunciar-se contra a «atitude demissionista do Governo».

A comissão do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do distrito de Lisboa, em comunicado distribuído aos sócios, considera que a decisão do Governo «pode significar a demonstração cabal de incapacidade pessoal de muitos membros do Governo, ou a tentativa de criar um vazio político que apenas agravará a situação das classes trabalhadoras».

O comunicado responsabiliza directamente o Governo «pelas graves consequências desta greve ou *lock-out*», advertindo para o facto de ter sido criado um «vazio político» susceptível de proporcionar «as melhores condições para a instauração de uma ditadura fascista».

Tudo isto se passa, lembra a comissão directiva dos trabalhadores de escritório, quando:

. « — pela boca de muitos membros do actual Governo a situação económico-financeira do País é caótica;

. — O desemprego atinge números elevadíssimos para a nossa população activa;

. — Há necessidade de relançar a economia, criando novos postos de trabalho e consequente riqueza;

. — O País se vê a braços com o sustento de cerca de 300 000 pessoas momentaneamente improdutivas (retornados);

. — Urge tomar medidas concretas em relação à descolonização que não levem à supressão das relações diplomáticas e económicas com os novos países de expressão portuguesa — Moçambique, Guiné, Cabo Verde, S. Tomé e Angola;

. — Timor, ainda parte integrante do território nacional, se encontra a braços com uma guerra civil e as conversações de paz estavam para começar;

. — A direita reaccionária e assassina através dos seus braços armados, o E. L. P. e M. D. L. P., lançam a destruição e morte ao longo do País.»

C.T.'s DAS MULTINACIONAIS REUNEM-SE NA SEGUNDA-FEIRA

As comissões de trabalhadores das multinacionais voltam a reunir-se, na próxima segunda-feira, dia 24, para discutirem as formas de luta que, em conjunto devem adoptar para responder à grave situação em que se encontram muitas empresas dependentes do capital estrangeiro. Na mesma altura deverá ser eleito um secretariado que dirigirá o trabalho destas intercomissões.

Na última reunião que contou com a presença da Timex, Torrington, Sandoz, Firestone, Imprimarte, Siemens, Electrolux, e ainda da metalúrgica da Longra, hospital militar principal e hospital de Santa Cruz, verificou-se que são as empresas do grupo ITT as que estão em maiores dificuldades, nomeadamente a Imprimarte. Assim, as comissões de trabalhadores do grupo ITT decidiram denunciar a inoperância do Poder político, ao longo dos vários Governos provisórios, o que leva a que actualmente seja o próprio salário dos trabalhadores a estar em causa.

A comissão de trabalhadores da Imprimarte apresentou uma proposta, que aponta para a necessidade dos trabalhadores de todas as multinacionais se reunirem e avançarem com novas formas de luta, que não foram especificados. O mesmo objectivo foi apontado pela Torrington, empresa que luta com grandes dificuldades há mais de quatro meses.

REPRESÁLIAS NA ALGOT

. A multinacional «Algot», com fábrica de confecções em Fontainhas, próximo da Póvoa de Varzim, onde há um ano se registou uma paralisação de trabalho seguida de ocupação das instalações pelos trabalhadores, que exigiam o afastamento de uma directora (alemã), volta a ser objecto da atenção por parte de vários sindicatos, face a novas tentativas de despedimento por parte da respectiva administração.

Os sindicatos dos Vestuários, Armazéns, Carpinteiros, Estucadores e Pintores, Técnicos de Vendas, Comércio, Metalúrgicos e Electricistas, reunidos agora para apreciar a situação na empresa, decidiram:

. «1 — Denunciar e repudiar as tentativas de despedimento desencadeadas contra os trabalhadores Miguel Lopes de Sousa, Jorge Cadete e Manuel Meira de Vale;

. «2 — Alertar e solicitar das entidades competentes, nomeadamente do Ministério do Trabalho, que sejam tomadas medidas imediatas para o rigoroso cumprimento do despacho do senhor ministro do Trabalho, proferido em 31-1-1975, e com vista à reintegração dos trabalhadores que neste momento estão a ser vítimas das represálias por parte da administração da empresa;

. «3 — Responsabilizar o Ministério do Trabalho pelas formas de luta que os trabalhadores venham a tomar caso a situação não seja solucionada dentro de 10 dias.»

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Av. da República, 27-29 — Telef. 57 40 73
LISBOA

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores do **sector de Importadores de Armazenistas de Lanifícios, para uma reunião na sede do Sindicato, Av. da República, 29, no próximo dia 21, 6.ª feira, pelas 21 horas, para se pronunciarem sobre o projecto do Contrato Colectivo.**

Lisboa, 18 de Novembro de 1975.

A DIRECÇÃO

PUB

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

ADMISSÃO DE UM GEÓLOGO

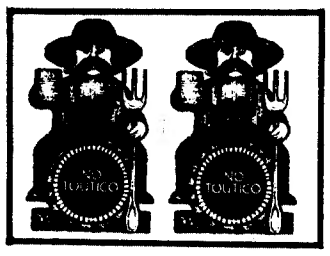
A C. P. pretende admitir um geólogo para o Sector de Geotécnia do seu Departamento de Instalações Fixas.

As condições exigidas são as seguintes:

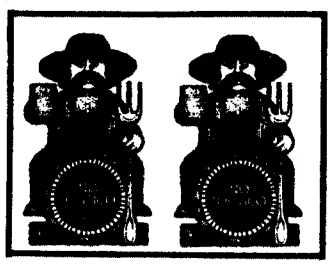
- Curso universitário: Ciências Geológicas.
- Experiência em hidrogeologia destinada a abastecimento de água e em cartografia.
- Local de trabalho: Lisboa.
- Limite de idade: 40 anos.

Os interessados deverão dirigir-se ao Sector de Formação de Quadros dos Caminhos de Ferro Portugueses, na Calçada da Glória, n.º 12-3.º, em Lisboa, enviando «curriculum» pormenorizado.

BOM APETITE



RESTAURANTE número 1
RUA DOM FRANCISCO MANUEL DE MELO, 44-A
TELEFONE 68 43 26 - LISBOA
«STEAK HOUSE»
ABERTO AOS DOMINGOS

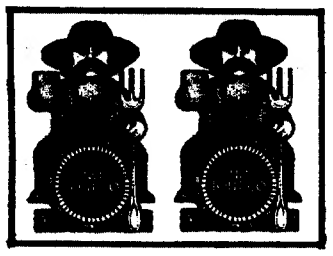


Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — TELEF. 790169 — LUMIAR
SALAS PRIVATIVAS PARA CONFRATERNIZAÇÕES E LANCHES DE CASAMENTO
AOS DOMINGOS ALMOÇOS DANÇANTES
Parque automóvel (Encerrado às 2.as feiras)

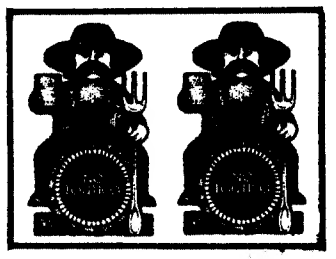
REX
RESTAURANTE BAR
AGORA E ALÉM DOS ALMOÇOS E JANTARES, SERVIÇO DE CEIAS ATÉ ÀS 2 H. DA MANHÃ • AMBIENTE AGRADÁVEL
RESERVAS PELO TELEFONE N.º 36 01 14
RUA NOVA DA TRINDADE N.º 1-B • LISBOA

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144 (Campo Grande)
CHURRASQUEIRA ADEGA TÍPICA
PARQUE AUTOMÓVEL PRIVATIVO
Encerrado às 2.as-feiras a partir das 16 h e 3.as-feiras todo o dia

Dona Maria
Restaurante - Cervejaria - Bar
AGORA COM NOVO SERVIÇO — MAIS RÁPIDO E ECONÓMICO
REFEIÇÃO ESPECIAL — 66$00 (incluindo vinho e taxas)
— Aceitam-se senhas de almoços —
Encerrado aos Domingos (Excepto para banquetes)
Largo do Regedor, 7-1.º — Telef. 3 49 82 (Junto ao Teatro Nacional)



LEÃO D'OURO
(RENOVADO)
ALMOCE E JANTE NESTE
RESTAURANTE
AR CONDICIONADO
Rua 1.º de Dezembro, n.º 93 Telef. 326195



BATAS ESCOLARES
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA - Dep. Confecções
Av. João XXI, 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — Lisboa

Geral

BAIRROS DE LATA

SÓ A VONTADE POPULAR PODE PÔR FIM A ESTA MISÉRIA

Há dias fomos contactados para irmos até à Quinta do Pinheiro testemunhar a miséria deste bairro da lata onde tudo continua como se o «25 de Abril» tivesse ocorrido noutro País. No alerta dado pelo telefone, enumeraram-nos as péssimas condições de alojamento, salubridade e segurança dos moradores, tendo o nosso informador acrescentado que habitava lá um homem com vinte cães que impediam toda a vizinhança de dormir. Às portas da Quinta, na Rua do Sol a Chelas, fica o chafariz e meia dúzia de latões onde o lixo e dejectos são depositados. Ao domingo, não há despejos — e o fedor, que penetra sempre nas barracas mais próximas, torna-se insuportável. No recinto da entrada, alinham-se vários tanques onde as mulheres lavam a roupa enquanto as crianças se vão entretendo a chapinhar nas poças de água formadas no empedrado irregular.

Com tábuas, chapas de zinco, papelões e outros materiais que na altura ofereciam um mínimo de segurança contra a chuva e o vento, construiram-se miseráveis barracas separadas por ruelas atoladas de lixo. Enquanto por cima das nossas cabeças esvoaçavam peças de roupa gastas pelo uso, uma vaca gorda continuou o pasto, calmamente, num pedaço de terra exíguo, dando assim a única nota de abastância num cenário de miséria deprimente.

BASTA DE REPORTAGENS

No tempo do fascismo, qualquer jornalista não deixaria de aproveitar a oportunidade de uma reportagem num bairro de lata para denunciar a exploração capitalista. Hoje, os moradores reagem assim ao repórter:

. «Olhe, já estamos fartos de reportagens. Os senhores jornalistas vêm cá, até já tivemos uns tipos da televisão holandesa, são todos muito compreensivos, mas não é isso que ajuda a gente. É preciso acabar com esta miséria toda» — eis a conclusão de uma moradora que pareceu interpretar os sentimentos dos restantes habitantes. Uma vizinha acrescentou: «Também estou muito desiludida com a Comissão de Moradores. Já cá vieram, mas ainda não vi resultados. Dei-lhes cem escudos que me fizeram muita falta porque o meu marido ganha quatro contos e é deles que a gente vive: eu, a minha filha e a minha mãe.

Um grupo de mulheres idosas desabafavam contando como, há quarenta anos, tinha vindo para ali, carregadas em camionetas tal como se fez com o gado. Um homem ainda novo, visivelmente embriagado, aproximou-se com uma garrafa de vinho na mão enquanto as crianças, entre risadas, lhe sugeriam que desse o resto à vaca... Não foi difícil chegar junto ao pequeno recinto onde se encontram os vinte caes que Ti Tónio, com muito esforço, conseguiu reunir. A princípio, olhou-nos desconfiado e, apontando o viznho que fizera as queixas relativas aos latidos nocturnos, afirmou:

«Não faça caso, esse senh é muito mau. Tenho 63 anos e estes animais são o único consolo que me resta na vida. Todo o dia ando pela cidade a procurar de comida para lhes dar. Há dias, perdi o «Tejo», que era o meu preferido. Veja lá, com tantos cães e logo havia de ser este a morrer...»

Os olhos enchem-se-lhe de tristeza e logo a seguir de lágrimas. Enquanto se afasta, algumas mulheres comentam: «De facto, ele é muito afeiçoado aos animais. Já não podia viver sem eles. Está muito doente, deita sangue pela boca e tem o corpo coberto de feridas. Não ficou no hospital por causa dos cães. A gente às vezes nem o ajuda mais porque tem nojo».

Pense-se na crueldade de um sistema que levou um homem de 63 anos a investir todo o seu afecto em alguns cães que os outros escorraçam. Quantas outras formas de alienação semelhantes observamos à nossa volta, sabendo que só o passar das gerações delas nos poderá libertar? Uma menina lindíssima, que deve ter aí os seus quatro anos, tem agora a possibilidade de fugir à miséria que assassinou os seus irmãos. Quantos de nós então, realmente, com ela?

. O Ti Tónio voltou para junto de nós desta vez com as mãos cheias: cachorrinhos recém-nascidos. A ternura dos seus olhos gera em mim a tristeza de ver ódio entre os que sofrem a mesma miséria e exploração.

Chamam-me a atenção para um buraco escuro: «Aqui morreu, há dias, um homem que também não tinha ninguém. Chamámos o «115» porque o corpo já estava aí há tempos quando demos por ele». Perto fica uma fossa que dizem ter vinte metros de profundidade. Ao fundo, vêem-se os jazigos e os ciprestes do Alto de S. João. Uma velhota desdentada parece adivinhar-me os pensamentos e comenta galhofeira: «Às vezes os mortos vêm para o muro falar com a gente». Saio deste desterro onde as pessoas são enterradas vivas e penso nos que andam para aí a dizer que a revolução está a avançar depressa demais...

CASAS SIM, BARRACAS NÃO

No dia 15 de Fevereiro, uma manifestação de cerca de 50 mil pessoas exigiu a aplicação, no prazo de 20 dias, de um caderno reivindicativo como solução para o problema dos bairros de lata e todos os outros bairros pobres da zona de Lisboa. Participaram trinta Comissões de Moradores.

As reivindicações, distribuídas por 12 pontos, exigiam a construção de novos bairros no local onde se encontram as barracas, justificando-se todas as expropriações necessárias para tal. Compete aos moradores pronunciarem-se sobre o tipo de casa a ser construída. Para os que quiserem organizar cooperativas, deve haver um empréstimo sem juro ou então um juro máximo de 2 por cento, durante 25 anos no mínimo, além do subsídio a atribuir. Para os bairros que optem pela construção — tipo, habitação social, exige-se que a renda não exceda 10 por cento do rendimento familiar.

Para evitar as corrupções tão nossas conhecidas durante as trevas fascistas, deverá ser feita uma divulgação pública das verbas atribuídas ou a atribuir aos bairros de lata pela Câmara ou outras entidades. Só assim se poderá garantir um controlo efectivo dos fundos pelos moradores.

É necessário prosseguir com o saneamento — e as reivindicações implicam que enquanto não forem construídos novos bairros, «o Estado garanta, através de legislação apropriada, a ocupação das casas que se encontram vagas, por parte das famílias desalojadas ou em péssimas condições de alojamento. Por outro lado, só os representantes dos moradores têm competência para proceder à distribuição dos fogos construídos pelo Fundo de Fomento de Habitação, GTH, EPUL, fundações ou outras entidades».

Face às propostas apresentadas pelo Governo, os moradores «recusaram a autoconstrução, a renovação ou recuperação dos bairros actuais, bem como a habitação de tipo prefabricado». Foi igualmente recusada a legislação sobre cooperativas sempre que se detectem tentativas de iludir os oradores ou atrasos na solução do problema.

PROGRAMA DE LUTA IMEDIATA

Depois da apresentação deste caderno reivindicativo, que temos vindo a citar, passaram-se nove meses sem que o Governo se tenha pronunciado. A gravidade da situação levou o Secretariado da Intercomissões de Moradores dos Bairros Podres e de Lata da Zona de Lisboa a elaborar um «Programa de Acção Imediata» que foi posto à discussão, no passado sábado, na Cooperativa 25 de Abril, na Quinta das Fonsecas.

Como se considerou que o número de comissões presentes não era suficientemente representativo para se passar a uma deliberação final, foi marcado um plenário para este próximo sábado. Procedeu-se, entretanto, à discussão de vários aspectos relacionados com o «Plano de Acção Imediata». Passamos a referir alguns dos que nos pareceram mais importantes.

Como primeiro ponto, exige-se a aplicação do referido caderno reivindicativo. Para que o caminho em direcção à socialização da habitação seja uma realidade, propõe-se o abaixamento imediato das rendas de acordo com o critério dos 10 por cento sobre o rendimento familiar, tendo em conta as condições de habitação, emprego, saúde, número de pessoas que constituem o agregado, etc. Os desempregados ficam isentos do pagamento de renda.

Quanto ao contrato de arrendamento, devem acabar «as luvas» e a possibilidade dos senhorios escolherem os inquelinos. As CMs são as únicas entidades com competência para proceder à realização dos contratos. A prioridade na atribuição das casas será estabelecida em plenário de forma a respeitar as reais necessidades da população.

Haverá, de acordo com o citado programa, um saneamento dos «subalugas parasitas», pois os contratos de sublocatários só se justificam quando a subsistência está em causa. Todos os senhorios ricos que

HELENA BALSA

se recusem a fazer obras e mantenham as casas em péssimas condições «serão expropriados sem indemnização». As rendas dos prédios expropriados constituirão um fundo comunal, sob o controlo das CMs, destinado à aplicação de obras necessárias à população.

Enquanto houver gente sem casas, não é justo que haja casas desabitadas. Assim, «as ocupações organizadas devem prosseguir e para fazer face à justiça burguesa, devem constituir-se comissões de defesa das ocupações». É igualmente proposto, no mesmo programa, a abolição das rendas dos terrenos onde se situam as barracas pois a população que nelas vive deve ser ajudada e não explorada.

SOLIDARIEDADE ENTRE COMISSÕES

A reunião de sábado, teve ainda o mérito de levantar várias questões relativas à dinamização e funcionamento das Comissões de Moradores. Tornou-se evidente que num processo revolucionário tem de haver segregação e, por isso, foi mais uma vez afirmada a necessidade «de expulsar a canalha cujo objectivo é sabotar o processo». Nesta perspectiva, levantou-se a questão das comissões de rua que levou uma representante do Casal Ventoso à seguinte conclusão:

. «Os interesses das populações são muito vastos. Não vamos confundir as necessidades da gente do meu bairro, que luta por uma habitação, com as reivindicações das comissões que pretendem jardins e piscinas para os seus bairros». Outra intervenção, referiu a necessidade de combater o reformismo das Juntas de Freguesia que, em alguns casos, constituem um entrave para a combatividade revolucionária das forças populares.

Um elemento do Secretariado da Intercomissões pôs à assembleia a seguinte questão: «Os bairros de lata, por si só, serão capazes de conduzir uma luta vitoriosa? Não será necessário conjugar os interesses de todos aqueles que podem estar solidários com esta luta?»

. Todos pareceram estar de acordo quanto à necessidade de dinamizar as CMs para que o plenário do próximo sábado possa ser significativo da vontade popular. Certamente que os oportunistas e os sabotadores serão afastados porque, neste caso, mais uma vez, se constata que são os trabalhadores explorados, a quem foi negada uma habitação, quem constitui a vanguarda da luta pela socialização da habitação.

TAILÂNDIA

OS ESTUDANTES E O NACIONALISMO

WILFRED BURCHETT

. BANGKOK — Enquanto falávamos com os dirigentes estudantis tailandeses, em Bangkok, na Universidade de Thammasat. escutando. em fundo, canções revolucionárias locais gravadas, verificou-se subitamente uma mudança rápida no registo magnético. Um jornalista francês perguntou espantado: «Mas porque é que vocês tocam o hino nacional francês?» «Não, isto é a Marselhesa», respondeu-lhe um dos dirigentes estudantis. Como foi imediatamente seguido pela «Internacional», percebemos o objectivo. Os estudantes universitários tailandeses tornaram-se muito patriotas, muito politizados, muito revolucionários e muito internacionalistas. Os luxos não eram permitidos durante as décadas da ditadura militar, na queda da qual os estudantes desempenharam um papel de vanguarda em Outubro de 1973. Actualmente, o internacionalismo significa, primeiro e acima de tudo, ser-se anti-EUA.

Era o dia 4 de Julho, e alguns 3000 estudantes tinham-se juntado na Universidade de Thammasat — local exacto do levantamento de Outubro — para celebrar duma maneira muito especial o Dia da Independência Americana. Os dirigentes estavam a dar o toque final no programa «Odiar o Imperialismo Americano», como um dos pontos altos do ano. O novo secretário eleito do NSCT (National Students Centre of Thailand), Kriangkamol Laohaphairoij. quartanista de Direito, falando calmamente, explicou que um dos objectivos principais era assegurarem que todas as bases militares americanas na Tailândia e, todo o pessoal militar americano, fossem retirados em Março do próximo ano, como o prometeu o primeiro-ministro, Kukrit Pramoj, quando ocupou o lugar, em Março de 1975. Os estudantes exigem que este compromisso seja mantido, ou tomarão a iniciativa de expulsar, fisicamente, qualquer militar americano que ainda se encontre na Tailândia.

A finalidade dos encontros, à escala nacional, do 4 de Julho, foi-nos explicado por Kriangkamol, seria descrever o papel e as actividades do imperialismo americano na Tailândia, «educando a opinião pública e explicando porque era necessário odiar o imperialismo americano...». Ao mesmo tempo, uma «Carta Aberta — ao povo americano» tinha sido delineada, explicitando que o alvo destas atitudes era a orientação política dos EUA e não o povo americano.

«Esperamos que o povo americano compreenda os nossos objectivos. Somos contra a interferência das superpotências nos assuntos internos da Tailândia. As relações actuais entre os EUA e a Tailândia não se processam em bases iguais. Exigimos que as relações entre os dois países sejam colocados em bases absolutamente paritárias, e que os EUA deixem de interferir nos assuntos internos», declarou ainda Kriangkamol.

A faísca que conduziu a este movimento tendente a forçar a retirada dos EUA, e que levou Kukrit Pramoj a ocupar o cargo de primeiro-ministro, assumindo o compromisso de fechar as bases em 12 meses, foi o que se tornou conhecido pela «Carta de Sakhon Nakhon». Dando a entender que era uma carta do Partido Comunista Tailandês oferecendo tréguas na luta e negociações, provou depois, mais tarde, ser uma falsificação engendrada por um agente da CIA, e posta no correio da base militar americana em Sakhon Nakhon. Foi a primeira evidência indiscutível da interferência da CIA nos assuntos internos da Tailândia, admitida inclusivamente pelo embaixador americano em Bagkok. Os estudantes levaram a cabo uma campanha anti-CIA e antimilitar americana, que terminou com o compromisso assumido por Kukrit.

A gravidade das repercussões da «Carta de Sakhon Nakhon» pode ser observada pela seguinte passagem do livro publicado em 1975, «Julgamento na Tailândia», de George K. Tanham, ex-assistente especial do Departamento de Estado para a Contra-Insurreição, na Embaixada dos EUA em Bangkok. Referindo-se ao «lamentável incidente» que «virou completamente as relações americano-tailandesas...», Tanham afirma: «Resumindo: Descobriu-se que a CIA, que é sempre bode expiatório para tudo, estava desta vez penosamente em falta por ter interferido nos assuntos internos do país, em contradição com os princípios do programa de contra-insurreição americana na Tailândia...»

. Refere-se ainda, à carta falsificada, comentando que um relatório de Bangkok sugere que os estudantes tailandeses estão a aumentar o seu antiamericanismo e, denunciando a missão dos EUA em Bangkok como uma violação da soberania tailandesa...» Nesta altura, ainda não é claro até que ponto as pressões públicas forçarão o governo de Sanya ou dos seus sucessores...» (Sanya Dhammasak, ex-reitor da Universidade de Thammasat, foi eleito primeiro-ministro depois do Governo de Kittakachorn-Praphas ser derrubado pela revolta estudantil. Resignou em Janeiro de 1974. tendo depois sido redigida uma nova Constituição e realizadas eleições gerais. O novo Governo, chefiado por Seni Pramoj, durou poucas semanas, até Seni ser substituído pelo seu irmão mais novo, Kukrit. Os dois irmãos chefiavam partidos políticos rivais).

O modo incrível como a CIA estabeleceu arraiais no Laos, e expandiu as suas actividades, sem o público e o Governo o saberem, foi tornado público por um jornalista excepcional, Pansak Vinyaratn, na edição de Fevereiro de 1974 da «Revista das Ciências Sociais». Vinyaratn disse-me mais tarde que tinha levado meses a vasculhar a história toda. Tinha acesso a certas fontes dentro da polícia tailandesa, uma facção que provavelmente suspeitava que a CIA conspirava com os seus rivais. Vinyaratn afiança que desde 1949, quando na Tailândia ainda não existiam programas de apoio técnico e militar americano, e que a CIA tinha sido banida pelo Congresso dos EUA por ter ajudado uma força policial estrangeira, foi feito um «arranjo» particular entre

Papel de vanguarda dos estudantes no derrube da ditadura militar tailandesa

um agente americano daquela organização e um ex-agente em Bangkok da OSS (percursor da CIA) durante a guerra. Foi assim criada uma companhia para dar cobertura à CIA — a «Companhia de Abastecimentos do Sudeste Asiático». Esta foi formada em Miami, Florida, com uma sucursal em Bangkok, chefiada pelo ex-OSS. As «mercadorias» importadas por esta companhia eram equipamento para modernizar a força policial tailandesa. Como o escreveu Vinyaratn «Embora a CIA originalmente só quisesse canalizar o seu apoio para o Departamento policial tailandês, o balanço do poder interno na Tailândia obrigava a que a CIA fornecesse também equipamento e treinasse uma unidade do exército tailandês. No entanto, a CIA tentou concentrar o seu apoio no Departamento policial. É necessário sublinharmos que estes «arranjos» foram executados sem a Embaixada dos EUA em Bangkok o saber...» (O que pode explicar porque é que o «assistente especial», George Tanham, se regozijava com o principal desastre da CIA na «Carta de Sakhon Nakhon»).

As tradicionais rivalidades entre a polícia e o exército tailandeses, ocorreram depois do Pentágono se instalar e criar a JUSMAG — Grupo Conselheiro Militar Conjunto dos EUA. As actividades da «Companhia de Abastecimentos do Sudeste Asiático» foram descobertas, pelo que teve de restringir as suas actividades ao Departamento policial. Segundo Vinyaratn, mesmo o JUSMAG foi formado sem que o Departamento de Defesa dos EUA tivesse conhecimento. Tais conluios directos entre a CIA e o Pentágono na Tailândia, à margem de qualquer um dos governos, parecem inacreditáveis; mas, o ex-ministro dos Negócios Estrangeiros tailandês, Thanat Khonam, afirmou, num artigo publicado na «Revista das Ciências Sociais», em Maio de 1973, algo ainda mais fantástico:

. Foram construídos secretamente campos de aviação e bases em Korat, Takhli, Udorn, Nakhon Phanom, assim como outros, de que só os militares possuiam conhecimento. O gabinete e eu, como ministro dos Negócios Estrangeiros, nada sabiamos sobre isso, até as notícias transpirarem pelos próprios americanos. Só então soubemos que os EUA tinham edificado campos de aviação na Tailândia e utilizavam essas bases na luta contra o Vietname e a Indochina...» Esta declaração amarga e culposa define os limites da ignorância de Bangkok e do Governo Central quanto ao que se passava nas províncias. Mas o pior, e que explica, em certa medida, a fúria dos estudantes quando descobriram o que se passava, era a conspiração do silêncio entre os altos dignatários — com a cumplicidade óbvia dos militares e da polícia — até ao ponto do país estar a perder a sua independência e a envolver-se em actividades militares contra os países vizinhos. O povo tailandês que está conscientemente politizado, especialmente os intelectuais, foi sempre muito orgulhoso do seu país ser o único do Sudeste Asiático, que nunca foi submetido às humilhações da ocupação colonialista. (Isto deveu-se a um acordo tácito entre a Inglaterra e a França. A corrida era para o rico Sul da China, a partir das respectivas bases em Burma e na Indochina, e não estavam para se «maçar» com guerras para a partilha da Tailândia!). Gradualmente, os patriotas tailandeses descobriram que estavam a ser colonizados pela «porta do cavalo».

A CIA continuou a construir a força policial com armas mais pesadas e mais modernas do que as que a JUSMAG fornecia ao Exército. Vinyaratn relata que quando Sarit Thanarat tomou a chefia do país, «foi visitar um campo de treino da polícia. Ficou absolutamente espantado por ver os tanques, as munições e as armas que a polícia possuía. Sarit enfureceu-se e, daí por diante, o contacto oficial da CIA com o Departamento policial tinha que ser feito através do Ministério do Interior. No entanto, Sarit também se apercebeu da importância relevante da CIA,e, como contrapartida, enviou forças — unidades da polícia e do exército tailandês — para operarem no Laos, sob o comando daquela organização...» Em 1965, a JUSMAG transformou-se em MACTHAI (Comando de Assistência Militar, EUA — Tailândia). Sarit tinha todas as razões para ser desconfiado. O homem da CIA em Bangkok, era o general Phao Sriyanonda, que tentou, juntamente com o Departamento da Polícia e com o equipamento da CIA, um golpe de Estado contra Sarit. Falhou, e acabou por morrer no exílio.

A amplitude da intervenção americana na Tailândia era enorme. George Tanham elaborou uma lista de 15 organizações encabeçadas pela notória frente da CIA, a AID (Agency for International Development), a ARPA (Advance Researche Projects Agency), a USIS (US Information Service), a USOM (US Operations Mission) e a USSAG (US Suport and Advisory Group). Estas organizações dirigiam totalmente as actividades militares, policiais, psicosociais e propagandistas da Tailândia, com o apoio da MRDC (Joint Thai Military Research and Development Centre) que colaborava parcialmente com aqueles sectores. O resultado final, foi, a lei marcial proclamada em 28 das 72 províncias da Tailândia, e a luta armada em 35 províncias, de acordo com as estatísticas oficiais.

Devido à luta estudantil, muitas destas efémeras organizações foram encerradas, mas a chefia estudantil, que aparentemente é apoiada pela maioria do povo tailandês (excepto pelas raparigas dos bares, massagistas e por todos os contratados para prestação de serviços aos americanos), exige retirada total até Março de 1976.

Interroguei Kriangkamol sobre a entrevista que o primeiro-ministro Kukrit concedeu à UPI na véspera da sua partida para Pequim, onde afirmava que ficariam na Tailândia uns 2000 militares americanos dispersos em pequenos grupos. «Esse talvez seja um ponto de vista do Governo. Não é o ponto de vista do povo. Não queremos que fique qualquer militar americano. Nós, os estudantes, estaremos muito vigilantes sobre isso», respondeu-me Kriangkamol.

Será que os EUA aprenderam alguma coisa nos 30 anos de derrotas e reveses no sudeste asiático? Os jornalistas e os diplomatas são unânimes em responderem que não (nos diplomatas estão incluídos os aliados mais leais da América nesta área). Os diplomatas americanos, a CIA, a USIS e outras organizações continuam a tentar enganar o seu próprio público sobre a Indochina, com histórias dos «banhos de sangue» da «inanição maciça» e dos «movimentos de resistência».

Houve uma réstea de esperança com o livro de George K. Tanham, do Departamento do Estado. Este tinha aprendido qualquer coisa. Falando sobre as suas experiências «pessoais» em «contra-insurreição» diz: «Começo por uma afirmação simples, mas que acho ser muito importante. Tratando-se de insurreição e contra-insurreição, especialmente nos seus primeiros estádios, o **povo** é mais importante que as **coisas**. (Sublinhado de Tanham,W.B.). Os comunistas sabem-no bem, tendo-o aprendido através da necessidade...». O autor não consegue transpor esta revelação revolucionária para a etapa seguinte que nos ensina serem aqueles que melhor satisfazem as aspirações populares que ganharão, apesar das «coisas» que são lançadas contra eles. Mas, para o George Tanham, este foi um grande passo em frente!

Geral

"FRANCO MORREU, MAS O FASCISMO CONTINUA"

«Franco morre que morra o fascismo!» palavra de ordem do Grupo Anarquista «Os Iguais» da Federação Anarquista Ibérica-Região Portuguesa, em comunicado tornado público em Lisboa por ocasião da morte de Franco. Recorde-se que ontem mesmo a Junta Democrática de Espanha publicou um comunicado, que o nosso jornal transcreveu parcialmente. «Os Iguais» lembram que Franco sobreviveu 30 anos aos criminosos de Nuremberga, «entre os quais devia ter estado», e salientam que a sua morte não significa necessariamente o fim do fascismo em Espanha.

Criticando os elementos das Juntas Democráticas e das Plataformas de Convergência (a quem chama «politiqueiros»), acusa-os de pretenderem uma «transição airosa, de compromisso impossível para a democracia, esquecendo os milhares de mártires da guerra civil».

Dizem os anarquistas que «o povo espanhol já fez em 36-39 uma das mais profundas transformações sociais de que há memória: sem Estado e contra o Estado. Trabalho contra o Capital. A igualdade contra o privilégio».

Segundo eles, a verdadeira revolução há-de fazê-la o povo, os trabalhadores conscientes e a juventude rebelde, os homens que aspiram a uma sociedade verdadeirameme livre, harmónica e solidária e se sentem capazes de edificá-la e dar-lhe vida e impulso». O comunicado termina, dizendo que a «F.A.I. juntamente com a Confederação Nacional do Trabalho de Espanha, chama os trabalhadores à luta pela sua emancipação completa, pela revolução social». Palavras de ordem: «Viva a liberdade-viva o anarco-sindicalismo-viva a Ibéria livre».

Por sua vez, «Accion Comunista», partindo da mesma ideia de que Franco morreu, mas o fascismo continua, emitiu um comunicado no qual faz uma análise do Estado franquista, produto directo da maior crise do capitalismo espanhol. Ser ou não ser — eis o desafio posto ao capitalismo espanhol, que instaurou um regime cuja única finalidade é a de manter a dominação sobre os operários, através da repressão do proletariado, das nacionalidades e dos democratas pequeno-burgueses.

A con inuidade do regime está personificada em Juan Carlos. Acusando a Junta Democrática, a Convergência Democrática e a F.E.D.I.S.A. de servirem apenas de «reconhecimento de discrepância de certos sectores da burguesia com a política do Governo» e de não tomarem uma posição inequívoca contra a ditadura e contra a monarquia, o comunicado propõe «a destruição do aparelho de Estado franquista, a eliminação do continuismo monárquico, o restabelecimento das liberdades democráticas e a transformação revolucionária da sociedade espanhola em função da perspectiva socialista».

Por fim, a Associação de Ex-Presos Políticos Antifascistas, e mais concretamente a sua Comissão para a Solidariedade com os Povos de Espanha, lembra a repressão, palavra «que pode resumir toda a vida do ditador» agora falecido, para afirmar igualmente que a morte de Franco, por si só, não resolve os problemas de Espanha. Chamando a atenção para o facto de ser em Espanha que está o M.D.L.P./E.L.P., o qual «se prepara para voltar a mergulhar o nosso povo na mais feroz das ditaduras» e que «é em Espanha que se organiza a conspiração fascista contra o nosso povo», a A.E.P.P.A. recomenda que «todos os verdadeiros antifascistas de Portugal» se unam «aos povos de Espanha para, ombro a ombro, varrermos de vez a fera fascista da Península Ibérica».

O comunicado termina com as seguintes palavras de ordem: «Viva a justa luta dos povos de Espanha contra o fascismo e pela democracia». «Os povos de Espanha vencerão».

AINDA O BRASIL

GOVERNO NÃO CALA IMPRENSA CORAJOSA

O assassínio do jornalista Wladimir (Waldo para os amigos e camaradas) Herzog nas masmorras e na câmara de torturas da DOI (Divisão de Operações e Investigações) levou a que camaradas de profissão e escritores antifascistas tomassem posição, denunciando a prática de sevícias até à morte em que a ex-CODI é perita. O ministro da Justiça (Armando Falcão) não respondeu. Os democratas brasileiros não desesperaram com o seu silêncio, mas exigem a abolição das leis de excepção.

Laércio Souto Maior, Sérgio Gomes da Silva («Folha de S. Paulo»), Marinilda de Carvalho Marchi (revista «Vieja»), Ronaldo Bonfim Junior, Frederico Pessoa da Silva e Paulo Sérgio Markum (TV cultura' do Rio de Janeiro), e Jorge Duque Estrada («O Estado de S. Paulo») são outros dos jornalistas que podem «desaparecer» nas mesmas circunstâncias de Wladimir Herzog, que era chefe de reportagem da Televisão de S. Paulo num programa especializado em programas educativos. Os referidos profissionais da Informação encontram-se todos detidos, como os portugueses Alípio de Freitas, José Duarte, José Ferreira, Pedro Daniel de Sousa e Miguel Trefaut Rodrigues.

Para o jornalista brasileiro, escrever o que pensa e a verdade, é uma frustração. Um dos primeiros a conhecer a tortura foi Carlos Garcia, redactor de «O Estado de S. Paulo» (companheiro de trabalho de Jorge Duque Estrada), que há dois anos, após intervenção do seu director (Júlio Mesquita Neto) na Assembleia Geral da Associação Internacional de Imprensa, em Boston, logrou convencer os militares da sua inocência.

As leis discricionárias e as «funções» das autoridades responsáveis (censores incumbidos de interpretar e aplicar uma legislação torrencial e, por vezes, contraditória) criaram para os jornais e os jornalistas condições tão absurdas e ingratas que «nem o mais iluminado dos futurólogos pode prever, no dia a dia, o destino daquilo que escreve».

Muito diferente é, no entanto, a situação dos órgãos independentes, constantemente ameaçados e multados, ou, então, com os seus profissionais permanentemente intimados a comparecer perante a polícia e as autoridades militares. Muitas das vezes (veja-se Marinilda de Carvalho Marchi e o que aconteceu a Carlos Garcia) são detidos.

No Rio de Janeiro, submetidos à censura prévia são o diário «Tribuna da Imprensa» e os semanários «Opinião», «Politika» e Pasquim». A ausência de um critério uniforme é a característica principal sobre eles exerce o Departamento de Polícia Federal.

A revista «Visão» enfrenta permanentemente problemas da área da censura. Muitos jornais e revistas acomodaram-se e levam a autocensura mais longe que as próprias autoridades, e pequenos jornais do interior são vítimas de prepotências e do arbítrio dos caciques locais. O governador do Estado da Baia vai ao desplante de perseguir, com os seus «cães de fila» os redactores e a direcção do «Jornal da Bahia». O capital e as autoridades procuram, por todas as formas, impedir que a publicidade seja canalizada para os jornais ou revistas mais lidos, o que nem sempre lhes tem sido favorável.

A censura no Brasil tem poderes para vetar o próprio discurso do presidente da República (o que nunca fez), como já o operou em relação a intervenções do presidente do Senado. Nenhuma declaração de D. Hélder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, pode ser publicada.

Júlio Rodrigues

DEMISSIONÁRIO
O MINISTRO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

Encontra-se demissionário desde o dia 11, o ministro da Indústria e Tecnologia, eng. Marques do Carmo, que alega, para a sua tomada de posição, que «as forças partidárias do VI Governo não estão interessadas no avanço do processo, mas sim na conquista de lugares».

O eng. Marques do Carmo, considerado independente da esquerda, justificando a sua atitude, afirma que «continuar no Governo, em tais condições, seria fazer o papel de mártir e, fundamentalmente, de coveiro da indústria portuguesa».

Na sequência desta tomada de posição, os secretários de Estado da Indústria Ligeira e da Indústria Pesada, respectivamente engs. Amílcar Soares Martins e Mário Cardoso dos Santos, também considerados independentes da esquerda, enviaram uma carta ao Presidente da República, ao Primeiro-Ministro e ao Conselho da Revolução, na qual se afirma que «se impõe a denúncia, junto dos órgãos do Poder e do País, da situação a que se chegou, pois atingiu-se a encruzilhada das opções definitivas. Pensamos que ainda é tempo de nos impormos a via que conduzirá à recuperação, embora à custa de pesados sacrifícios. A História se encarregará de nos castigar ou compensar, consoante a opção que os detentores do Poder de agora quiserem fazer».

BASCOS FESTEJAM A MORTE DE FRANCO

BAYONNE, 21 — (R.) — Jovens bascos dançavam às primeiras horas de hoje nas ruas de Bayonne, cantando hinos nacionalistas, para festejar a morte de Franco.

Em Hendaia, a cidade fronteiriça, refugiados bascos dançaram também nas ruas e festejaram com Champanhe a morte do Caudilho.

Bandeiras bascas foram hasteadas nas janelas de algumas residências, mas na própria fronteira uma bandeira espanhola achava-se a meia-haste, como sinal de luto, no posto da alfândega.

O CASO DO "NORD ATLAS"
DETIDOS OS AUTORES DO ATENTADO?

Três militares que prestavam serviço na Madeira foram transportados para Lisboa por suspeita de estarem implicados em atentados bombistas.

Os referidos militares teriam sido detectados por denúncia e, quando da sua detenção, no lugar de Ponta do Sol, tinham em seu poder armamento vário. Um deles teria, inclusive, as mãos marcadas pelo manejo de material explosivo.

Trata-se de informações confiadas ao «DL» por fonte geralmente bem informada, no Funchal, que adianta a hipótese dos mesmos indivíduos estarem implicados no recente atentado à bomba que destruiu parcialmente um «Nord Atlas» da Força Aérea, na placa de estacionamento do aeroporto.

Em contacto com o Comando Militar da Madeira, foi-nos dito, pelo major Oliveira, que eram falsas aquelas informações, que não houvera lugar à detenção de militares e tão pouco ao seu transporte para Lisboa. O mesmo oficial viria a acrescentar que, por sinal, em relação ao caso do «Nord Atlas», «não temos nenhuma pista».

A CRISE ANGOLANA

Entre Idi Amin e Marien Ngouabi, presidente da República Popular do Congo, subsiste um contencioso que se situa em torno da independência de Angola e levou já o presidente congolês a solicitar a demissão do presidente ugandês da chefia da Organização da Unidade Africana (O. U. A.), que Sekou Touré, presidente da Guiné, corroborou.

A despeito das contradições assumidas relativamente ao problema angolano e ao não reconhecimento, por parte de Idi Amin, da República Popular de Angola e da posição do M. P. L. A. como movimento vanguardista do território e «legítimo defensor dos interesses do seu povo», o presidente do Uganda e da O. U. A. afirmou estar convicto que os Estados membros da Organização da Unidade Africana que apoiaram e apoiam o M. P. L. A. poderiam mudar de atitude em breve e juntar-se à maioria que defende uma Angola unida. Revelou, ainda, que embora não tivesse reconhecido o movimento de Agostinho Neto mantinha relações «de boa amizade» com a hierarquia do M. P. L. A.

Idi Amin insistiu ainda que «para se evitar derramamento de sangue em Angola, não deverá ser reconhecido nenhum movimento, até se formar um Governo de unidade», aconselhando aqueles que ainda se não pronunciaram a adoptarem medidas neutrais até receberem novas instruções.

Os comentadores de assuntos africanos estão persuadidos que com estas ambíguas posições Amin procura agradar a gregos e troianos e que, com a história do derramamento de sangue, aventa a hipótese de uma cimeira a nível de chefes de Estado africanos para tomar posições definitivas quanto a Angola e, como presidente da O. U. A., pretende pugnar pela unidade do continente, aspecto em que cada vez mais se contradiz, entre os seus inimigos (o imperialismo internacional), estimulados por pseudomovimentos de libertação, e aqueles que defendem, de facto, a integridade e unidade da África.

Entretanto, em Adis-Abeba, anuncia-se que vinte dos 46 países membros da O. U. A. responderam positivamente à proposta da Somália para um encontro cimeiro acerca da crise angolana.

F. N. L. A:
OS MESMOS MÉTODOS QUE A P. I. D. E.

HAVANA, 21 — (Anop) — A autodenominada Frente Nacional de Libertação de Angola (F. N. L. A.), utilizou o terror como táctica para tentar apoderar-se do Poder nos meses que antecederam a proclamação da independência desse país.

Maria Teresa Gama, de 39 anos, militante do Movimento Popular para a Libertação de Angola (M. P. L. A.) desde os primeiros tempos, relatou ao semanário cubano «Bohemia» a sua experiência pessoal do terror espalhado pela F. N. L. A..

Salientou o procedimento que pouco depois de constituido o Governo transitório de Angola começou a usar a F. N. L. A. chamando a si a herança dos processos da Polícia política portuguesa (P. I. D. E.) assessorada pela C. I. A. dos Estados Unidos.

INTER CONTRA DIRECÇÃO DA E.N.

«Os órgãos de Informação não têm que estar ao serviço de um Governo contestado pelos populares» — lê-se numa nota emitida pelo Secretariado da Intersindical, ontem, a propósito de proibições que a direcção da Emissora Nacional fez de comunicados de comissões de trabalhadores e outros órgãos de poder popular apelando para a concentração em Belém.

A Intersindical «protesta energicamente contra a orientação direitista e contra-revolucionária que a E.N. tem vindo a dar à sua programação» e diz: «A direcção da E.N. mais uma vez deu provas dos compromissos que tem com os partidos de direita e com a reacção».

PORTUGAL ADMITIDO NO I.C.E.M.

GENEBRA, 21 — (R) — Portugal foi admitido como membro de pleno direito do Comité Intergovernamental de Migração Europeia (ICEM), um órgão de 32 nações para o transporte e realojamento de refugiados e migrantes.

O Governo de Lisboa tinha anteriormente o estatuto de observador, mas foi admitido como membro de pelno direito na reunião do Conselho do ICEM realizada no princípio desta semana — anunciou o ICEM.

O conselho anunciou que a organização espera ser chamada a assistir a cerca de 59 000 migrantes e refugiados durante 1976, e aprovou o orçamento de 26 milhões de dólares.

Estão também a decorrer negociações sobre um proposto programa de re-emigração de Portugal de aproximadamente 12 000 refugiados da antiga colónia portuguesa de Angola, a fim de diminuir a tensão sobre a abalada economia de Lisboa.

"EL CAMPESINO": ALÍVIO

METZ, 21 (R) — O general Valentin Gonzales, destacado comandante republicano durante a Guerra Civil espanhola, afirmou a noite passada em Metz que os seus compatriotas souberam com alívio a morte de Franco.

«Todos esperavam a morte de Franco e o povo espanhol soube-a com alívio», observou o general Gonzales, de 66 anos, que sob o apodo de «El Campesino» chegou a comandar todas as forças republicanas espanholas.

Gonzalez disse ainda a jornalistas: «É difícil descrever o que era Franco. Toda a sua vida foi uma grande mentira e custa a crer que ocupou o Poder, durante quase 40 anos, e que matou um milhão de pessoas na Guerra Civil.»

Em ÁGUEDA, o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Agência Conde — Rua Luís de Camões

Estrangeiro

A MORTE DO CAUDILHO

Fim do regime autoritário pedido em Espanha

MADRID, 21 — (R.) — Espera-se que milhares de espanhois passem hoje junto da urna com o corpo do seu antigo ditador, o generalíssimo Francisco Franco, enquanto prosseguem os preparativos do funeral e da ascensão ao trono do Príncipe Juan Carlos.

A urna aberta, com o corpo de Franco, envergando o uniforme de capitão-general do Exército, a mais elevada patente militar em Espanha, estará, até domingo, de manhã, em câmara ardente no Palácio Oriente, no centro de Madrid, celebrando-se depois uma missa fúnebre.

Franco faleceu ontem, de madrugada, com 82 anos, após uma série de afecções como ataques cardíacos, deficiência renal, bronco-pneumonia, grandes hemorragias intestinais, que obrigaram a três delicadas operações ao estômago, e uma trombo-flebite.

O velho ditador será sepultado no domingo na basílica do grandioso monumento aos que tombaram na guerra civil espanhola, o Vale dos Caídos, situado a 50 quilómetros ao Norte de Madrid e que foi construido por prisioneiros republicanos feitos durante a luta.

Amanhã o Príncipe Juan Carlos, de 37 anos, prestará juramento como rei de Espanha numa sessão conjunta das Cortes (Parlamento) e do Conselho Consultivo do Reino, formado por 17 membros.

RESISTÊNCIA DA DIREITA

Quando Juan Carlos se prepara para ocupar o trono numa Espanha que apenas conheceu um ditador desde o fim da guerra civil, em 1939, vozes da oposição começam a pedir o fim do regime autoritário que o Caudilho legou ao seu povo.

Felipe Gonzalez, chefe do Partido Socialista dos Trabalhadores o principal movimento socialista espanhol — afirmou ontem que a morte de Franco «encerrará um capítulo negro da história da Espanha».

O Partido Socialista disse num comunicado que Franco usurpara o Poder, durante 36 anos, mas que, com o seu falecimento, se abrirá «um novo capítulo na nossa história».

O Partido revelou que participaria na construção da democracia, mas rejeitou qualquer fórmula que continuasse o regime franquista sob a chefia de Juan Carlos.

Do seu exílio, em Paris, Santiago Carrrillo, secretário do Partido Comunista Espanhol, afirmou que todas as forças da oposição em Espanha deveriam aparecer para se formar um Governo Provisório e redigir um programa «capaz de conseguir a maior unidade nacional».

Outros partidos da oposição, incluindo o dos carlistas, manifestaram opinião semelhante.

Espera-se, todavia, que a direita, numa situação privilegiada, resista a quaisquer reformas que possam conduzir à legalização dos comunistas e a um conflito semelhante ao que se regista no vizinho Portugal.

. Para a maioria dos espanhóis o falecimento do Caudilho significa o fim de uma era que incluiu tanto estabilidade como progresso económico, juntamente com a repressão política dos adversários do regime.

Em Madrid, os bares e restaurantes estiveram geralmente cheios, como é habitual, mas em muitos edifícios via-se hasteada a bandeira espanhola, com um fumo negro a meio, como sinal de luto. A Televisão suspendeu o seu programa normal para transmitir documentários acerca do generalíssimo e notícias sobre a reacção à sua morte.

Escolas e universidades estarão fechadas uma semana, os cinemas teatros e clubes nocturnos somente abrirão as suas portas depois do funeral de Franco, e a maior parte dos estabelecimentos e escritórios estará encerrada amanhã.

Grande multidão concentrou-se ontem defronte do Palácio do Pardo, a residência de Franco nos arrabaldes de Madrid, para onde o seu corpo foi transferido, numa urna castanha, do Hospital de La Paz, onde o Caudilho faleceu.

ESPERANÇAS

Entretanto, o Conselho de Regência, formado por três membros, substituiu Juan Carlos na chefia do país. O Príncipe assumiu temporariamente os poderes de chefe de Estado, em 30 de Outubro, quando lhe foi assegurado que o generalíssimo Franco nunca mais recuperaria totalmente. O Conselho ocupará o Poder até Juan Carlos prestar juramento como novo rei de Espanha.

Embora a maioria dos países anunciasse que apenas os seus embaixadores em Madrid ou outros funcionários assistiriam ao funeral de Franco, espera-se que a ascensão ao trono de Juan Carlos e as esperanças de maior liberalização em Espanha atraiam à capital espanhola algumas individualidades estrangeiras de destaque.

O presidente Valéry Giscard D'Estaing da França anunciou que assistirá na quarta-feira a comemorações, que consistirão numa missa católica, numa parada militar e numa recepção oficial.

Tradicionalmente não se efectua a coroação de reis espanhóis.

O Vale dos Caídos, onde será sepultado no domingo o general Franco. O monumento ali existente, de homenagem aos que tombaram na guerra civil espanhola, foi construido por prisioneiros republicanos (Telefoto UPI-Telimprensa)

Pinochet no funeral

SANTIAGO DO CHILE, 21 — (ANOP) — O presidente chileno, general Augusto Pinochet, representará o seu país no funeral de Franco — anuncia-se em círculos governamentais da capital chilena.

Segundo os mesmos círculos, Pinochet será acompanhado pela mulher, pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, e por uma pequena comitiva.

Será esta a primeira deslocação de Pinochet à Europa desde que assumiu o Poder no Chile, derrubando o Governo de Salvador Allende.

CONSPIRAÇÕES DA C.I.A. PARA MATAR CINCO DIRIGENTES ESTRANGEIROS

. WASHINGTON, 21 (R) — Um relatório respeitante a conspirações da C. I. A. para assassinar dirigentes estrangeiros salienta não haver provas claras de que qualquer delas tenha sido explicitamente autorizada por presidentes dos Estados Unidos.

O relatório de 346 páginas, compilado pela comissão selectiva do Senado sobre serviços secretos, após nove meses de inquérito, pormenoriza publicamente pela primeira vez conspirações da C. I. A. contra a vida de cinco homens. São eles: o dirigente congolês Patrice Lumumba, o primeiro-ministro Fidel Castro, o dirigente da República Dominicana Rafael Trujillo, o chefe do Estado-Maior do Exército chileno, René Schneider e o presidente sul-vietnamita Ngo Dinh Diem.

Lumumba, Trujillo e Schneider tiveram morte violenta.

O relatório afirma não haver dúvida de que o Governo dos Estados Unidos se opunha a vários dirigentes que eram visados nas conspirações de assassínio que abrangeram os anos de Eisenhower, Kennedy e Johnson.

O relatório afirma:

«A comissão verifica que o controlo de comando executivo era tão ambíguo que é difícil ter a certeza quanto aos níveis a que a actividade de assassínio era conhecida e autorizada.

«Esta situação cria a perturbante perspectiva de funcionários governamentais terem levado a cabo conspirações de assassínio sem se tornar claro que tenha havido autorização explícita do presidente.»

A comissão, composta de seis democratas e cinco republicanos, recomendou novas leis tornando uma ofensa criminal conspirar para assassinar funcionários estrangeiros.

O relatório faz notar não haver lei que impeça conspirações contra funcionários fora dos Estados Unidos. Acrescenta que são necessárias novas leis para preencher o vácuo que permite a norte-americanos deixarem o país para conspirarem no estrangeiro.

Afirma ainda crer que o presidente é responsável último pelas actividades dos seus subordinados.

A comissão encontrou provas concretas de pelo menos oito conspirações para assassinar Fidel Castro entre 1960 e 1965.

Acrescenta que o antigo director da C. I. A., Richard Helms, actualmente embaixador na Pérsia, autorizou a utilização de figuras do mundo do crime para matar Fidel Castro.

Caleidoscópio

■ BANGKOK, 21 — (R.) — Tanques de fabrico soviético guardam as ruas de Dacca quando o Bangla Desh enfrenta uma nova crise provocada pela ameaça de uma revolta nas forças armadas, segundo afirmaram pessoas que chegaram a Bangkok vindas de Dacca.

Um recolher obrigatório das 23 às 5 horas foi imposto na capital do Bangla Desh.

A nova tensão segue-se a uma revolta, em 7 de Novembro, em que morreram, pelo menos, cem soldados, incluindo 34 oficiais, disseram aquelas pessoas.

■ NAÇÕES UNIDAS, (NOVA IORQUE), 21 — (R) — A Assembleia Geral da O. N. U. exigiu ontem, à noite, que todas as tropas estrangeiras retirem, sem demora, de Chipre, e convidou dirigentes cipriotas gregos e turcos a recomeçarem negociações construtivas para resolver as suas divergências.

■ LONDRES, 21 — (ANOP) — A representante de Porto Rico, Sophie St. Omer, de 19 anos, foi eleita «Miss Mundo 1975».

O concurso realizou-se no Royal Albert Hall de Londres.

■ WASHINGTON, 21 — (R.) — Ronald Reagan lançou ontem a sua candidatura à nomeação presidencial pelo Partido Republicano em 1976 prometendo uma campanha de cavalheirismo e recusando-se a atacar o presidente Ford.

Ontem, também, Reagan foi alvo de uma aparente tentativa de assassínio em Miami. Um jovem foi preso depois de empunhar uma pistola, que depois se afirmou ser de brinquedo.

■ MOSCOVO, 21 — (R.) — A Itália e a União Soviética prometeram ontem aumentar a cooperação política e sincronizar os seus esforços de desanuviamento internacional.

A promessa está contida num comunicado conjunto divulgado durante a visita do presidente italiano, Giovani Leone, chegado na terça-feira para uma permanência de uma semana.

■ PARIS, 21 — (R.) — O romancista Emile Ajar causou sensação nos meios literários parisienses, ao anunciar, por intermédio da sua advogada, Gisela Halimi, que não aceita o Prémio Goncourt, a cobiçada distinção literária que lhe foi atribuida esta semana.

Tentativa de formação de segundo P.C. na Jugoslávia

. BELGRADO, 21 — (FP) — Vladimir Bakaric, um dos dirigentes jugoslavos mais próximos do presidente Tito, provocou um choque na população jugoslava, já de si condicionada por uma maciça campanha contra os «kominformistas» (ou estalinistas), ao revelar que um segundo partido comunista ilegal, provavelmente apoiado pela U.R.S.S., se tentara formar na Jugoslávia.

Focado em grande plano pela televisão, Bakaric, vice-presidente colegial da Jugoslávia, anunciou, no seu longo discurso, que alguns membros deste «partido comunista jugoslavo» ilegal tinham sido presos e que o inquérito realizado tinha levado à conclusão de que é possível a existência de laços entre este novo partido e vários países do Leste europeu, entre os quais a U.R.S.S.

Esclarecendo esta revelação que, pela primeira vez, refere expressamente a U.R.S.S., na denúncia dos elementos hostis à Jugoslávia, Bakaric disse que o Governo jugoslavo pediu explicações aos países em questão.

A pergunta feita a esses países foi: «Estão constantemente a garantir-nos que querem ter boas relações connosco e, afinal, vêem o que faz esta gente?» — acrescentou Bakaric.

Depois de precisar que a Jugoslávia não desejava deteriorar as suas relações com a U.R.S.S., contrariamente ao que as actividades «kominformistas» visam, acentuou: «Responderam-nos de forma positiva».

As posições destes «neo-kominformistas», que tinham mesmo tentado realizar um congresso, têm «certos pontos em comum» com um artigo publicado no «Rude Pravo», órgão do Partido Comunista checo, segundo Bakaric. Pedem ambos «uma intervenção do exterior, a fim de tomarem o poder» e põem a questão do que será o pós-titismo — precisou. «Esta questão é uma negação pois um grande homem como Tito deixaria sempre traços depois da sua morte» — comentou.

O discurso de Bakaric surge num momento em que os «agitadores» do partido informam os militantes da Liga dos Comunistas da Jugoslávia (L.C.J.) de que as relações com a U.R.S.S. são muito tensas e que foram ou vão ser presas personalidades conhecidas.

PUB

CURSO BÁSICO DE COMUNISMO CIENTÍFICO

1.º VOLUME

Autor: Sob a direcção de V. G. AFANASSIEV

As Edições «AVANTE!» vêm apresentar ao público leitor português o primeiro volume do Curso Básico do Comunismo Científico, importante obra de formação teórica e de esclarecimento ideológico.

Este Curso reúne e elabora cientificamente as experiências de outros povos na construção do socialismo e do comunismo, e assim demonstra e comprova que as vitórias alcançadas pelos países socialistas são, por um lado, obra e fruto do esforço criador porfiado e inquebrantável da classe operária e das massas trabalhadoras e por outro o resultado concreto, prático, objectivo, da teoria marxista-leninista, único guia para a acção capaz de levar o proletariado ao futuro que traz nas mãos.

Colocamos, pois, este Curso nas mãos dos nossos operários industriais e rurais, dos camponeses, de todos os trabalhadores, da nossa juventude. E com certeza que nada poderá deter-nos na nossa marcha para o socialismo

Código 22,01 Preço 30$00

À VENDA NAS LIVRARIAS

PEDIDOS À EDITORIAL «AVANTE!»

LISBOA: Av. Santos Dumont, 57-2.º — Tel. 76 97 51
PORTO: R. de Aviz, 26
COIMBRA: R. da Sofia, 73-1.º
MARINHA GRANDE: Livraria 18 de Janeiro
R. Marquês de Pombal, 51

Espectáculos

Crítica de Cinema

LAURO ANTÓNIO

O VIGILANTE

Título original: The Conversation
Realização: Francis Ford Coppola, 1973 (EUA);
Argumento: Francis Ford Coppola;
Fotografia: (Technicolor): Wilmer Buttler;
Música: David Shire;
Montagem: Walter Murch;
Intérpretes: Gene Hackman, John Cazale, Allen Garfield, Frederick Forrest, Cindy Williams, Michael Higgins, Elizabeth McRae, etc...
Distribuição: Sonoro Filmes;
Estreia: Cinema Caleidoscópio.

Francis Ford Coppola é um autor particularmente conhecido, depois de ter dirigido *O Padrinho* e, ultimamente, pela sua viagem a Cuba, onde anunciou estar a preparar uma obra sobre a agressão americana no Vietname. Depois de alguns anos de trabalho como argumentista, Coppola estreia no filme de fundo, em 1963, com uma obra de terror produzida por Roger Corman, *Dementia 13*. Seguem-se *A Noite é Perversa* (1966), *O Vale do Arco Íris* (1968), *Chove no Meu Coração* (1969), *O Padrinho* (1972), este *O Vigilante* (1973) e, finalmente, a continuação de *O Padrinho (2.ª parte)* (1974).

Homem integrado na grande produção cinematográfica americana, mas conservando uma grande liberdade de expressão, *O Vigilante* é anunciado por Coppola como um filme de «autor», conduzido segundo as suas próprias regras e intenções.

«The Conversation» poderá ter várias abordagens possíveis e todas elas de grande riqueza de análise. Por um lado, na estreia de um escândalo como o «Caso Watergate» poderá discutir-se a intromissão violenta na vida privada de qualquer cidadão (toda a sequência inicial de *O Vigilante* dá bem o tom de pesadelo incontrolável deste mecanismo agressor que nos escuta, nos espia, nos vigia, nos persegue na sombra, escudado pelas descobertas prodigiosas da tecnologia).

Por outro lado, centralizando-nos na figura de Harry Caul (Gene Hackman), poderemos analisar um caso de «responsabilidade» moral e criminal. Até que ponto é Harry Caul «responsável»? Ele será somente o frio executante de uma técnica que tudo permite? Será Harry Caul somente um bom técnico de som?

E já agora: o tipo de actividade desenvolvida por Harry Caul irá condicionar o seu quotidiano. Quem são os seus amigos, se é que os tem? Colegas de profissão e prostitutas de ocasião. Donde a solidão, o desejo de estabelecer uma comunicação de qualquer tipo (a «confissão» na igreja; as «confidências» na cama). E a má consciência de quem, escutando, se torna o «braço» criminoso que vitima, que destrói, que mata. Que permanecerá só, para lá das explosões finais. Desoladoramente só.

Mas, perseguindo com a máquina de filmar uma personagem como Harry Caul, Francis Ford Coppola é ele próprio um «intromisso» na intimidade de um personagem. E o leque de leituras possíveis desdobra-se, relembrando o *Blow Up*, de Antonioni, a quem Coppola «cita», homenageando.

Filme de terror, de angústia e pesadelo, obra de um «realismo fantástico» que é já realidade de *tout court*, *The Conversation* é um importante documento de psicanálise da América contemporânea. É uma lição que concilia a emoção e a lucidez, as regras do *thriller* e a coragem da denúncia frontal.

DOMINGO AS 16 e 21.30
TEATRO VASCO SANTANA
(Tel. 76 86 09)
A PARTIR DE HOJE — ÀS 21.30
SÓ 4 SEMANAS
ANTES DA ESTREIA DA NOVA PEÇA
TRAPOS E RENDAS
DE LUZIA MARIA MARTINS
com (ordem de entrada)
AUGUSTO LEAL ● VÍTOR HUGO ● DÁRIO DE BARROS ● MÁRIO PEREIRA ● FERNANDA MONTEMOR ● HELENA FÉLIX ● CREMILDA GIL
SUZANA PRADO
50 % de desconto nos bilhetes para sindicalizados e estudantes
GRUPO — 13 anos

SOLNADO VEM AÍ!

Benny Carter

Earl Hines

Dick Hyman

JAZZ É PARA HOJE

Começa esta noite, em Cascais, a grande jornada anual do Jazz em Portugal. Pela quinta vez consecutiva, a conhecida vila vai ser palco de um festival que começa a ser tradição. Por lá (pelo Pavilhão dos Desportos da vila), passaram, já, Ornette Coleman, Miles Davis. B.B. King, Sara Vaughan, etc.. Este ano, os nomes grandes serão, talvez Charles Mingus e Guy Bartz. Mas outros há que não desapontarão (ssim se espera) os milhares de adeptos da grande música negra que, no fim-de-semana que hoje começa, assentarão arraiais de Cascais.

Esta noite, a partir da 21 e 30, Arild Anderson e o seu grupo, Karin Krog e a sua voz, o «New York Jazz Repertory» e a música de Louis Armstrong.

Amanhã, também à noite, o quarteto (português) Araripa, o grupo do pianista Earl «Fatha» Hines» (com Benny Carter) e o quarteto liderado pelo sax (alto e soprano) de Gary Bartz.

Finalmente no domingo, novamente o contrabaixista Arild Anderson, os seus músicos e, depois, a voz da norueguesa Krog, o «Roy Hines Hip Ensemble» e, a fechar, o quinteto de Charles Mingus.

Temos vindo a falar, desde há dias, dos vários músicos que encherão Cascais de sons negros (ou tanto quanto possível). Referiremos hoje, especialmente, os homens do «New York Jazz Repertory», que farão reviver a música de Armstrong. São onze, dirigidos por Dick Hyman: Joe Newman, Pee Wee Erwin e Jimmy Maxwell, trompetes; Ruby Braff, cornetim; Eddie Huble, trombone; Kenny Davern, saxofone e clarinete; George Duvivier, contrabaixo; Marty Grosz, guitarra; Roby Rosengarden, bateria, Blanche Thomas, vocalista; e o próprio Dick Hyman, ao piano.

E, já agora, os nomes que fazem parte do grupo português, que amanhã actuará: Rui Cardoso, sax alto e soprano, flauta; Emílio Robalo, piano; José Eduardo Silva, contrabaixo e João Heitor, bateria.

Falaremos do resto, a seu tempo.

Arild Anderson

Charles Mingus

Roy Hines

A ECOLOGIA NO FESTIVAL

SANTARÉM, — (Por Lourdes Féria, enviada especial do «DL») — O ritmo do Festival de Santarém mantém-se, até agora, sem alteração. Por enquanto ainda não chegaram as surpresas. Consomem-se as forças no alheamento da expectativa. Referenciamos a passagem do filme «Crime da Aldeia Velha», com um comentário: se a fita era má na altura em que foi estreada, neste momento é péssima. Submetido aos padrões supertrágicos dos textos de Bernardo Santareno, onde o realizador se baseou, o filme possui, pelo menos, a virtude de nos fazer rir. Pelo falso clima dramático. Pelo ridículo da situação.

Foi exibida a longametragem «Os Camponeses», do polaco Jan Rybkowsky. Longa a valer. Cem minutos de cinema de uma só tirada. O realizador, no entanto, teve o bom senso de dividir a fita em duas partes. O resto fica para depois. Alguns dos críticos presentes abandonaram a sessão, muito antes de ela terminar. Outros, porém, ainda que contrariados, resistiram. A atitude dos críticos parece-me que enferma de uma grande dose de exagero. Embora o cinema dos países socialistas não nos entusiasme por aí além, «Os Camponeses» não é caso para tal desânimo. Nem sequer podemos dizer que fizemos um frete ao assistirmos até ao final da sessão. Abstraíndo a questão moralizante, assumida em quase toda a parte dos países de Leste, a fita polaca assume aspectos ao nível humano que são de realçar. Nele encontramos o retrato do camponês alienado por um bocado de terra. A célula familiar assente na figura central do pai, o senhor absoluto dos filhos, da mulher e da propriedade. A mística da religião. A festa. Ohumor timidamente esboçado. A violência construída de frustrações. E ainda, a revolta activa dos camponeses, lesados nos seus interesses.

Dentro do espaço de tempo que a nossa crónica abrange (um dia e tal), salientamos o colóquio de ontem à noite, dirigido por Afonso Cautela, sobre Ecologia Política, depois da apresentação de uma curtametragem austríaca. Classificada pelo crítico de cinema como exemplar no aspecto de demagogia sobre poluição «quando o que está em causa é um sistema». Um sistema capitalista moribundo, que até já recorre à indústria de antipoluentes para deitar poeira para os olhos das pessoas. Segundo Afonso Cautela, não é com técnicos, análises e especialistas que se solucionam os problemas ecológicos. Trata-se, unicamente, de um puro assassínio da natureza, em contradição com a burla dos antipoluentes, que se resume a uma estratégia do sistema capitalista. Que, como gerador de uma poluição tendo em vista o lucro, cria uma indústria antipoluente para daí extraír o lucro.

No início da sessão, quando Fernando Duarte apresentava à assistência Afonso Cautela, como especialista em ecologia, este contestou de imediato esta afirmação do director do Festival: «Aqui não está nenhum especialista e muito menos em Ecologia. Sou um militante da Ecologia, que se esforça por entender todos os problemas na perspectiva ecológica, uma vez que não acredito que haja outra forma de os enfrentar. Isto não só ao nível planetário, mas também ao nível do nosso bairro.»

Afonso Cautela acentuou, na sua exposição, que não se deve considerar a Ecologia Política como a protecção ao ambiente, «que obedece a um esquema reformista, mais ou menos oficial». E acrescentou: «O lixo não é um problema ecológico, mas sim de competência municipal, ou uma questão de greve, como agora está a acontecer». A assistência, onde um grupo de crianças do ciclo preparatório, acompanhadas pelo professor, tinha um papel preponderante, não participava, ouvia apenas.

Criticando a desumanidade de um sistema empenhado em destruír o «habitat», Afonso Cautela afirmou: «Toda a gente fala dos desalojados de Angola, mas ninguém fala dos desalojados de Sines». O crítico de cinema desenvolveu um tema fundamental, inserido na luta pela *qualidade da vida* (pormenor que alguns tentam esquecer), enquadrando-o numa análise marcadamente de esquerda. De uma esquerda nova. Ao mesmo tempo, optou por uma linguagem onde as palavras surtiam um efeito desbloqueante. Encheu-nos os ouvidos uma frase de A. Cautela, ao referir-se ao complexo industrial de Sines como uma «orgia de cimento». A poesia entrou no discurso político.

Isto é subversivo — assim diria Paul Weinegem, nas suas «Banalidades da frase», que não são banalidades nenhumas.

A certa altura Afonso Cautela frisou que «quando o sistema não pode recuperar as suas contradições, engole-as». Entretanto, as crianças mexiam-se, inquietas, nas cadeiras. Não percebiam patavina da questão abordada no colóquio. Bem comportadas ou inibidas, talvez pela presença do professor «não arredaram pé». Que remédio! Quando não há «quorum», as crianças servem para encher os lugares.

As palavras de Afonso Cautela, certamente importantes, não eram dirigidas às crianças, que ainda não têm acesso a elas. Por isso apresentamos a sugestão de se procurar «quorum» noutro lado.

SOLIDARIEDADE COM A INTER

CORO SOVIÉTICO EM PORTUGAL

Por solidariedade para com os trabalhadores portugueses e a sua Central sindical/Intersindical, o Conselho Central dos Sindicatos Soviéticos envia a Portugal um grupo de coros e danças populares para diversas actuações no nosso país.

A agenda de actuação para o grupo é a seguinte: dia 21 de Novembro, no Barreiro: dia 22, no Porto; 23, na Covilhã; 24, em Coimbra; 25, na Marinha Grande; 26, dia de descanso; 27, em Lisboa e dia 28, em Setúbal.

Televisão

CANAL DA CRÍTICA — MÁRIO CASTRIM

O GOLPE "O.K."

. O Presidente do Conselho está muito nervoso. Está muito excitado. O Presidente do Conselho demitido.

Perdão: demitido, não.

Suspenso.

O Presidente do Conselho está numa posição incómoda. Está em suspensão. Imagino-o num baloiço, suspenso de alto ramo, a cantarolar:

. *Tenho à direita o Pê Esso*
Tenho à esquerda o Pipi D.
Que Governo tão borgesso
giroflá, giroflé...

O Presidente do Conselho suspenso. Posição política muito singular. Será esta a sua via original?

. Será. O que o põe muito excitado. Muito nervoso. Um homem suspenso, realmente, sem nenhuma comodidade...

BRINCADEIRAS...

Neste mundo paradoxal, o paradoxo passa a ser a coisa mais natural.

Um homem suspenso (continuo a imaginá-lo no balancé...) parece lá estar por razões lúdicas.

Pois não, senhor. Ele o diz:

—*Estou farto de brincadeiras, O. K.?*

. Está farto de brincadeiras...Agora já começamos a perceber em que é que o VI Governo gastava o tempo!

. (Repararam na graça, no sabor daquele americaníssimo *Oquei?)*

OS PONTOS.

A certa altura referiu-se *à crise provocada pelo VI Governo...*

É o que se chama fugir a língua para a verdade. Mas se o primeiro suspenso sabe quem é o culpado, porquê tanto se obstina em defendê-lo?

. Ele lá sabe os *pontos* com que se cose...

O PROBLEMA É DA JUDICIÁRIA

Torna-se clara para toda a gente a impopularidade do Governo. Meia dúzia. Foi um Governo cheio de imaginação na arte de arranjar sarilhos.

Os trabalhadores insistiram em mostrar o seu desagrado. O primeiro suspenso não gostou. Que grande chatice isto de existirem classes trabalhadoras! Se não fossem elas, o mundo era um mar de rosas sem espinhos.

À presença bem marcada dos trabalhadores dá o primeiro suspenso outro nome: é um acto de sequestro. E afirma:

. —*Não gosto de ser sequestrado. É uma coisa que me chateia.*

Realmente não há direito. O primeiro suspenso tem razão em se chatear. Ser sequestrado é muito chato. Além de ser cousa muito grave. Por que é que não apresenta queixa na Judiciária?

O COSTUME DELES...

Falou-se, como não podia deixar de ser, da manifestação que se piantou em Belém. A esse respeito o que pensará o presidente da Meia Dúvia suspensa? Eis:

. —*Eu julgo que é de apoio ao Presidente da República, contra o VI Governo, que é o costume deles...*

Imaginem só: estar contra o VI suspenso! verdadeiro crime de lesa Pátria. Tudo pelo VI, nada contra o VI...

Já ouvi isto algures...Só falta fazer um carimbo para escrever nos sobrescritos, sobre as estampilhas.

MITO?

. Perguntam ao primeiro suspenso como está a situação militar. Todos sabemos como os boatos voam, de boca em boca, no que respeita às posições e situações de alguns oficiais reaças. A questão não devia ser iludida.

Não devia, até porque, no mesmo *Telejornal,* se fariam referências às palavras de Sá Carneiro segundo as quais a força dos oficiais progressistas cá por estas bandas, era um *mito.*

Eu cá, neste género de *mito,* desde que houve a luta no mato, não me meto. O sr. Carneiro já devia saber que a existência de oficiais progressistas, com força, não é mito nenhum. Devia saber. Tinha obrigação de saber...

«E DEPOIS É QUE...»

Pois como respondeu o primeiro suspenso sobre a situação militar? Atacou os oficiais reaças? Denunciou os perigos do novo militarismo?

. Não. Antes pelo contrário. Respondeu assim:

. —*A situação militar continua na mesma.*

Fazem-se plenários e depois é que se cumprem as ordens...

Qualquer pessoa que não esteja suspensa, qualquer pessoa com os pés bem assentes na terra admitirá que esta é a autêntica disciplina revolucionária: reunir, resolver, em colectivo, não ir mais na cantiga do *são ordens e as ordens fazem-se para se cumprirem.*

Os soldados, marinheiros, sargentos e oficiais progressistas já não vão nisso.

Desculpe lá o mau jeito, senhor Primeiro suspenso. Mas a responsabilidade histórica para com as classes trabalhadoras tem destas coisas.

E essa é que não pode estar suspensa.

ESTA É A LINGUAGEM DO M. F. A..

As palavras do capitão Costa Belo, e do major Rodrigues dos Santos, também ouvidas no Telejornal, merecem transcrição na íntegra e suponho que os jornais não se vão esquecer disso.

Pelo que, e já que estou com a mão na massa, não quero de deixar recordar a presença do major Queiroz Azevedo, comandante da E. P. A. M. que se referiu à nova disciplina que deve vigorar nos quartéis, disciplina consentida e nunca *uma disciplina militarista repressiva.*

Mais algumas palavras do major Queiroz Azevedo, no acto do juramenro de bandeira, dirigindo-se aos soldados:

. —*É o povo fardado que vós sois que garante ao povo trabalhador a segurança indispensável para que, através da sua laboriosa actividade, possa a sociedade portuguesa, saida de uma tremenda ditadura fascista, reconverter-se numa outra muito mais justa, onde não haja mais condições para a exploração do homem pelo homem.*

Assim fala um oficial progressista. Que o mesmo é dizer: um patriota. Um homem que tem os pés na terra. Na sua terra.

Um homem que não está suspenso.

Hoje

Cinema — «Que Sucedeu à Tia Alice?»

I PROGRAMA

19.00 Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis.
19.25 **David Copperfield** — série filmada baseada no romance de Charles Dickens. Realização de Joan Craft, com Colette O'Neil, Pat Keen e John Gill.
19.55 **VII Concurso Internacional de Piano Viana da Motta** — no programa: Sonata em si menor, de Liszt pela pianista Larissa Shilovskaia.
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.00 **Afinal como é?**
21.30 **«A Queda das Águias»** — um telefilme produzido por Stuart Burge para a B.B.C. e «Time-Life Films» — 8.º episódio — «A Revolução de 1905» — com Michael Bryant, Gayle Hunnicutt, Charles Kay, Freddie Jones, John Stratton e David Swift. Realização de David Cunlife.
22.30 **Relatório** — Marcha Verde
23.00 **Telejornal** — 3.ª edição
23.20 Fecho

II PROGRAMA

21.00 Abertura e a série **«David Copperfield»**
21.30 **Telejornal** — em diferido a edição transmitida às 20 e 30 no I Programa.
22.00 **Noite de Cinema** — «Que Sucedeu à Tia Alice?» («Whatever Happened to Aunt Alice?») — um filme produzido em 1969 e realizado por Lee Katzin, com Geraldine Page, Ruth Gordon e Mildred Dunnock.
23.50 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA
«A Queda das Águias» (21.30)

II PROGRAMA
Cinema — «Que Sucedeu à Tia Alice?» (22.00)

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **12.45**: Abertura e Fronteiras do Amanhã; **13.00**: Retrospectiva — revista desportiva; **13.15**: Telejornal — 1.ª edição; **13.30**: Hoje Pode Ver — os programas dos teatros e cinemas e da TV; **13.40**: Rock em Stock — um programa de música jovem; **14.05**: Desenhos Animados; **14.35**: Falar de Educação; **15.00**: «Salto Mortal» — série alemã com histórias do mundo fascinante do circo, com Gustav Knuth e Helmut Lange; **14.45** O Povo e a Música; **16.10**: **16.10**: Impacto; **17**: Desenhos animados; **17.25**: Fungagá da Bicharada; **18.00** Expedição; **18.05**: Cinema de Animação — um programa de Vasco Granja; **18.30** A Caminho do Oriente; **19.00**: Concerto Sinfónico — transmissão em directo da 1.ª parte do concerto realizado no Tivoli com a participação da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional; **20.00**: Revista da Semana; **20.30** Telejornal — 2.ª Edição; **21.00** Cada dia uma Esperança — um programa pelo dominicano Luís de Franca; **2115**: Noite de Cinema — «Forte Apache» («Fort Apache») — um filme produzido em 1948 e realizado por John Ford. Intérpretes: John Wayne, Henry Fonda e Schirley Temple. **23.30**: Telejornal — 3.ª edição; **23.45**: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e «Fronteira do Amanhã»; **20.25**: Ver. **20.30**: Programa dedicado às Artes Plásticas; **21.00**: Série Filmada; **21.30**: Telejornal — 2.ª edição em diferido do I Programa; **22.00**: Documentário; **22.45**: Foi Êxito na TV — «Os Inquéritos do Comissário Maigret» — série baseada nas novelas de George Simenon com Jean Richard no protagonista; **23.40**: Fecho.

CIRCO MARIANO
COM LOTAÇÕES ESGOTADAS PORQUÊ?
ATENÇÃO LISBOA E ARREDORES:
DEPOIS DA ESPECTACULAR ESTREIA QUE O PÚBLICO VAI APLAUDIR DE PÉ
O famoso CIRCO MARIANO
ESTÁ INSTALADO NO LARGO MARTIM MONIZ
HOJE, AS 21.45 HORAS
UM LUXUOSO ESPECTACULO!
ESCADA LIVRE — PÁROS — ATALABARISTAS
ILUSIONISTAS — PERCHISTAS, ETC., ETC.
Convidada de honra a vedeta
ANITA GUERREIRO
60 ARTISTAS! ★ 10 ATRACÇÕES!
ATENÇÃO
No CIRCO MARIANO não chove, ha aquecimento e todas as cadeiras são estofadas
TODAS AS NOITES HÁ CIRCO ÀS 21.45 HORAS!
Quintas e Sabados, matinées, às 16.30 horas
DOMINGOS
2 matinées, às 15 e às 17.30 horas
Nas matinées, as crianças até 6 anos tem entrada gratuita
As bilheteiras abrem às 17 horas.
Nos dias de matinées, às 11 horas
(Maiores de 6 anos)
CIRCO MARIANO
apresenta a grande atracção mundial
PROFESSOR KARMA e a sua medium BETY
os maiores mentalistas do Mundo
2 PARELHAS DE PALHAÇOS ELISABETH(S) e CAMPOS FILHOS
ATENÇÃO: COLÉGIOS E ORGANIZAÇÕES DE FESTAS DE NATAL, ESPECTACULOS COM PREÇOS ESPECIAIS.

teatro do bairro alto
Rua Tenente Raul Cascais, 1-A, 1-B (ao Largo do Rato)
Telefone 66 15 15

UMA REVISTA POPULAR!
no TEATRO MONUMENTAL
Tel 55513 (AR REFRIGERADO)
HOJE: 2 SESSÕES: 20.30 e 22.45 H
Domingo à tarde às 16 horas
VASCO MORGADO APRESENTA
ELE BOM ACORDOU...
Poema Eduardo Damas, Carlos Coelho, Jose Vilhena
Musica João Nobre, João Vasconcelos, Manuel Paige
MILÚ ★ CARLOS COELHO ★ AIDA BAPTISTA ★ OCTÁVIO DE MATOS
artista convidada DELFINA CRUZ
atracção nacional HELENA TAVARES
no «compère» CARLOS MIGUEL
O internacional VIP BALLET 15 esculturais bailarinas
e a colaboração de JÚLIO CÉSAR
(Não recomendável a menores de 18 anos)

teatro da Cornucópia
Pequenos Burgueses de Gorki
TRÊS ÚLTIMOS ESPECTÁCULOS HOJE E AMANHÃ ÀS 21.15 HORAS
DOMINGO ÀS 18.30 HORAS

motor

Aumente as suas vendas
Distribua..
BALÕES PUBLICITÁRIOS
Fábrica Nacional: LATEX - DOURO, LDA.
R. Central Francos, 779
Telef. 65370 — PORTO

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento gratis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

Boletim Boletim Boletim Bo

Chipre no caminho de Portugal

Ontem, na Guatemala, as esferas do «Mundial» de futebol rodaram para se formarem os diferentes grupos da fase preliminar: no que toca às nossas esperanças numa qualificação para a fase final as coisas não andaram muito ao contrário dos nossos desejos. Efectivamente, na mesma rifa de Portugal sairam os nomes da Polónia, da Dinamarca e (novamente) de Chipre. Essa mesma que no último «Mundial» deu mostras de possuir um futebol de primeira água, duro, atlético, prático.

Estão pois lançados os dados da fase preliminar do «Mundial» que terá a Argentina como cenário: e se as preocupações maiores vão para os jogos com a Polónia, nem por isso nos devemos esquecer de Chipre (fadado para jogar connosco nestes torneios de qualificação) nem da Dinamarca. Porque já uma vez perdemos frente ao Luxemburgo...

PORTUGAL

Futebol «farmacêutico» no próximo sábado no campo do Beira-Mar de Almada, ex-campo Ginásio Sul: às 11 horas defrontam-se as equipas do Pestana & Fernandes e F. Oliveira em jogo a contar para o Torneio de Futebol do Sindicato da Indústria & C.ª Farmacêuticas. Para quem gosta de «bom futebol» aqui vai a constituição da equipa do «Pestana»: Alves; Almeida, Germano, Mário Micas e José Manuel; Vítor, J. Rui Alcobia e Fernando; A. Vítor, A. Manuel, J. Santos e A. Luís.

AGENDA

Estão marcadas para os próximos dias 25 e 27 mais dois treinos da selecção nacional de juvenis, em futebol; para o primeiro a realizar-se no Estádio das Antas (15.30 horas) estão convocados os seguintes jogadores: Raimundo (Braga), Fernando e Inocêncio (Leixões), Gomes (Boavista), Apolinário (Salgueiros), Paulino (Porto), Alves (Grijó), João Sousa (Paredes), Cerqueira (Penafiel), Alberto Silva (Douro), Chico (Oliveirense), Cerqueira (Penafiel), Alberto Silva (Douro), Chico (Oliveirense), António Silva (Feirense), João Rocha (Arouca), Manuel Dias (Estarreja), Fonseca (Beira Mar), Brandão (P. Ferreira) e Nogueira II (Académico). Para o treino do dia 27 no Estádio Nacional estão convocados os seguintes jogadores Lima (Olhanense), Rafael (Farense), Padrão (Beja), Fernandes (Azul de Beja), João Batista (Portalegrense), Gonçalves (U. Santiago), Eduardo (Cuf), Barradas (Santoantoniense), Sardinheiro (Benfica), Vicente e Ventura (Belenenses), Pita e Quim (Sporting), António Luís (Peniche), Gilberto (Marinha), Vale (U. Leiria) e Santos (Atlético).

O núcleo de voleibol do Liceu Gil Vicente convida todos os amantes da modalidade a experimentarem as suas aptidões no próximo domingo no Largo da Graça, onde serão instalados um campo de voleibol e 3 de minivoleibol.

A jornada decorrerá entre as 9 e as 12 e 30 horas e ainda entre as 15 e as 17 horas.

Foi adiado para o próximo dia 24 o prazo das inscrições para o 1.º Torneio Infantil de Futebol Natal-Ano Novo 1000 organizado pelo Sporting. O sorteio realiza-se no dia 25 às 21 e 30.

Dada a escassez de inscrições para os cursos de Formação de Ginástica Rítmica desportiva e Informação de Minitrampolim que estavam marcados para serem realizados no Porto, em 14, 15 e 16 de Outubro p. p., resolveu esta direcção adiá-los para o próximo mês de Dezembro, sendo o da Ginástica Rítmica Desportiva de 12 a 14 e o de Minitrampolim de 19 a 21. As inscrições poderão ser feitas na Federação de Ginástica até as 23 h do dia 4 de Dezembro p. f.

No próximo sábado, nas instalações da Feira das Indústrias de Lisboa, efectua-se, a partir das 9 e 30 da manhã, um torneio de luta, promovido pela D. G. D. com a colaboração da Federação Portuguesa de Luta, e no qual competirão representantes dos núcleos regionais e do desporto federado.

LÁ FORA

A Argentina foi confirmada como sede do campeonato mundial de futebol de 1978, depois de divulgada a informação da comissão que recentemente visitou o País.

A confirmação foi divulgada no segundi dia de reuniões do Conclave anual da Federação Internacional de Futebol (FIFA), que está a decorrer na capital da Guatemala.

A selecção de futebol de Moçambique inicia em breve uma intensa actividade internacional, derrotando, em dois jogos, a selecção da República Popular da China anuncia o semanário «A Tribuna».

A selecção chinesa chega hoje a Moçambique para disputar dois desafios (nis dias 23 e 30) na Beira e em Lourenço Marques, respectivamente.

Entretanto, a Federação Moçambicana de Futebol recebeu um convite para fazer deslocar a selecção à Tanzânia, Quénia e Uganda.

Por outro lado, o próximo campeão de futebol moçambicano disputará a edição de 1976 da «Taça dos Campeões Africanos».

O soviético Pavel Lednev obteve a medalha de ouro dos campeonatos do mundo do pentatlo moderno.

A Hungria venceu por equipas.

A Jugoslávia venceu em Belgrado a Irlanda do Norte por 1-0 e qualificou-se para os 4.ºs de final da Taça da Europa das Nações.

Os jugoslavos ficaram vencedores no grupo 3, totalizando 10 pontos (14 tentos a favor contra 4).

Em jogo a contar para a Taça da Europa das Nações o País de Gales bateu a Áustria por 1/0, qualificando-se para os quartos de final.

A Bulgária qualificou-se para os quartos de final da Taça da Europa das Nações (Esperanças) ao derrotar em Maskovo a Polónia por 1/0.

Só a dois minutos do fim da partida, Yardanov conseguiu marcar o golo da vitória.

A Alemanha Federal venceu a Bulgária por 1-0, num jog de futebol do grupo oito do Campeonato da Europa.

Jupp Hynckes, aos 65 minutos, foi o autor do tento da vitória.

A Alemanha comanda a classificação com 7 pontos em 5 jogos.

A Checoslováquia e a Alemanha Oriental empataram a um golo num jogo de futebol a contar para o torneio de qualificação Pré-Olímpica.

Pelos alemães marcou Weise aos 78 minutos. Pela Checoslováquia marcou Bicovsky aos 90 minutos.

O 7.º Campeonato Mundial de Ginástica Rítmica, cuja sessão inaugural estava marcada para o Palácio dos Desportos de Madrid, foi adiado para o próximo domingo devido à morte do Generalíssimo Franco.

As competições de futebol previstas em Espanha para o próximo domingo, dia 23, realizar-se-ão normalmente, segundo anunciou a Delegação Nacional dos Desportos.

Contrariamente ao anunciado anteriormente, que indicava que pela morte do Generalíssimo não haveria jogos em sinal de luto, um comunicado oficial emitido ontem à tarde, diz que tendo em conta que o luto decretado pelo Governo acaba no dia 23 às 15 horas, os jogos de futebol poderão ser realizados.

Portugal no "mundial" de caça submarina

Portugal vai estar presente no próximo mundial de caça submarina, com uma equipa de que fazem parte atletas do Clube Oriental de Lisboa. Treinadas pelo antigo futebolista e andebolista José Alvarinho (o último à direita) a equipa mostra-se confiante numa boa classificação final. Aqui estão revendo o material, Vitor Cruz e Valente Garcia, juntamente com o antigo treinador Bessone.

FUTEBOL

Mundial à vista

BERLIM, 13 — (Por Elmer Rodriguez, da Prensa Latina — exclusivo da ANOP em Portugal) — Noventa e nove países confirmaram a sua participação na fase eliminatória do campeonato mundial de futebol de 1978, que se realizará na Argentina.

Informadores da Federação Internacional de Futebol (FIFA) disseram que o número poderá modificar-se ligeiramente, dado que algumas inscrições chegaram atrasadas e terão que ser analisadas para posterior decisão.

Todavia, esta não é a única nem a maior preocupação dos dirigentes da F.I.F.A., pois a actual situação político-social na Argentina pode afectar a organização do «mundial».

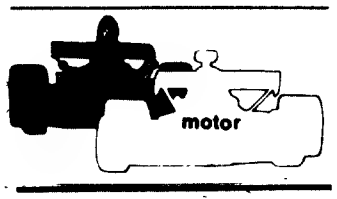
Apesar das reiteradas declarações de funcionários argentinos e do presidente da F.I.F.A. (João Havelange) na Europa utilizam-se argumentos contra a realização do campeonato naquele país. Aliás, desde que a Argentina foi designada para o efeito, surgiram opiniões contrárias, partindo do que se classificou de sérias dúvidas quanto à capacidade dos anfitriões.

Segundo declarações de alguns funcionários da F.I.F.A. os trabalhos de organização do «mundial» estão «preocupantemente atrasados».

A última «Taça do Mundo», disputada num país latino-americano, teve por cenário o México (em 1970) onde se viveu uma verdadeira festa de futebol em todos os aspectos. Esta imagem mexicana foi recordada na competição seguinte, na República Federal da Alemanha, onde nem todos os pormenores de organização funcionaram de acordo com o que se esperava.

Nos meios europeus espera-se com interesse o veredicto da comissão da F.I.F.A., que visita a Argentina para inspeccionar as obras do «mundial». A Imprensa desportiva europeia especula com as dificuldades e congemina possibilidades de substituição da sede da prova de 1978.

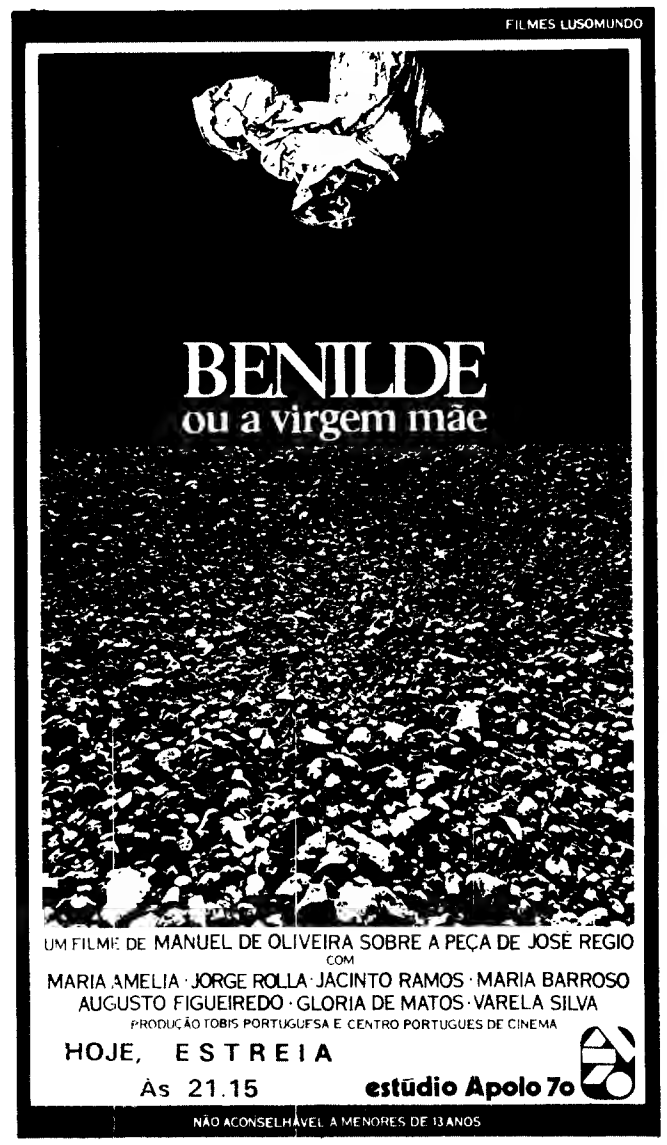
..Entretanto, a Federação Internacional de Futebol designou nove países europeus, que disputarão as jornadas de qualificação do «Mundial»: Bulgária, República Democrática Alemã, Itália, Jugoslávia, Holanda, Polónia, Escócia, Suécia e União Soviética. Estes países estiveram representados nas finais de 1974, em Munique, com excepção da União Soviética.



O TRAÇO DE PARGANA

Rui Rodrigues: um regresso à selecção, um golo e um afastamento por lesão.

Alves: o homem das luvas pretas.



PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

PLENÁRIO DE DELEGADOS SINDICAIS DO SECTOR DA «INDÚSTRIA METALÚRGICA»

Com o objectivo de dinamizar a verticalização dos trabalhadores de escritório do sector metúrgico, convocam-se os delegados sindicais respectivos, para uma reunião, segunda-feira, dia 24, às 21 horas, na Rua do Alecrim, n.º 46-1.º andar, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1. **Informação e esclarecimento prévio**
2. **Formação do grupo de trabalho de verticalização da Indústria Metalúrgica**
3. **Aprovação dum plano de acção**

Lisboa, 20 de Novembro de 1975.

A COMISSÃO DIRECTIVA PROVISÓRIA

Nacional

EM TODO O PAÍS

PARALISAÇÕES DE TRABALHO E REPÚDIO PELO VI GOVERNO

Ao suspender as suas actividades numa atitude de renúncia que se deve (ou só se pode) interpretar como forma de demissão perante a possibilidade de pressionar o Presidente da República e a declaração do «estado de emergência», o VI Governo Provisório conspirou com a direita, contra a revolução e as conquistas democráticas alcançadas pelos trabalhadores e pelo povo, pela classe operária e pelas massas populares.

A resposta foi enérgica em muitos distritos por parte de quem está atento às manobras contra-revolucionárias que se urdem em determinados pontos do Norte (Porto e Guimarães), quando as tentativas de golpes fascistas e contra-revolucionários se intensificam. Milhares de operários não trabalham hoje, manifestando-se, assim,, contra a «greve» ministerial, a falência da repressão e a queda do VI.

Ao fim da tarde de ontem, quando milhares de trabalhadores do campo, vindos de Alpiarça, tomavam lugar em Belém, a União dos Sindicatos de Évora solidarizava-se com a posição assumida pelos seus trabalhadores, pelos trabalhadores da cintura industrial de Lisboa e de muitos outros pontos. Milhares de pessoas dirigiram-se para o largo fronteiro ao edifício do Governo Civil da cidade, onde uma manifestação permanentemente engrossada repudiou o VI e gritou, entre outras palavras de ordem «Vasco voltará, Otelo já cá está» e «O Governo está doente, o povo está contente». Operários metalúrgicos, agrícolas e da construção civil usaram da palavra durante um comício que congregou as forças progressistas da região, afirmando que as forças reaccionárias, apoiadas no capitalismo internacional e inserindo-se na campanha imperialista «destinada a Portugal» tinham que ser abatidas «porque denunciadas já elas foram».

Os milhares de trabalhadores, homens e mulheres, que ontem paralisaram o trabalho de tarde, enviaram ao Presidente da República e ao Conselho da Revolução esta moção: «Um golpe fascista está em marcha. A decisão do VI Governo suspender as suas actividades, é um estado de emergência e um acto de sabotagem e chantagem política. Esta decisão do VI Governo insere-se nos mesmos objectivos das forças reaccionárias», acrescenta o texto, que termina por referir que «O VI Governo quer esconder o fracasso da sua política direitista, antioperária e antinacional, que tem a oposição aberta das classes trabalhadoras. Nunca as forças da direita e terroristas», salienta o documento, «se sentiram tão livres e impunes para conspirar contra a revolução e contra o nosso povo como nestes dois meses de vida do VI Governo, em que tentaram a todo o custo afastar o general Otelo do comando do Copcon».

O PESO DO SUL

Em Faro sucedeu o mesmo que em Évora e Beja (que referiremos mais adiante): defronte do Governo Civil onde Ramires Fernandes lutou contra a intensificação, no Algarve, das práticas contra-revolucionárias, foram milhares os trabalhadores que para ali se dirigiram obedecendo a uma convocatória nesse sentido feita pelo P. C. P. Emília e Fornigo, da comissão concelhia do Partido Comunista Português usaram da palavra, chamando a atenção dos presentes para os perigos que ameaçam a nossa revolução e as conquistas dos trabalhadores.

Numa moção aprovada por aclamação assinala-se designadamente: «Considerando que a suspensão da actividade do VI Governo é clara manobra de chantagem com vista a obter do Presidente da República os meios militares necessários à sua política de direita, os trabalhadores aqui presentes exigem a prisão dos conspiradores e o desmantelamento das organizações terroristas», bem como «uma solução global — defende a moção — para a actual crise política com vista a assegurar a defesa das conquistas alcançadas».

Por seu turno em Beja — barómetro da luta dos trabalhadores alentejanos, sempre na vanguarda contra as manobras da reacção, do capital e dos latifundiários —, milhares de trabalhadores das mais diversas actividades, correspondendo a um apelo da União dos Sindicatos de Beja, concentraram-se igualmente defronte do edifício do G. C., onde repudiaram a política de chantagem do VI Governo. José Soeiro, do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas afirmou aos presentes «não estar o povo alentejano disposto a ceder às manobras da direita nem às atitudes reaccionárias», enquanto o povo gritava «Otelo amigo, o povo está contigo» e «Brissos, Brissos, Brissos» (alusão ao governador do distrito, um oficial). O major Brissos de Carvalho, em resposta reafirmou o seu categórico repúdio ante todas as manobras da direita perpetradas nos dois últimos meses, alertando os trabalhadores para outras que procuram reconduzir o País ao fascismo. Deu conta a todos, igualmente, dos contactos telefónicos ontem estabelecidos com o general Otelo, que lhe pediu para transmitir aos trabalhadores pacenses e alentejanos «um forte e caloroso abraço».

Por fim, foi aprovada uma moção que em quatro pontos considerava a suspensão da actividade do VI como demissão, acusando-o de antiportuguês, antioperário e antinacional, bem como reaccionárias e orquestradas as manifestações de Lisboa (apoio ao VI), Porto e Faro.

. Denunciava ainda as manobras contra o Otelo e a identidade entre o C. D. S., P. P. D., E. L. P., M. D. L. P. em Angola e em Portugal, antes do comandante do R. A. B. usar da palavra na unidade ante todos os manifestantes, considerando os trabalhadores como motor da Revolução e os rurais do Alentejo como pioneiros da Reforma Agrária.

Em Mora, Viana do Alentejo, Portel, Vila Viçosa, Bencantel, Borba e Arraiolos concentraram-se, igualmente, milhares de trabalhadores defronte das suas Câmaras Municipais, o mesmo acontecendo em Avis, Sousel, Alter do Chão, Montargil, Ponte de Sor e Campo Maior. No distrito de Santarém, para além da extraordinária concentração verificada defronte do Governo Civil, houve vilas em que se obervou uma paralisação geral do trabalho e o povo manifestou-se defronte de muitas edilidades, concretamente em Almeirim, Coruche, Alpiarça e Chamusca. Em todos os distritos do Sul e muitos concelhos ribatejanos os trabalhadores concentraram-se, também, junto dos seus sindicatos, aprovando moções de repúdio pelo VI. É igualmente de salientar as concentrações registadas em Montemor-o-Novo e Vendas Novas, Portalegre e Setúbal, onde também foram aprovadas moções e os trabalhadores manifestaram-se durante a tarde e toda a noite «contra a política direitista» de um Governo «que suspendeu as suas actividades para atentar contra as conquistas democráticas».

ALPIARÇA E AVIS

Em Alpiarça e Avis verificaram-se reacções que merecem, aqui e agora, o relevo que lhes é devido pelo significado que assumiram num contexto particular da vida portuguesa. Os alpiarcenses que não se dirigiram para Lisboa e na vila permaneceram para aguardar as instalações sindicais e as cooperativas, paralisaram o trabalho pelas mesmas razões que os anteriores e através de representantes das comissões de moradores e de trabalhadores defenderam a tese, no decorrer de reuniões entretanto efectuadas, que suspensão equivale a demissão, para exigir o saneamento do aparelho de Estado e dos militares e elementos reaccionários que entravam o processo revolucionário, apoiando as posições do general Otelo Saraiva de Carvalho, bem como os oficiais e sargentos progressistas e todos os soldados pela sua luta em defesa da Revolução rumo ao socialismo. Foram aprovadas moções que mais tarde seriam transmitidas ao comandante do Copcon e ao Presidente da República, enquanto uma assembleia popular decidiu fazer deslocar a Belém centenas de trabalhadores.

Em Avis é de assinalar a adesão pronta dos trabalhadores e militantes do Partido Socialista à grandiosa manifestação popular que se concentrou junto da Câmara Municipal, em que os presentes gritaram, significativamente, «P. S. e P. C. P. em unidade contra a reacção fascista e a direita contra-revolucionária». Os trabalhadores do Centro da Reforma Agrária de Elvas entraram, também, em greve, aderindo à manifestação. Num e noutro caso foram aprovadas moções e enviadas ao Presidente da República e ao comandante do Copcon.

CATÓLICOS DE GUIMARÃES

PORTO (Da nossa delegação) — Em texto que nos enviaram, assinado por diversas pessoas em nome de «um grupo de católicos de Guimarães», afirma-se que os «católicos de Guimarães, num momento grave da vida portuguesa, em que forças reaccionárias apostadas em fazer abater sobre todos os trabalhadores uma feroz repressão, se lançam na contra-revolução, não podem deixar de repudiar:

. «1 — O apoio que elementos da hierarquia católica têm prestado às organizações terroristas, fascistas, como E. L. P. / M. D. L. P., servindo-lhes de cobertura para acções contra o povo português, como demonstra o conluio com o M. D. L. P. de sacerdotes de Braga, presentes no seminário de Santiago, e que só não foram presos devido à cumplicidade de militares do quartel dessa cidade.

«2 — A acção do Conselho da Revolução que, num acto que só tem paralelo com as acções do E. L. P. /M. D. L. P., mandou destruir, à bomba, a estação emissora da Rádio Renascença Emissora católica, construida com o dinheiro do povo católico deste País, a sua destruição constitui uma provocação ao povo português.

«3 — O caminho seguido pelo VI Governo quanto ao processo de descolonização em Angola, de verdadeira traição ao povo irmão, assumindo graves responsabilidades para com esse povo, para com os povos de todo o Mundo e, em particular, para com o povo português que permanente e firmemente tem exigido que o Governo e o Conselho da Revolução tomem uma posição clara de reconhecimento do M. P. L. A., único e legítimo representante do povo angolano.»

"CÂMBIO 16" REVELA

ALGUNS PARTIDOS E O E.L.P. PREPARAM VIRAGEM VIOLENTA

MADRID, 20 — (Especial para a ANOP) — Informações recolhidas e divulgadas pela revista espanhola «Câmbio 16», no seu último número, confirmam a existência de planos para uma acção do M.D.L.P., E.L.P. e outras forças de direita para alterar, substancialmente, a situação em Portugal.

«Agora parece que as coisas vão a sério. A escalada de declarações públicas das pessoas supostamente implicadas no assunto, o bombardeio da opinião pública internacional, que atinge neste momento o seu ponto mais alto, com temas que justificam a necessidade de um golpe restaurador da ordem e da disciplina e, sobretudo, as alarmantes informações que se filtram sobre as aceleradas actividades do E.L.P., ligadas ao especial nervosismo de núcleos de exilados portugueses em Espanha, indicam que a hora está próxima» — escrevia, à poucos dias, Francisco Cerecedo, enviado especial de «Câmbio 16» a Portugal, onde, segundo afirma, teve oportunidade de se encontrar com fontes responsáveis e próximas a esses planos.

Interrotado sobre se essas afirmações não seriam apenas um balão de ensaio propagandístico, o jornalista espanhol afirmou que «existem demasiadas coincidências e que até já nem se esconde o jogo. Só não vê quem não quer».

Continua na pág. 18

Adiantados os preparativos para as conversações sobre Timor

. Um comunicado da Comissão Nacional de Descolonização informa que estão adiantados os preparativos para se iniciarem na cidade australiana de Darwin, as conversações sobre o problema de Timor. Como o nosso jornal noticiava ontem, essas negociações efectuar-se-ão no próximo dia 24.

De acordo com o referido comunicado, a data e o local das conversações foram avançados na sessão de 15 de Novembro da Comissão de Descolonização, dado que já nessa altura tinha sido recebida resposta formal afirmativa da Fretilin e se aguardavam a todo o momento respostas formais do M.A.C. e da Apodeti, cujas posições concordantes tinham sido comunicadas pela Rádio e Imprensa.

O mesmo comunicado refere que o Governo australiano deu a confirmação da oferta do seu território para a reabertura das conversações, e, além disso, reafirmou a melhor boa vontade para o êxito dessas negociações. A Embaixada de Portugal em Camberra tem encontrado a melhor colaboração e apoio das autoridades locais, que inclusivamente, se responsabilizaram pela segurança da conferência. Este facto é de grande importância, pois os comités» das diferentes organizações têm expressamente manifestado a sua preocupação com as questões de segurança.

O comunicado termina, afirmando: «Finalmente considera-se conveniente esclarecer a o inião pública porventura confundida pelas numerosas e contraditórias notícias de várias agências sobre este assunto que continua Portugal firmemente empenhado na realização urgente de conversações com os partidos de Timor em ordem ao estabelecimento de condições que habilitem o seu povo a decidir livremente do seu próprio futuro, estando adiantados os preparativos para iniciarem estas imediatamente em Darwin».

LIGAÇÕES CORTADAS?

Telegramas da Reuter informam que o jornal do Exército indonésio «Berita Yudha», noticia que as comunicações entre Dili, capital do Timor português, e várias cidades da orla oriental do território foram cortadas por um movimento oposto à Fretilin. Esse movimento, que seria chefiado por um antigo soldado português, terá dominado a estrada principal que liga Dili a Manatuto, Vemasse e Bancau, cidades ocupadas pela Fretilin. O mesmo jornal informa que as forças pró-indonésias controlam todas as estradas estratégicas que conduzem a Dili.

Enquanto isto, a Imprensa indonésia noticia que alguns barcos australianos estão a levar gasolina e víveres destinados a socorrer os que defendem a independência de Timor e que lutam com uma terrível escassez de alimentos. Recorde-se que a Fretilin goza de grande apoio popular na Austrália.

INQUÉRITO AOS UTENTES DO "METRO"

. . De 25 do corrente a 4 de Dezembro, às terças, quartas e quintas-feiras, das 7 e 45 às 9 e 30, o Metropolitano de Lisboa vai efectuar um inquérito, que visa reunir e actualizar alguns dados estatísticos para o estudo da melhoria das condições de tráfego e planeamento de obras futuras. Os passageiros terão apenas de dizer aos inquiridores, postados nos canais de entrada, a estaçao a que se destinam. No primeiro dia, as equipas actuarão nas estações da Rotunda, Alvalade e Arroios.

A DISTRIBUIÇÃO DE TRIGO PARA SEMENTE

. O Ministério do Comércio Interno emitiu uma nota em que informa os agricultores sobre o modo como se está a processar a requisição de trigo para semente:

. 1 — Na campanha de 1974-75 entrou em vigor o preço de 5$80/kg na venda de trigo para semente. Para a campanha de 1975-76 mantem-se o mesmo preço de venda aos agricultores.

2 — Para além dos quantitativos de trigo de semente já inscritos dentro do prazo legal — 31 de Agosto — surgiram posteriormente novas requisições que estão a ser prontamente atendidas.

3 — Entretanto, encontram-se já preparadas e em distribuição aos agricultores cerca de 35 mil toneladas de trigo para semente.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção - Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/23916, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de S. João de Ver, concelho da Feira, de uma modificação da linha aérea a 15 kV Granja-Souto Redondo sem aumento de comprimento e com deslocação do apoio n.º 260 para outra posição e de uma outra modificação da linha aérea à 15 kV Inha-Souto Redondo sem aumento de comprimento com substituição do apoio n.º 66 por um poste tipo R III de 18 m.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 11 de Novembro de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

Geral

ACADEMIA DE HISTÓRIA

. A Academia Portuguesa de Histórua reune-se esta tarde, com a seguinte ordem de trabalhos: promoção e eleição de sócios; e elogio do académico tenente-coronel Manuel Afonso do Paço.

"CÂMBIO 16" REVELA

Continuação da pág. 17

«Câmbio 16», no seu último número, cita também outras informações segundo as quais «mais de cento e cinquenta anticomunistas portugueses chegaram a Espanha, vindos do Brasil e se encontram estacionados numa base, que poderia ser a de Rota, às ordens do E.L.P». Esses elementos teriam sido enviados pela autodenominada Organização de Ajuda à Emigração, que actua no Rio de Janeiro sobre a supervisão do ex-ministro das Finanças de Marcelo Caetano, Cotta Dias e de Santos e Castro, ex-governador geral de Angola e irmão do comandante oepracional das tropas da F.N.L.A., o ex-tenente coronel Santos e Castro.

A compra de armas que teriam entrado em Portugal através da fronteira Norte para o E.L.P.,, fora negociada em Madrid, junto das representações de alguns países europeus, por um grupo de portugueses e brasileiros. O valor das transacções efectuadas atingiria a soma de cinquenta milhões de dólares.

No entanto, parece ser o Norte a região beneficiada pelos Elpistas, que aí entram e fazem contactos com absoluta impunidade e mesmo com a colaboração ou passividade de certos elementos militares locais.

«Segundo fontes locais, a região de Verin é também um dos pontos quentes da operação que se prepara, com o fim de liquidar o processo revolucionário português. Quadros do E.L.P. atravessam a fronteira com enorme facilidade, para se reunirem em Tuy e em Vigo. O próprio Alpoim Calvão encontra-se, de acordo com informações seguras, em Portugal.

«Câmbio 16» realça ainda que, «a julgar pelos factos, o E.L.P. dispõe de colaboração nos meios aduaneiros e policiais portugueses do Norte. Depois da fuga de mais de 80 pides da prisão de Alcoentre, ocorrida há poucos meses, uns 45 membros da sinistra Polícia Política salazarista passaram tranquilamente para Espanha, pelo posto fronteiriço de Valença do Minho, foram tratados das feridas que tinham, causadas pela fuga, por um médico de Tuy e encontram-se, agora, ao serviço do E.L.P».

Segundo as fontes de informação da revista espanhola a operação já planeada prevê uma forte resistência da região de Lisboa, ao contrário do que aconteceria em outras zonas do País, nomeadamente no Norte. Para a cintura industrial vermelha de Lisboa estaria por isso preparada a mais dura repressão.

Chefes militares do Norte do País, altas individualidades do Partido Socialista e o P.P.D. e o C.D.S. estariam também implicados na organização contra-revolucionária. A actividade de destes últimos elementos poderia estar relacionada, segundo a «Câmbio 16», com as tentativas feitas de transferir o Governo para o Norte e para desenvolver o movimento separatista dos Açores.

EX-MILITAR EXPULSO DE FRANÇA

ESTRASBURGO, 21 — (FP) — O ex-alferes do Exército Português, Joaquim Ferreira Fernandes, recebeu uma ordem de expulsão por «perturbação da ordem pública», depois de ter sido interpelado pela polícia de Estrasburgo, no Nordeste de França, à saída de um comício organizado quinta-feira pelo Partido Socialista Unificado e pela Liga Comunista Revolucionária, duas formações políticas da extrema-esquersa francesa.

A ordem de expulsão foi assinada pelo governador civil, tendo os organizadores do comício protestado num comunicado contra a intervenção da Polícia, «enquanto que há poucos meses, o general Spínola, que prepara um golpe de Estado armado em Portugal, pode-se exprimir livremente».

Ferreira Fernandes, de 27 anos, que segundo os organizadores da reunião deixou há quinze dias o Exército Português devia deixar Paris hoje, sexta-feira. Já tinha sido detido em 14 de Novembro, em Clermont Ferrand, e posto em liberdade no dia seguinte.

HATTERSLEY ADIA A VISITA A PORTUGAL

O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, Roy Hattersley, adiou a visita oficial que deveria fazer ao nosso país, de 25 a 28 do corrente, «devido a afazeres parlamentares», de acordo com um telegrama da Reuter, datado de Londres, que cita um porta-voz do Foreign-Office.

Hattersley, que «espera poder efectuar a visita no próximo ano, em data a combinar» deslocava-se a Lisboa para conversações com os ministros do Governo português e também para se avistar com os súbditos britânicos aqui residentes.

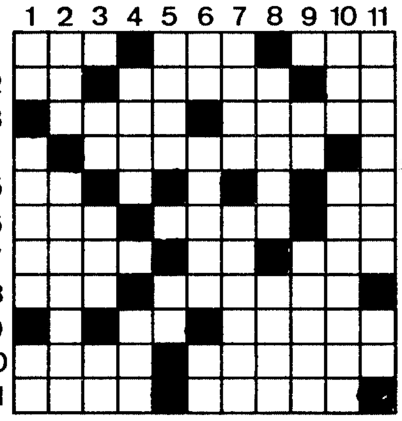
Em LAGOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no OUIOSOUE de LAGOS

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 11242

HORIZONTAIS:

1 Supremo Tribunal de Justiça. Recusa. Nome que se dá ao comboio expresso de Paris.
2 Pronome reflexo. Freguesia do concelho de Satão. Pronome pessoal.
3 Ligas. Baus.
4 Tornar loiro.
5 Tempo do verbo haver. Letra grega.
6 Magnete natural. Depois de. Prefixo de negação.
7 Ilha do Pequeno Belt. Artigo definido. Espaço de doze meses.
8 Esteiro. Queimado.
9 Manuscrito. Torna doce.
10 Dabanda. Venerar.
11 Brisa. Rostos.



VERTICAIS:

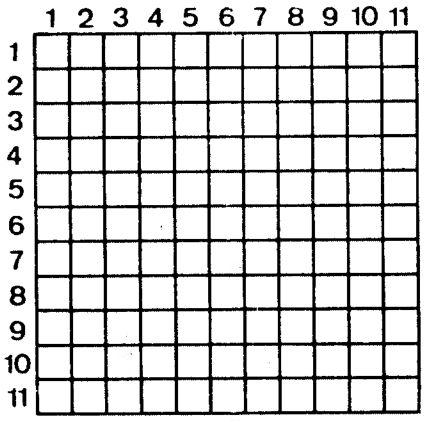
1 Sua Santidade. Ranger. Nota musical.
2 Pronome possessivo. Abaixou.
3 Sódio (s.q). Pedra de altar. Grama.
4 Freguesia do concelho de Gouveia. Mediana.
85 Rei lendário de Mégara. Campeão.
6 Preposição e artigo definido. Obrigou a. Antes de Cristo.
7 Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. Restos.
8 Tribo indígena brasileira. Adoria.
9 Crómio (s.q). Idolatra.
10 Joeira. Pedantes.
11 Fim. Atmosfera.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7402

HORIZONTAIS:

1 Enrubesces. Tempo do verbo ser. Batráquio.
2 Além. Mulheres.
3 Errar. Ave palmípede, fêmea do ganso.
4 Para barlavento. Despida. Rio da Suíça.
5 Isolado. Região da Lacónia da península de Tenara. Apelido.
6 Botequim. Espécie de mangueira do Gabão.
7 Lavrou. baú.
8 Vende a crédito. Terreno plano. Árovre com cuja casca se aromatiza o vinho.
9 Prefixo de negação. Rio de Itália. Milímetro. Ródio (s.q).
10 Cousa nenhuma. Burro.
11 Divide em ruas. Equipes.



VERTICAIS:

1 Coberturas. Provoca com motejos.
2 Olhinho. Versejar.
3 Toco de leve. Bondosa. Doutor.
4 Fileira. Ruim. Cidade de França.
5 Macar (pop). Cobalto (s.q).
6 Interjeição de dor. Interjeição que exprime admiração.
7 Estrangulo. Amónio (s.q).
8 Pequeno símio do Brasil. Falda. Oceano.
9 Ilha do Estado da Baía. Pedra de altar. Samário (s.q).
10 Nivelas. Consanguinidade.
11 Guarnecera de asas. Pessoas espertas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11241

HORIZONTAIS:

1 O TEMPO. É. O.
2 Reatai. Dras.
3 Assa. Soares.
4 Lear. Ora.
5 Roo. Sras.
6 Ela. Ti. Op.
7 Laçaram.
8 Or. Mus. Voas.
9 Tom. Mimos.
10 Io. Laçada.
11 Orear. Sares.

VERTICAIS:

1 Ora. RELÓGIO.
2 Escolar. Or.
3 Tas. Cão.
4 Etal. Amola.
5 Ma. Estrumar.
6 Pisarias.
7 Ora. Mas.
8 DA. Sé. VIDA.
9 Erro. Gomar.
10 Aéreo. Ao.
11 Ossa. Passas.

PROVÉRBIO: O tempo é o relógio da vida.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7401

HORIZONTAIS:

1 Daiji. Corto.
2 Roçar. Adias.
3 Armaria.
4 Ma. Aarão. Cr.
5 Ama. Sãs. Ara.
6 Ela. Crú.
7 Amial. Arcas.
8 Marre.
9 Olá. Cia. Sud.
10 Resto. Mioma.
11 Árias. Armão.

VERTICAIS:

1 Drama. Amora.
2 Ao. Amem. Ler.
3 Iça. Ali. Asi.
4 Jará. Aam. Ta.
5 Irmãs. Laços.
6 Arão. Ri.
7 Caras. Aramá.
8 Ódio. Cré. Ir.
9 Ria. Arc. Som.
10 Ta. Crua. Uma.
11 Ostra. Sudão.

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	10º
COIMBRA	12º
PORTALEGRE	13º
LISBOA	13º
FARO	14º
FUNCHAL	18º

TEMPERATURAS EXTREMAS

MONTE ESTORIL
Máxima **19º**

PENHAS DA SAUDE
Mínima **4,2º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Águadomar	14,9º
Atmosfera	9,0º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.17	**3,9 m**	10.58	**0,8 m**
17.38	**3,7 m**	23.09	**0,9 m**
Dia 22			
5.50	**3,9 m**	11.36	**0,9 m**
18.14	**3,7 m**	23.48	**1,0 m**
Dia 23			
6.27	**3,8 m**		
18.56	**3,6 m**	12.18	**1,0 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco de Norte; arrefecimento nocturno com formação de geadas em alguns locais a Norte do Cabo Carvoeiro pela madrugada.

AMANHÃ

NASCER ÀS 8.26
OCASO ÀS 18.19

BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 T. 364859/368197. Joanne Duples Stripteaseuse rodesiana**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Var edades internacionais. **T.261461/164526/264596°264621/264946.**

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. **Av. Antó io Augusto de Aguiar, 5-A. T.48384.**

rádio

EMISSORA 1.º Programa

17.00 Rádio estudantil
18.00 Música portuguesa
18.30 Colonizar, descolonização, por Filipe Felgas
19.00 Informação de trânsito — Música Variada
20.00 Jornal da noite
21.00 Painel da noite
21.45 Observação de cinema, por Maria Cristiana e Damas Nunes
22.05 Sindicalismo, por Helena Neves e Madeira Claudino
23.05 A grande úsica negra, por José Duarte
23.15 Basquetebol — apontamento do jogo Altético-Benfica
00.00 Último jornal
00.30 Retróspectiva
01.00 Saida e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
02.00 Música na noite
02.15 Temas de educação

2.º Programa

16.00 Uma obra, duas interpretações
16.30 O compositor da semana: Franck
18.00 Conjuntos instrumentais
19.00 Música portuguesa
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — música ligeira variada
22.00 Canções de Schubert
22.30 Entra Lisboa 2 e Norte 2 — Concerto pela Orquestra Sinfónica da E.N.

Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

20.30 Instrumentos diversos
21.00 Orquestras de câmara
22.00 Música vocal
22.30 Junção com o Programa Estereofónico
23.55 Música de piano
00.10 Quarteto em três andamentos, de Charles Wuorinen
00.35 Uma cantata de Scarlatti
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Emissor de Lisboa — Onda Média, 299,18 m — 10 034 KHz — emissão contínua; Emissor de Miramar (Porto) — Onda Média, 283,6 — 782 KHz — emissão contínua

Modulação de Frequência

16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Auditório
00.05 Em órbita-2
01.05 Banda sonora Soninol
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
06.00 Diário rural
07.03 Hora sete

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Graça

Das **06.00** às **10.00** e das **14.30** às **17.00**

Rádio Peninsular

Das **10.00** às **12.00** e das **19.30** às **22.00**

Clube Radiofónico de Portugal

Das **12.00** às **14.30**

Rádio Voz de Lisboa

Das **17.00** às **19.30** e das **22.00** às **02.00**

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO A-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Bairrão, R. Prior Crato, 25 (tel. 661321).
ALVALADE
Lusitana, Avenida de Roma, 18-A (tel. 725443); **Rio de Janeiro**, Avenida Rio de Janeiro 4-C (à Avenida dos Estados Unidos da América) (tel. 721409).
AVENIDAS NOVAS
Sá da Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36/42 (tels. 41961/54672).
BAIRRO ALTO
Pinharanda, Rua da Rosa, 94/96 (tel. 321534).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (tel. 311216).
BAIXA
Silva Carvalho, Ruda dos Fanqueiros, 126 (tel. 326575).
CAMPOLIDE
Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (tel. 683438).
CAMPO DE OURIQUE
União, Rua Saraiva de Carvalho, 145-F (tel. 663643).
ESTEFÂNIA
Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90 (tel. 44438).
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B (tel. 791131).
PENHA DE FRANÇA
Carrondo, Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (tel. 842518).
PICHELEIRA
Merluz, Calçada da Picheleira, 140-B (tels. 720703-28395).
SÃO VICENTE
Santo António, Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (tel. (862333).
XABREGAS
Conceição, Calçada de D. Gastão 30/32 (tel. 381279).

TURNO A-2

TODA A NOITE

ALMIRANTE REIS
Lusa, Avenida Almirante Reis, 199-A (tel. 41269).
ALVALADE
Zil, Avenida da Igreja, 9D/E (tel. 711780).
AVENIDA DA LIBERDADE
Galénica, Rua das Pretas, 12/14 (tel. 322588).
AVENIDAS NOVAS
Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 238-A (à Feira Popular e Avenida 28 de Maio) (tel. 763016); **CARDEIRA**; Av. Duque d'Ávila, 32-C (esquina da Av. da República) (tel. 43495).
AMEIXOEIRA
São Bartolomeu, Avenida Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (tel. 790969).
BELÉM
Gomes, Rua da Junqueira, 326 (tel. 638193).
BENFICA
Benfiluz, Estrada de Benfica, 444-A (tel. 782606).
CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297-C (tel. 687475).
CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 131-133 (tel. 68660).
CONDE BARÃO
Marcos do Nascimento, Calçada do Marquês de Abrantes, 36-A (tel. 664238).
OLIVAIS
Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (tel. 311237).
RATO
Soares, Avenida Álvares Cabral, 1 (tel. 684282).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (T.934589); **Campos**, R.Elias Garcia, 185 (T.930072); **Clabel**, R.António Sardinha, 23-D (T.938551)
DAMAIA
Confiança, E.Militar, lote D (T.9710231)
VENDA NOVA
Girassol, R.Elias Garcia, 17-C (T.974161)
QUELUZ
Zeller, R.da República, 83 (T.950045); **Correia**, L.do Mercado, 3 (T.950906); **Serra e Pinto**, Av. D.António C.Sá, 50-E (T.957619)
CACÉM
Araújo e Sá, E.de Paço de Arcos, lote 1-B (T.2940781)
MEM MARTINS
Miranda Garcia, E.de Mem Martins, 173-B (T.2914103)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Marrazes, Estefânia (T.2930058)
COLARES
Abreja (T.299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. C.G.Guerra, 29 (T.2112081)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T.2435147). Até às 22 horas
OEIRAS
Oeiras, L.Henrique Paiva Couceiro (T.2430485). Toda a noite
CARCAVELOS
Central. Até às 24 horas
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (T.2471054). Toda a noite
S.PEDRO DO ESTORIL
S.Pedro, R.9 de Abril, 24 (T.263052). Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (T.260085). Toda a noite
CASCAIS
A.Costa, R.Freitas Reis, 24-C (T.280214). Até às 22 horas; **Cordeiro**, Av. C.G.Guerra, 40 (T.280170). Toda a noite

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L.António dos Santos Jorge, 15 (T.234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Central, R.de Olivença, 11-B (T.2750504)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E.Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRO
Higiénica, R.D.Manuel I, 178 (T.2073017)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, E.das Barrocas, 50-A (T.2494192)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.23902)
MONTIJO
Diogo, R.Almirante Reis, 50 (T.2310032)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)
SETÚBAL
Lisboa, R.Dr. Paulo Borba (T.22248); **Saião**, Av. Portela (T.22709)
SEIXAL
Soromenho, R.Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 29

ATÉ ÀS 22 HORAS

Alves da Silva, Av. da Boavista, 1016; **Azevedo**, R.do Meiral, 503; **Gomes Ferreira**, R.Faria Guimarães, 449; **Nau Vitória**, R.Nau Vitória, 723; **Ordem da Trindade**, R.Heróis e Mártires de Angola; **Confiança**, R.de Santa Catarina, 960; **Antas**, Av. Fernão de Magalhães, 1076; **Antiga Porta do Olival**, Campo Mártires da Pátria, 122; **Falcão**, R.de Santo Ildefonso, 61; **Ferreira**, P.D.Afonso V, 55-B; **Lousada**, L.do Campo Lindo, 62

A PARTIR DAS 22 HORAS

Alves da Silva, Av. da Boavista, 1016; **Azevedo**, R.do Meiral, 503; **Gomes Ferreira**, R.Faria Guimarães, 449; **Falcão**, R.de Santo Ildefonso, 61

COIMBRA

Luciano e Matos, Rua da Sofia, 11. Tel. 22147; **Machado**, Rua Bernardo Albuquerque. Tel. 23767; **Sidálio**, Largo da Sé Velha, 14. Tel. 23234.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A CIA dos Cardeais»
MARIA VITORIA
30.30 e 22.45 (18 anos)
«Força Força Camarada 25»
VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»
MONUMENTAL
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Lisboa Acordou»
CAPITÓLIO
20.30 e 22.5 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Piscina»
CIRCO MARIANO
21.45
No Largo Martin Moniz
TRINDADE
21.15 (10 anos)
«La Boème»
COLISEU
21.30 (13 anos)
Noites de Moscovo
LAURA ALVES
20.30 e 22.45
«A Mão no Ar e o Pé Atrás!»
VILLARET
20.30 e 22.45 (13 anos)
«Pascoal»
TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.15 (13 anos)
«Pequenos Burgueses»
VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Trapos e Rendas»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«S. P. Y. S.»
JARDIM
21.00 (18 anos)
«Testemunha Inconsciente»
MOSCAVIDE
21.15 (14 anos)
«A Desforra de Hércules»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Os Galãs Atacam»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Emmanuelle»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«Adolescente Perversa»
OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00 (6 anos)
«Música no Coração»
ESTORIL Casino
17.00 e 21.15 (13 anos)
«A Casa dos Diamantes»
ESTORIL
Palácio
21.15 (18 anos)
«O Conformista»
CASCAIS
S.José
21.15 (13 anos)
«Os Defensores da Cidade»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Emmanuelle»
ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Ana, Aquele Particular Prazer»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«A Mais Brava Vingança»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21.45 (13 anos)
«O Soldado e o General»
MODESTOS
22.00 (13 anos)
«Opera-Mundi»
Sá da bandeira
21.45 (18 anos)
«Com Eles no Sitio»

PORTO/Cinemas

RIVOLI
21.15 (13 anos)
«A Casa dos Diamantes»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«As Mil e Uma Noites»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Karate em Hong-Kong»
PASSOS MANUEL
21.30 (13 anos)
«Joe Hill»
VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Conde Yorga Vampiro»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Golpe Baixo»
S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«Pecados em Família«
COLISEU
21.15 (18 anos)
«As Noites Loucas do Hotel Lua de Mel»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«Júlia e os Homens»
ESTUDIO
21.15 (13 anos)
«Dilema em Noite de Núpcias
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«A Professora»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«Madly, a Outra Mulher»
ESTÚDIO FOGO
21.15 (13 anos)
«Stavisky-OGrandeJogador»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Amar Não Mata»
GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«A Raça dos Senhores»
S. TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Laranja Mecânica»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Pecados em Família»

cinemas

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS
PATHÉ e TIVOLI
A LINDA PAMELA
APOLO 70
BENILDE OU A VIRGEM MÃE
444
A ESCAPADELA

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
UM DIA DE SOL
Um filme de Joseph Sargent
Uma história de Amor... hoje para si que é jovem

APOLO 70

T. 763319 Estreia às 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BENILDE OU A VIRGEM MÃE
Com Maria Barroso, Jacindo Ramos e Glória de Matos
Hoje às 24 h. Grupo D./18 anos
OS MUROS DO DESESPERO

ROXY

T. 48560 14.00, 16.30, 18.45 21.15
Int. a menores de 18 anos
5 mulheres violadas!
A sua vingança
ACTO DE VINGANÇA
um filme de Robert Helljchian
2.ª Semana

PATHÉ

T. 821933 Estreia às 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A LINDA PAMELA
A criada de quarto com muito para contar

ALVALADE

T. 897480 Estreia às 21.15
Grupo C (14 anos)
FESTIVAL JOE COCKER E LEONS RUSSELL

NIMAS

T. 574362 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Int. a menores de 18 anos
PÂNICO EM NEEDLE PARK
O problema da droga num filme de Jerry Schatzferg
C/ Al-Pacino e Kitti Winn
Prod. Dominick Dunne

MONUMENTAL

T. 555131 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SEMENTE DE TAMARINDO
4.ª Semana
Nas sessões das 15.15 e 21.15 Reportagem da visita do Senhor Presidente da República à União Soviética
CAMINHOS DA REVOLUÇÃO
Prod. do Instituto Português de Cinema
Real. de Jorge Cabral

CINEBOLSO

T. 573407 12.30, 14.30, 16.45, 19. 21.30
Interdito a menores de 18 anos
NÚPCIAS DE PORCELANA
contém cenas eventualmente chocantes 2.ª Semana
Às 24 h. (Int. M. 18 anos)
VOCÊ INTERESSA-SE PELA COISA?

UNIVERSAL

T. 774402
Não acon. a menores de 13 anos
Às 17.00 e 23.00 h.
SAM BIZANGA
15.00 e 21.00
OS INCONFIDENTES
Às 19.00 h
A LUTA DO POVO DE ANGOLA

IMPÉRIO

T. 555134 15.15, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
Stephane Audran (Prémio Interpretação)
AS RIVAIS
(Les Biches)

EDEN

T. 320769 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Int. a menores de 18 anos
O CAMPEÃO
Shch Szu e Chin Han

TIVOLI

T. 570595 Hoje estreia às 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A LINDA PAMELA
Com Ann Michelle e Julian Barnes

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O BATER DE DOIS CORAÇÕES
c/Judah, Barkan - Nona Sillertein
Amanhã às 24.00
Interdito a menores de 18 anos
UM FILME DOCE

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A CASA DOS DIAMENTES

ROYAL

T. 865037 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A RAÇA DOS SENHORES

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Int. a menores de 18 anos
AS CONFIDÊNCIAS DE UM LEITO MUITO ACOLHEDOR
Contém cenas event. chocantes
5.ª Semana de enchentes

ROMA

T. 727778 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Int. a menores de 18 anos
JÚLIA E OS HOMENS
este filme contém cenas eventualmente chocantes. 9.ª Semana

VOX

T. 72080814.15, 16.30, 19.00 e 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
TÃO SÉRIO COMO O PRAZER
um filme de Robert Benayoun

CARLOS MANUEL SINTRA

21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SEMENTE DE TAMARINDO

Em ALCOBAÇA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Tabacaria de José Narciso da Costa, Suc. Praça dr. Oliveira Salazar, 54

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O VIGILANTE
Um filme de Francis Ford Coppola
2.ª Semana
«Watergate».Telefonesemescuta...
A Violação da vida privada

CONDES

T. 322523 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Para todos
Em frente... RIR
SIM, SIM, MEU CORONEL
C/ Jacques Dufilho e Aldo Maccionne

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15
Int. a menores de 18 anos
4.ª Semana do filme de alto nível espectacular
ISABELA DUQUESA DO DIABO
c/Brigitte Skav ... a odisseia de uma jovem requestada e violentada

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A obra-prima do humor herético
TARZOON

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A sensacional comédia de Wovdy Allen 3.ª Semana
O A B C DO AMOR

AVIS

T. 47163 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A IRMÃ DA CASTA SUSANA
Terry Torday, Glenn Saxon

SATÉLITE

T. 562632 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Não acons. a menores de 13 anos)
FELLINI 8 1/2

CINEARTE

T. 660446 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
JUNTOS SÃO DINAMITE

ESTÚDIO

T. 555135 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
UMA MULHER É UMA MULHER

ESTÚDIO 444

T. 779095 Estreia às 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A ESCAPADELA
com Jean Louis Trintignant, Marie Dubois

EUROPA

T. 661016 15.15 e 21.15
Int. a menores de 18 anos
A LOJA DO SEXO
Nathalie Delon e Claude Berry

RESTELO

T. 610375 Às 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
0077 AGENTE INDECENTE

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
ESTADO DE EMERGÊNCIA
c/ Sean Comery

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 195, 1.º, 2.º
TELEF. 65631/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

NOVA C.A. NA C.M.L.

Por despacho do Governador Civil do distrito de Lisboa, foi substituída a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa. Na nova Comissão integram-se o coronel de engenharia Lino José Góis Ferreira (Presidente), inspector superior administrativo Manuel António Madeira (vice-presidente) e inspector administrativo de 1.ª classe Tubaldo Vargues.

Segundo o despacho do governador civil, a nova comissão assume imediatamente as suas funções.

No mesmo despacho, com data de ontem, diz-se que «a suspensão da actividade governativa, hoje transmitida ao País em comunicado do Gabinete de Sua Excelência o Primeiro-Ministro, obriga a considerar o assunto fora das competências normais, atenta a sua extrema urgência e necessidade pública».

Entretanto, resta por esclarecer muito do que se passou, na base da recente crise na C.M.L. Amanhã publicaremos, a propósito, novo depoimento do eng. Caldeira Rodrigues, que nos contará muita coisa importante para o «dossier» «C.M.L.»

MORAIS E SILVA TENTA NEUTRALIZAR PÁRA-QUEDISTAS

. O Chefe do Estado-Maior da Força Aérea mandou cortar, a partir de hoje os fornecimentos ao Regimento de Pára-Quedistas de Tancos na tentativa de os vencer por medidas administrativas. Simultaneamente determinou que os sargentos escolhessem três unidades para posteriormente serem colocados. Começam assim a ser postas em prática as medidas que os órgãos do Poder, mesmo quando não têm poder real, tentam impor pela força do ofício e da ordem de serviço.

Contactado esta manhã o Regimento de Caçadores Pára-Quedistas fomos informados com um «afirmativo» em relação a estas duas decisões do C. E. M. F. A. Mas fomos também informados do seguinte: em relação ao corte de fornecimentos à unidade não têm problemas por agora, e temos dúvidas que o C. E. M. F. A. consiga matar os páras à fome. Se outras iniciativas não forem tomadas, serão as próprias massas trabalhadoras a demonstrar a sua solidariedade com os pára-quedistas que, de uma forma tão decisiva, se puseram ao seu lado.

Quando à transferência dos argentos para diversas unidades, ainda que à sua escolha (que generosidade!) eles recusam-se terminantemente a sair de Tancos enquanto sentirem que a Revolução Socialista está ameaçada. Mais importante, conforme nos salientou o nosso informador, é que a posição assumida pelos pára-quedistas resulta de uma tomada de posição consciente e de uma opção que não poderá ser desfeita por qualquer tipo de manobras.

A situação nos pára-quedistas ao fim da manhã de hoje era portanto de absoluta firmeza. O corte de abastecimentos estava confirmado mas não vai resultar. Ao mesmo tempo informações de outra origem dão-nos indícios de que as próprias massas populares começam já a movimentar-se no sentido de assegurar aos pára-quedistas que nada de essencial lhes falte. Será oportuno lembrar que as grandes vitórias da Revolução têm sido justamente obtidas à custa das posições de firmeza dos militares progressistas em conjugação com a imaginação e criatividade revolucionárias das massas populares.

PUB

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE
empresa nacionalizada

AVISO AOS CONSUMIDORES

É aos domingos que podemos interromper a corrente em alguns locais para se efectuarem trabalhos de reparação e de ampliação da nossa rede de distribuição de energia eléctrica.

No próximo domingo, para esses trabalhos, estão designados os seguintes Sectores e Zonas:

2.º Sector — **Concelho de Lisboa**: C. da Ajuda de 23 a 31-A, R. General João de Almeida de 1 a 3 e de 2 a 36. (Das 8 às 12 horas).

3.º Sector — R.6 de 1 a 15, R.2 e R.4 do Bairro da Calçada dos Mestres, C.dos Mestres de 1 a 59, C.da Quintinha n.º 2 e 4, R.D.João de Castro, L.do Rio Seco e imediações. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — R.Passos Manuel de 4 a 64 e Av. Almirante Reis de 90 a 110. (Das 8 às 12 horas).

10.º Sector — E.Militar à C.de Carriche, arruamentos projectados e imediações da E.Militar. Bairro da Horta Nova, Alm. Linhas de Torres n.º 104 a 154. R.Luís Pastor Macedo, R.Silva Tavares, Bairro da Musgueira Norte e imediações. E.da Portela e imediações, Rs. 18, 20 e 22 do Bairro da Encarnação. R.Quinta do Morgado. (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras**: **Barcarena**, Casal Sto. António do Sol Posto; E.N. 250 e imediações. (Das 8 às 14 horas).

2.ª Zona — **Concelho de Cascais**: **S.João do Estoril**, R.João António Gaspar, Av. Marginal, zona vizinha à Escola da Verbena e imediações. (Das 8 às 14 horas).

3.ª Zona — **Concelho de Sintra**: **Carenque**: E.das Águas Livres, Casal dos Anjos, Casal das Camélias, Serra da Silveira e imediações (Das 8 às 14 horas). **Vale de Lobos**: (Das 8 às 14 horas). **Várzea de Sintra**: (Das 8 às 14 horas). **Sintra**: R.Guilherme Gomes Fnernandes, Rio do Porto, C.do Rio do Porto. (Das 8 às 14 horas).

8 4.ª Zona — **Concelho de Mafra**: Vila Franca do Rosário, Aboboreira, Barril, Picão, Tourinha, Almeirinho do Clemente, Barras, Carrascal, Caneira Velha e Livramento. (Das 8 às 14 horas).

5.ª Zona — **Concelho de Vila Franca de Xira**: Alhandra (parte) (Das 8 às 14 horas).

6ª Zona — **Concelho de Alenquer**: Chegranças (Das 8 às 14 horas).

7.ª Zona — **Concelho de Torres Vedras**: S.ª Rita, Penafirme, Póvoa de Penafirme, S.ª Cruz, Parque de Campismo de S.ª Cruz, Boavista, Praia Azul, Silveira, Casalinhos de Alfaiate, S.Pedro da Cadeira, Praia da Assenta, Freiria, Pedra, Casal Fernandinho, Arneiros, Gilbrartar, Moçafraneira, Ponte de Rol, Bordinheira, Fonte Grada. (Das 8 às 14 horas).

A ESQUERDA EXIGE:

GOVERNO DE UNIDADE REVOLUCIONÁRIA

— P.S. e P.P.D. justificam o "seu" VI

Reacções diferentes nos meios partidários suscitou a decisão do VI Governo suspender-se. Num esquema muito breve pode dizer-se que as forças de esquerda foram unânimes na interpretação da decisão: ela representa uma evidente «chantagem» (e as mais das tomadas de posição pública utilizam mesmo esta designação). Enquanto isto, o bloco político da direita (e neste incluído, pelo menos na situação actual, o P. S.) justificou a decisão em argumentos idênticos àqueles de que o próprio Governo se servira. Houve ainda reacções mais extremadas: assinala-se, de par com uma denúncia da «chantagem», a eventualidade de o P. C. P. se servir da situação criada para ganhar lugares de decisão preponderantes.

Já ontem referimos as primeiras reacções que houve. Elas partiram do P. C. P. e do M. D. P. e caracterizaram-se principalmente pela denúncia feita do significado, parece que claro e indiscutível, da decisão tomada pelo Conselho de Ministros. «Chantagem» — disseram. O VI estava a fazer uma espécie de ultimato ao general Costa Gomes. Pela sua decisão (auto-suspensão) o Governo deveria considerar-se demissionário, demitido.

A única saída para a situação criada só poderá ser uma saída de esquerda. Estas interpretações foram sintetizadas das palavras de ordem ditas por um coro de milhares de vozes à noite em Belém. Posteriormente às tomadas de posição pública do P.C.P. e do M.D.P., pronunciaram-se praticamente todos os partidos e organizações políticas, podendo-se dizer, hoje de manhã, que são já conhecidas as posições dos representantes de praticamente todos os quadrantes políticos. No que respeita àqueles casos de que não se tem notícias de qualquer tomada de posição, pode-se dizer que o silêncio é também significativo.

F U R : POR UM GOVERNO DE UNIDADE REVOLUCIONÁRIA

«É altura de derrubarmos este Governo e avançarmos com decisão e sem perda de tempo para um Governo de Unidade Revolucionária, que garanta as conquistas revolucionárias, que dê condições para o desenvolvimento do Poder Popular, que abra caminho para o socialismo» — dizia a F. U. R.

Para a Frente, num comunicado emitido pelo seu secretariado onde se convocava a população para a concentração em Belém, «O VI Governo Provisório tenta a sua última e mais desesperada manobra. A suspensão de actividades é um ultimato ao Presidente da República para que este dê ao VI Governo meios militares para reprimir os trabalhadores.»

M. E. S : NÃO A «UM QUALQUER VII»

«Vivemos momentos decisivos» — dizia o M. E. S. apontando igualmente para a necessidade de um Governo Revolucionário e apontando desde logo para os riscos que entrevia na possibilidade de «os conciliadores reformistas», trocarem «o futuro da Revolução por mais umas pastas ministeriais num qualquer VII Governo de conciliação de classes».

LCI: POR UM GOVERNO OPERÁRIO

A Liga Comunista Internacionalista, LCI, fazia uma demorada análise da situação criada a partir dos seus antecedentes mais próximos e exigia: «que os partidos que se reclamam dos interesses dos trabalhadores e da luta pelo socialismo, o P. C. P. e o P. S. não colaborem com os partidos burgueses nem com as instituições capitalistas, a Constituinte e o Conselho da Revolução.

A Liga propõe um «Governo Operário» que substitua e se oponha a «um Governo de colaboração de classes.»

Idêntica posição a do PRT, Partido Revolucionário dos Trabalhadores: «Frente única de trabalhadores para garantir um Governo democraticamente eleito.» Porque «só os trabalhadores no Poder resolverão a crise e garantirão um Portugal socialista.»

P.R.P.: «G.U.R.»

«O VI Governo Provisório mais uma vez demonstra que, além de terrorista e criminoso é um fiel instrumento do imperialismo — dizia o Partido Revolucionário do Proletariado. — Esta sua decisão de suspender a actividade é mais uma manobra habilmente calculada para fazer chantagem sobre as forças militares no sentido de obter uma solução provável de direita.»

U.D.P.: CRÍTICA AO P.C.

Falando de «chantagem» a propósito do VI Governo, dizia a U.D.P.: «ao povo não interessa este Governo repressivo antipopular». Mas — acrescentava — «também não interessa um Governo à imagem do V, a fabricar leis antioperárias».

A U.D.P. criticava duramente o P.C.P., colocando no mesmo plano Sá Carneiro, Mário Soares e Álvaro Cunhal.

P.S.: «O VI PODE»

Muito diferente era a posição que o P.S. assumia ontem no contexto da situação criada — o que é perfeitamente plausível se tivermos em conta que, a situação criada, foi o P.S. uma das principais forças que a criou.

«O VI Governo foi constituído após garantia dada pelo sr. Presidente da República, de que esse dever seria cumprido — dizia um porta-voz, Sottomayor Cardia. — O Partido Socialista empenha todos os seus esforços na defesa da paz, da unidade nacional e da democracia; apela, para o senhor Presidente da República no sentido de ser assegurada a adopção de medidas que a dignidade e a autoridade do Estado impõem».

P.P.D.: «O VI QUER»

Reforçando as razões que assistiam àqueles que falavam de «chantagem», o P.P.D. falava de «intimação» pela voz do seu secretário-geral Sá Carneiro, na manhã de ontem: «Considero que a decisão do VI Governo de suspender a sua acção é uma clara intimação aos mais altos responsáveis militares».

Numa nota proveniente do Secretariado da Comissão Política e emitido ontem a meio da tarde, o P.P.D. asseverava: «O Governo decidiu suspender as suas actividades porque não tinha garantias para governar».

O P.P.D., como habitualmente de há algum tempo a esta parte — e tal como o P.S., no texto atrás transcrito — não falava de «revolução». Discretamente, o discurso substituiu a palavra «revolução» pela palavra «democracia».

Ralis:

JURAMENTO COM O PUNHO NO AR

. «Nós soldados, juramos ser fiéis à Pátria e lutar pela sua liberdade e independência. Juramos estar sempre, sempre ao lado do Povo, ao serviço da classe operária, dos camponeses e do Povo trabalhador. Juramos lutar, com todas as nossas capacidades, com voluntária aceitação da disciplina revolucionária contra o fascismo, contra o imperialismo, pela democracia e poder para o Povo, pela vitória da Revolução Socialista».

Este foi o juramento feito hoje, no Ralis, por 170 novos recrutas da Unidade, a pronunciarem as palavras pausadamente, a olhar a bandeira nacional, com o braço direito levantado e os punhos cerrados.

A fórmula, que surge pela primeira vez em Portugal, em qualquer juramento de bandeira, teve o seu texto aprovado pelo comandante da Unidade, pela A.D.U. do Ralis e pela Comissão de Soldados, sendo o ponto mais significativo da cerimónia desta manhã. O general Carlos Fabião, chefe do Estado-Maior do Exército esteve presente tendo chegado às 11 horas, ladeado pelo coronel Leal de Almeida, comandante do Ralis e pelo brigadeiro Rodrigues da Costa, director da Arma de Artilharia. Imediatamente, ao som da «Marcha do 25 de Abril»; passou em revista as tropas formadas na parada.

Num rápido e objectivo discurso, de sua elaboração, o coronel Leal de Almeida lembrou que «é numa situação particularmente difícil que, esclarecidos e conscientes, jurais a vossa inabalável vontade de defender as conquistas alcançadas pelos trabalhadores e o avanço do processo revolucionário em curso. Situação difícil dadas as muitas ambiguidades do processo e a dificuldade de contrapor ao avanço das forças reaccionárias, uma alternativa verdadeiramente revolucionária».

. O general Carlos Fabião, no seu improviso, disse que «a Revolução Portuguesa precisa de muitos braços que garantam a segurança do processo, s conquistas alcançadas e, sobretudo, a impossibilidade da História andar para trás».

. Antes do general Carlos Fabião, falou uma representante do Coordenadora Mista de Comissões de Trabalhadores e de Moradores da 7.ª Zona.

Encerrou a cerimónia, um desfile das forças operacionais, sob o comando do major Dinis de Almeida.

nota

DESGOVERNAR

Os ministros suspendem-se para umas coisas mas não se suspendem para outras. Suspendem-se para governar mas não se suspendem para desgovernar. Um exemplo: Lopes Cardoso auto-suspendeu-se, solidário com a estranha decisão do VI Governo e já suspenso correu ao seu Ministério para elaborar mais um despacho, o primeiro depois do lock-out, em que anula «todos os despachos de delegação e competência do ministro da Agricultura e Pescas nos secretários de Estado da Estruturação Agrária, do Fomento Agrário e das Pescas e no sub-secretário-adjunto».

O ministro Lopes Cardoso exibe assim a sua condição de pluralista socialista em liberdade para, de forma ditatorial, obrigar coercivamente os secretários de Estado a colaborarem no **lock-out**. Métodos aprendidos no seu partido, onde, ao que consta, a democracia interna não é prática corrente.

QUANTO GANHA UM HOMEM

A propósito da transcrição que aqui fizemos de algumas considerações (algumas, acentue-se) do «Notícias da Amadora» que acompanhavam a reprodução do boletim de vencimento do coronel Melo Egídio (comandante do A.M.I.) referente a Outubro, onde figura a quantia de 64 540$00 como total de abonos, recebemos um indignado telefonema do tenente-coronel Costa Brás. Aquele oficial disse-nos, nomeadamente:

. «É preciso descer-se muito para fazer uma transcrição destas. Ninguém procurou saber a quantos meses isso corresponde. É vergonhoso. Não tenho procuração do coronel Melo Egídio, mas sou seu camarada e posso dizer que isso é mentira».

Damos ao tenente-coronel Costa Brás o direito de classificar a transcrição como entender. Admitimos até que possa ter razão. Mas que o boletim reproduzido era referente ao mês de Outubro isso podemos assegurar-lhe. O coronel Melo Egídio poderá, quando o pretender, explicar o assunto, para o que contará com o espaço necessário no nosso jornal. Não percebemos bem porquê tanta indignação.

CIVIS DO EXÉRCITO

Os trabalhadores civis do Exército levam a efeito amanhã, pelas 15 horas, no anfiteatro de electricidade do Instituto Superior Técnico, um plenário de trabalhadores destinado a tomar importantes decisões para a «classe».

O secretariado executivo das comissões de delegados dos trabalhadores civis do Exército apelou para a comparência maciça dos seus camaradas a esta reunião. A ordem de trabalhos é a mesma que havia sido anunciada para o plenário previsto para o passado dia 8, que não chegou a realizar-se «por motivos de força maior».